

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

**MARCO TÚLIO CÍCERO: UMA NOVA PROPOSTA PARA A
FORMAÇÃO DO ORADOR**

MARILZA DE LIMA JARDIM

MARINGÁ

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

**MARCO TÚLIO CÍCERO: UMA NOVA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DO
ORADOR**

Dissertação apresentada por MARILZA DE LIMA JARDIM, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador

Prof. Dr.: JOSÉ JOAQUIM PEREIRA DE MELO

MARINGÁ

2016

MARILZA DE LIMA JARDIM

**MARCO TÚLIO CÍCERO: UMA NOVA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DO
ORADOR**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Joaquim Pereira de Melo (Orientador) – UEM

Prof. Dr. Marcos Roberto Pirateli IES – UNESPAR

Prof. Dr. Reginaldo Aliçandro Bordin – PUC-PR

Data de Aprovação:

Maringá, 08 de Abril de 2016

Dedico este trabalho a todos aqueles que direta ou indiretamente influenciaram para que ele se realizasse.

AGRADECIMENTOS

Em especial ao Professor Dr. José Joaquim Pereira de Melo mestre, pela orientação, essencial para que a dissertação fosse concluída, pois tem sido um modelo de profissional e que passei a admirar e ter como exemplo.

A meus pais, que na simplicidade souberam exercer a responsabilidade, me auxiliando no processo de formação, não tanto na formação acadêmica, mas na formação moral, para a vida, ensinando princípios que me conduzem até hoje.

A meus filhos, que souberam entender minha ausência e sempre me incentivaram a continuar buscando o aperfeiçoamento acadêmico.

“[...] a melhor recompensa de sua virtude sem mácula seja, para os sábios, a consciência plena de suas boas ações” (CÍCERO, Da República, VI, I).

JARDIM, Marilza de Lima. **MARCO TÚLIO CÍCERO: UMA NOVA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DO ORADOR** 104f. (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá.
Orientador. JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO. Maringá, 2016.

RESUMO

O objetivo da dissertação é discutir a proposta de educação concebida por Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) para o orador, aquele que responderia às necessidades da sociedade romana de seu tempo. Portanto, buscou-se compreender em que consistia o pensamento ciceroniano no que tange à formação e verificar o modelo de educação oferecida em Roma até o período republicano. A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi de caráter bibliográfico, compreendendo o processo histórico em construção. Buscou-se identificar os implicativos que contribuíram para a elaboração de seu pensamento, destacando sua trajetória de vida, produções e modelo de educação por ele apresentados no seu contexto histórico. O percurso da pesquisa priorizou uma bibliografia de caráter geral que favorecesse a compreensão do processo formativo e o papel do orador para a sociedade romana. Cícero apresentava-o como o homem ideal e justificava a necessidade da aquisição de um conhecimento geral para a sua formação cujo *humanitas* se torna o modelo de currículo, na intenção de formar um homem que congregasse valores que o comprometesse com a pátria.

Palavras-chave: Cícero, Homem, Formação, Humanitas, Orador.

JARDIM, Marilza de Lima. **MARCO TÚLIO CÍCERO: UMA NOVA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DO ORADOR** 104f. (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá.
Orientador. JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO. Maringá, 2016.

ABSTRACT

The dissertation's objective is to discuss the education proposal designed by Marco Tulio Cicero (106 – 46 B.C), for the Orator, the one who would meet the needs of the roman's society in his time. Therefore, it tried to understand the consistence of the Ciceronian thinking about formation and verify the education model offered in Rome until the republican period. The methodology followed to the development of the research was bibliographic, comprehending the historic process in progress. It tried to identify the implications that contributed to the elaboration of his thinking, contrasting his life trajectory, productions and education model presented by him in his historic context. The course of the research prioritized a general bibliography that could favor the comprehension of the formative process and the Orator role to the roman society. Cicero presented sim as the ideal man and justified the necessity of the acquisition of a general knowledge to his formation which *humanitas* becomes the curriculum model, with the intention educate a man that would congregate values which would compromise him with the homeland.

Key-words: Cicero, Man, Formation, Humanitas, Orator.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ROMA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS.....	14
2.1 Roma: Aspectos do seu pensamento pedagógico	18
2.2 O papel da família no processo educativo	27
2.3 Sistema escolar.....	31
2.4 A escola primária	32
2.5 A escola secundária.....	33
2.6 A escola superior	35
3 CÍCERO: VIDA, OBRA E PENSAMENTO.....	39
3.1 Biografia.....	39
3.2 Obra	46
3.1.1 Discursos	46
3.1.2 As cartas.....	49
3.1.3 Das produções filosóficas	50
3.1.4 Das produções sobre a Retórica	55
3.2 Pensamento.....	60
4 O HOMEM IDEAL CICERONIANO	69
4.1 O conceito de Homem	69
4.2 O orador.....	72
4.3 O processo formativo do orador.....	84
4.4 Crítica às escolas dos Retores e sua proposta formativa do orador	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

A dissertação apresentada tem por objetivo discutir o modelo de formação de Homem defendido por Marco Túlio Cícero, (106 – 43 a.C.), político de notoriedade, filósofo, orador, escritor, advogado em Roma no século I a. C.. Para ele é a partir da moralidade e da prática que se poderia formar o homem ideal – o Orador - aquele que responderia as necessidades das transformações sociais por qual passava a sociedade romana de seu tempo.

Para a pesquisa buscou-se compreender, em linhas gerais, como se dava o processo formativo do orador romano. Compreendeu-se que, antes de tudo, a formação se pautava em um ideal de homem consagrado a *Res pública*¹.

Nos primórdios a educação romana se fundamentava nos ensinamentos dos antepassados – *mos maiorum* – (ensinamentos dos antepassados), vislumbrando formar um indivíduo de ações práticas. Formava-se para atender as necessidades imediatas da sociedade. “Tal característica decorria do fato de que, para os romanos, o passado tinha um caráter de sagrado [...]” (PEREIRA MELO, 2008, p.190).

Nesse processo, a família se tornou o meio natural, a primeira instituição responsável pela educação das crianças e jovens. A função da transmissão dos valores cabia à mãe e ao pai, que juntos assumiam a responsabilidade de formar a consciência em um ideal de moralidade e severidade. Era no seio da família e na observância das tradições, que se formava o homem que mais tarde atuaria,

¹ A *Res pública* se refere a um modelo de governo adotado por Roma no período durante um determinado período. Modelo de Governo formado pelo Senado, pelos magistrados e pelas assembleias, onde cada um destes órgãos tinham funções definidas na administração tanto de Roma, como também de suas províncias. Ao longo do texto, será utilizada a palavra República para designar ao sentido *Res pública*. A palavra República tem como origem as duas palavras latinas: *res* e *publica* que significa “a coisa pública”. Para Cícero, a República “É coisa do povo, considerando como tal, não todos os homens de qualquer modo congregados, mas a reunião que tem seu fundamento no consentimento jurídico e na utilidade comum” (CÍCERO, Da República, I, XXV). A sociedade é constituída do instinto de sociabilidade humana, pois segundo Cícero, o homem não nasceu para o isolamento e, portanto, naturalmente busca o apóio comum. Do instinto humano, da necessidade de se reunir em comunidade, nasceu a cidade e com ela toda a estrutura para satisfazer a necessidade comum. Sendo assim, “toda a constituição particular de um povo, toda a coisa pública – e por isso entendo toda coisa do povo – necessita, para ser duradoura, ser regida por uma autoridade inteligente que sempre se apóie sobre o princípio que presidiu à formação do Estado” (CÍCERO, Da República, I, XXVI).

sendo um homem de ação, do *negótiūm*, (negocio) que na sociedade cumpriria seu dever e contribuiria para o desenvolvimento da sua pátria.

No período da República, (509 a 27 a. C.), com o processo de expansão mediante as grandes conquistas e o contato com diversos povos, em especial com o mundo helênico, a cultura romana sofreu transformações, incorporando muitos aspectos vindos dessas culturas, principalmente da cultura Grega. Porém o povo romano conservou sua originalidade e não abandonou o mundo prático e os ensinamentos que sempre sustentou sua sociedade.

A cultura helênica foi decisiva na influência de grandes personalidades romanas, em apreço Marco Túlio Cícero, que acolhe e a assimila em uma perspectiva da tradição romana.

Cícero apresentou um conhecimento amplo e profundo da sua cultura e da cultura grega, o que influenciou sua participação no processo de assimilação da cultura helênica pelo povo romano. Ele é considerado “[...] um verdadeiro vaso comunicante tanto entre o pensamento helênico e o pensamento romano, como mais tarde, entre a cultura antiga e os Padres latinos” (NOUGUÉ, 2005, IX).

O estudo dos grandes filósofos gregos deu a ele a fundamentação para imprimir a originalidade à filosofia romana. Soube conjugar os saberes dos dois mundos, grego e romano, compreendendo os interesses da República, de uma moralidade prática, buscando conservar o ideal romano de formação.

A formação para ele deveria se pautar na prática da virtude e da política para o bem, tendo em vista a revitalização da República. Formar um homem para atuar além das causas do fórum e que assumiria a direção do Estado².

Reside aí sua grande preocupação com a formação de um homem de perfil “republicano” o que motivou os conceitos educativos por ele discutidos. A moral para ele é ação, honestidade, fruto da razão. De encontro com o entendimento da *humanitas* com “[...] acepção de condição humana e num duplo sentido: como estilo ou forma de vida superior a dos considerados bárbaros e como perfeição da

² A palavra Estada será utilizada ao longo do texto entendido no sentido da existência de uma determinada sociedade, com sua cultura, usos e costumes. Quando se diz que o homem romano era consagrado ao Estado, entende-se que se formava para servir a sua sociedade em defesa do seu povo, em favor do bem comum. “Cada forma de governo [...] recebe seu verdadeiro valor da natureza ou da vontade do poder que a dirige” (CÍCERO, Da República, I, XXXI. Ressaltando que para Cícero, a melhor forma de Governo era o modelo de República Romana.

natureza, o que implicava uma radical opção entre o homem e o animal, entre o homem e as coisas” (PEREIRA MELO, 2008, p.191). Defendia uma ética o dever, com base na lei natural, cuja finalidade é governar o todo, “[...] o que implica a defesa do bem comum, [...] uma base natural para a justiça”. (MONTEAGUDO, 2002, p. 61). O homem assim formado, de bem, seria o maior ornamento para a cidade, “[...] perfeito em todos os tipos de conversa, em qualquer campo da cultura” (CÍCERO, *Sobre o Orador*, I, 70).

De acordo com a afirmativa de Pereira Melo (2008) Cícero amplia o entendimento da formação moral e política, privilegiando a cultura geral e defendendo a aquisição de saberes vindos de diversas áreas do conhecimento.

Assim a pesquisa ora apresentada, se justifica ao colocar em evidência a discussão sobre as contribuições ciceronianas para a formação do pensamento do homem do século por ele vivido. E compreendendo que as preocupações concernentes ao aperfeiçoamento do homem estão presentes em diferentes espaços, tempo e culturas, reservando os distanciamentos e as características de acordo com os reclames de cada momento histórico.

Para chegar ao fim pretendido nessa dissertação, adotou uma metodologia de caráter bibliográfico. Procurou identificar os implicativos que contribuíram para a elaboração de seu pensamento, destacando sua trajetória de vida, produções e modelo de educação por ele apresentado.

Nesse pressuposto, a prioridade se tornou estudar o pensamento de Cícero, privilegiando seu ideal de formação, com base, ao mesmo tempo, na compreensão do processo formativo pelo qual seguia o orador romano. Ou seja, estudar a proposta educacional ciceroniana em contraposição ao processo formativo vigente naquela época, o que implicou em uma metodologia histórica de análise.

Os estudos tiveram como respaldo diversas produções voltadas para a temática privilegiada. Ou seja, referenciais teóricos, geral que proporcionaram a busca de informações para a reflexão e análise que permitiram a compreensão da proposta formativa ciceroniana para o orador. E ao discuti-la, promove a construção de um pensamento mais amplo de conceitos por ele defendidos e que pretendia compor o corpo do saber.

Recorreu-se como fontes primárias, as produções de Cícero, privilegiando *Sobre o Orador*, diálogo no qual discute o orador como homem ideal, a eloquência em um nobre sentido e coloca em evidência a prática da oratória com uma reflexão ampla na perspectiva da formação do orador atuante na vida pública e política; *O Orador*, no qual fez uma discussão sobre as técnicas da oratória, da importância do orador para a sociedade romana e do modelo de formação proposto; *Dos Deveres*, destinado a seu filho Marco, sintetizando as virtudes cívicas e morais, apresentando conceitos considerados necessários para a prática do bem; *Bruto*, onde aborda a história da eloquência romana desde suas origens; *Do sumo bem e do sumo mal*, no qual discute o “supremo bem” em relação às escolas filosóficas de sua época e demonstra sua preocupação com a criação e adaptação de vocábulos latinos ao universo da Filosofia romana.

Nesse sentido, podemos pensar que os conceitos abordados por ele, particularmente a moral como conteúdo formativo, guardaram seu lugar no tempo, pois, as normas e as regras acompanharam a vivência do homem em sociedade. “[...] é em função de fins específicos, definidos por certos interesses, que os homens estabelecem suas relações com a natureza e uns com os outros, articulando em sua ação sua vontade com as condições concretas do contexto em que vivem” (RIOS, 2011. p. 52).

Portanto, discutir educação se trata de compreendê-la em uma dinâmica histórico social, como produto das relações humanas, a partir das necessidades estabelecidas entre os sujeitos históricos e de sua satisfação. Diante disto, é considerado que não se dá fora de um processo em construção, mas que cada momento reserva suas distintas necessidades ligadas aos diferentes modos de produção cultural.

Assim estruturou-se este trabalho em três seções, conforme se discorre a seguir.

Na primeira seção buscou-se estudar em linhas gerais o contexto social e político para compreender como a sociedade em transformação ganha novos contornos, desestabilizando o homem e requisitando um reordenamento. Procurou conhecer o modelo de educação desenvolvida em Roma até o período da República compreendendo o processo formativo como instrumento social, meio pelo qual os homens se organizam.

A segunda parte procurou-se expor um breve histórico da trajetória de vida de Cícero e dos seus escritos, destacando algumas de suas produções: Discursos; Cartas; Produções filosóficas; Produções sobre retórica, em uma exposição concisa de suas características, compreendendo sua influência política e social e a base de seu pensamento pedagógico.

Na terceira seção, o objetivo foi proceder a uma compreensão do conceito de homem, da definição de orador, da proposta formativa e da crítica que faz ao modelo educativo desenvolvido pela escola dos Retores.

Um estudo que proporcionou a reflexão sobre o modelo educativo defendido por Cícero, para a formação do homem orador, requisitado para atender as necessidades da sociedade romana naquele momento histórico.

2 ROMA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS

As origens lendárias de Roma remetem à sua fundação pelos irmãos Rômulo e Remo, em 753 a.C.³, filhos do deus Marte e da princesa Rea Silvia, de Alba Longa, os quais foram abandonados no rio Tibre. Segundo o mito, os gêmeos foram amamentados por uma loba mitológica e, depois, recolhidos por um pastor que os criou.

As origens históricas da cidade, mesmo que discutidas, convencionou-se vinculá-las ao povo etrusco, oriundo da Ásia Menor, que, com o fim do Império Hitita, chegou por via marítima à Itália e estabeleceu-se na Etrúria, ao norte do rio Tibre, por volta do ano 900. Esse povo submeteu os nativos, construiu na região várias cidades fortificadas e, posteriormente, fundou também outras cidades no vale do rio Pó, no Lácio e na Campania. “Sua decadência teve início em fins do século IV a.C., quando os latinos conseguiram romper com o seu domínio” (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 407) obtendo, assim, sua independência, podendo dar início à sua conquista civilizacional.

Vale lembrar que, desde o início, Roma, “se constituiu como uma cidade defensiva de maioria latina que se enfrenta com os intrusos etruscos” (RODRIGUEZ CASADO, 1988, p. 108), ação que, em boa medida, foi possível pela aliança estabelecida entre os latinos, lavradores, e os sabinos, pastores montanheses – ambos os povos formados por homens da terra, desconhecedores da vida urbana e endurecidos pelo contato direto com a natureza. A aliança latino-sabina inaugurou dois séculos de preponderância camponesa, nos quais os principais magistrados da cidade continuaram sendo grandes proprietários de terras que desenvolviam suas atividades no trabalho dos campos. “No fórum, consagrados antes pelos etruscos, agora cultivam cebola” (GALINO, 1973. p. 375).⁴

Esses primeiros tempos representam uma reação camponesa frente à etapa helenizante do poder etrusco, ou seja, a imposição dos povos autóctones com conseqüente desenvolvimento de suas características originárias. A

³ a.C.: A sigla a.C. será omitida ao longo do texto na abordagem referente à biografia e produção de Cícero que se encontra na segunda seção deste trabalho, uma vez que viveu no século I a. C.

⁴ En el foro, consagrado antes por los etruscos, se cultivan ahora cebolla” (GALINO, 1973. p. 375).

agricultura se sobrepõe ao comércio, sendo possível dizer que o povo romano e a aristocracia que a governava tinha suas origens camponesa.

De acordo com Galino (1973), assim que efetivado o processo que libertou Roma dos domínios etruscos, os romanos organizaram sua vida política e social em torno de uma estrutura militar que tinha por fim defender seu território, que foi se ampliando com eventuais conquistas.

Vale destacar que sua organização política passou por três fases que se sucederam: a Monarquia (753-509), a República (509-27) e o Império (27-476 d. C.). Na Monarquia, de caráter eletivo, não hereditário, o rei contava com um Senado consultivo, composto pelos *patres*, em número de cem, e por uma espécie de Assembleia, formada pelos distintos clãs: a *comitia curiata*, (Assembleia das Centúrias). Junto a ela, criou-se, posteriormente, a *comitia centuriata*, na qual os clãs hereditários eram substituídos por centúrias e clãs militares. A ela competia a eleição das mais altas magistraturas, ainda que a *comitia curiata* fosse a que concedia o *imperium* (domínio), ao rei eleito e a que ditava, determinadas leis.

Com o fim do período Monárquico, implanta-se a República como forma de governo: dois Cônsules detêm poderes plenos e, em caso de perigo para o Estado, delegam o poder, temporariamente, a um Ditador. Os Cônsules eram assistidos, em suas funções, pelo Senado, a quem competia, formalmente, um papel consultivo nos âmbitos legislativo, judiciário e executivo; embora, de fato, era quem governava. Inicialmente, eram compostos exclusivamente pelos patrícios (*patres*), que se consideravam descendentes das antigas famílias de Roma, motivo de atribuírem a si todos os direitos. Posteriormente, como resultado da movimentação social promovida pelos plebeus, reivindicando direitos de participação na vida pública de Roma, seus representantes, aqueles pertencentes às primeiras classes (*conscripti*), foram incorporados ao Senado.

Os plebeus, homens introduzidos em Roma, procedentes de outros povos, eram considerados estrangeiros, despossuídos, carentes de direitos e, frequentemente, sujeitos à escravidão. Apesar da resistência em relação às exigências políticas requisitadas pelos plebeus, o Senado acabou cedendo, e se foram criando, sucessivamente, o *concilium plebis*, (Assembleia do povo), as *comitia tributa*, (Assembleia dos plebeus e dos patrícios), e os tribunos da plebe,

que eram eleitos a cada ano pelos plebeus para a defesa de seus direitos. Os acordos dos *comicios*, “*plebiscitos*”, (Consultas do povo), tinham força de lei, uma vez aprovados pelo Senado: as leis e o exército romanos adotaram, por isso, tradicionalmente, como estandarte, a fórmula *Senatus Populusque Romanus* (S.P.Q.R.), “O Senado e o Povo romano”.

O Senado passou por diversas e importantes mudanças ao longo dessas fases de organização política: durante a República, era o órgão mais representativo do poder romano. Seu papel e sua importância diminuíram paulatinamente durante o Império, até o seu desaparecimento. No século III d.C., com os Severos, foi reduzido a um simples órgão consultivo. A partir de Aureliano (214-275), o imperador passou a ser o *dominus*, (senhor).

Ao final do período das Guerras Civis (133-29)⁵, as crises de todas as ordens – econômica, social, política, militar, ético-religiosas – eram de tal envergadura que já não era possível reformas mais ou menos parciais e circunstanciais: a República estava em um momento conflituoso abrindo espaço para a implantação do Império. Porém, a forma política de Império não podia se assentar, com um mínimo de solidez e de permanência, sobre uma organização social constituída por um pequeno grupo, a dos futuros *honestiores*, (os mais honestos), composto por um exíguo número de senadores, *equites e decuriones* (oficiais romanos que comandavam dez homens), das cidades, ante uma grande

⁵ Guerras Civis: Segundo Coneglian (2012) com a expansão territorial, várias transformações desencadeiam a crise da República, entre elas a queda do poder senatorial, a ruína dos pequenos camponeses, o desenvolvimento do comércio, o aumento no número de escravos, aumento de desempregados rurais, a usura, o gosto pelo luxo e pelos prazeres, entre outros fatores que desencadeiam disputas sociais, assinalando a decadência da República. A primeira guerra civil (88 – 87) colocou Mario (157 – 86), general romano, em oposição a Sila (138 – 78), seu antigo colaborador. Mario defendia as medidas de reforma agrária, enquanto Sila defendia os interesses da aristocracia. Mário, eleito Cônsul, realizou reformas que promoveram a profissionalização do exército. As medidas seduziram principalmente os pobres e os desempregados, mas, desagradou o Senado e incentivaram disputas entre os comandantes do exército romano na tentativa de aliciar seus subordinados. Por fim Mario elegeu-se cônsul, permanecendo no poder entre 107 a 100. Com a morte de Mário, Sila retorna a Roma e com o apoio do Senado e instala-se a ditadura. Realizam-se várias reformas e entre elas o aumento dos senadores. As leis republicanas previam a ditadura como magistratura extraordinária, com poderes ilimitados, mas para atuar apenas em momentos de grave crise e por tempo determinado. A ditadura foi aos poucos enfraquecendo as bases da República. Com o agravamento da crise, paira sobre a República, um clima de desordem e agitação. Diversos chefes militares entraram, sucessivamente, em luta pelo poder, marcando o processo de transição para o império. Entre os principais acontecimentos desse processo destacam-se os triunviratos, associação política de comando de três homens em pé de igualdade. E mais tarde, resultou na implantação do Império.

massa de *Humiliores* (comerciantes, jornaleiros, escravos, entre outros) que formava a imensa maioria da população.

Assim, no século I a.C., depois de campanhas militares vitoriosas na Espanha, na África e no Oriente, a questão social muda de configurações: Roma havia centralizado na *Urbe*, (cidade), grandes riquezas procedentes das regiões mediterrâneas, que se concentraram em mãos de um reduzido setor da população – os *negotiatores*, (os banqueiros) –, que adquiriam o título de *equites*, (cavalheiros), e dos senadores, que ocupavam importantes cargos nas províncias. Essa situação provocou o enfrentamento da grande massa de pobres miseráveis com a minoria de ricos, o que resultou em um, relativamente, longo período de guerras civis que criaram as condições para a implantação do Império.

O modo de ser do homem romano sofreu profundas mudanças, aliciado pelas Guerras Púnicas⁶, mas, sobretudo, pelo extenso período do processo de helenização, que se inicia com a conquista da Grécia, (146). Roma se converteu no centro de um grande império helenista que modificou profundamente a personalidade original desse homem: os *mores atiquae* (costumes ancestrais) ou o *mos maiorum* (costumes dos antepassados) vão debilitando-se até sua quase desaparecimento. As profundas crises, – econômica, social, política e religiosa – fizeram irreconhecível a identidade romana, marcadas por suas grandes virtudes domésticas, cívicas e militares (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 407- 409), as quais encontravam na esfera do lar um espaço privilegiado, visto ser a família a grande formadora do homem romano.

Acrescente-se a isso o fato de ter sido, em todos os momentos, preocupação da sociedade romana educar suas crianças e seus jovens disciplinados e patriotas, os últimos, prontos para servir à sua pátria, no caso específico da República, a qualquer momento em que fossem solicitados. A formação desse homem cívico foi uma característica marcante da sociedade romana. Até mesmo por isso, o cidadão romano considerava um dever, porém um dever muito grato, servir ao seu Estado. Explícita, nesse sentido, foi a exortação de Horácio, ao aconselhar os jovens que imitassem os antepassados: “É belo e

⁶ Guerras Púnicas: Para CONEGLIAN (2012) as Guerras Púnicas foram uma sequência de três guerras entre Roma e Cartago, durante o período de 264 a 146 a.C. cujo principal motivo era o direito de controle da navegação no mar Mediterrâneo para a comercialização. Violentas batalhas, penosas e intermitentes, marcaram os longos anos das Guerras Púnicas, até que Roma conseguisse arrasar Cartago, em 146 a.C.

nobre morrer pela pátria” (HORÁCIO, Odes III, 2-13). Era dever de o cidadão romano entregar-se, na medida de suas possibilidades, ao serviço de sua pátria. A submissão e o espírito de renúncia calaram profundamente nesse povo, sempre tendo em conta reforçar a estrutura estatal. Assim, o fim precípua da educação romana consistia, sem dúvida, no serviço ao Estado.

Importa lembrar que esse espírito infundido no homem romano, pelo menos nas primeiras décadas da República, não esteve a cargo do Estado, “mas da família consciente de uma ordem superior” (MORENO et al. 1986, p. 100), visto que o Estado voltou-se para a educação muito mais tarde.

2.1 Roma: Aspectos do seu pensamento pedagógico

Os romanos tiveram clareza dos objetivos que orientaram a formação a ser oferecida às suas crianças e jovens. As raízes do seu processo educativo eram profundas e sólidas e se mantiveram ligadas aos seus valores pretéritos, mesmo quando da mistura com povos e culturas distintas. No conteúdo e nos objetivos dessa educação, evidencia-se uma contundente valorização da ética, respaldada no *mos maiorum*, (costumes dos antigos), que eram preservados e cultivados gerações após gerações. O essencial sobre esse modelo educativo encontra-se grafado no prefácio de o tratado *Sobre a agricultura*, de Catão (234–149), quando faz referências aos ancestrais: “[...] quando elogiam um bom homem, o elogiam como bom lavrador e bom colono. E o que obtinha este elogio, se tinha por ampliamiento. [...] Porque do camponês, saem os varões íntegros e os soldados aguerridos” (CATÃO, *Sobre a agricultura*, prefácio, 2-4).⁷ A preocupação com o saber intelectual não teve importância na primitiva educação romana. Nesse período a preocupação primeira era que o jovem romano aprendesse a ser um *bonus agricola* (bom agricultor) e um *bonus colonus* (bom colono): um bom proprietário rural dedicado à agricultura e à pecuária; e mais tarde, se fosse o caso, se preparasse também para ser um *bonus Milles* (bom militar). Entretanto, o objetivo fundamental da primitiva educação romana era que a criança e o jovem se tornassem um *vir bonus* (homem bom), ou seja, em um homem íntegro, útil

⁷ [...] cuando alababan a un hombre de bien, lo ensalzaban como buen labrador y buen colono. Y el que abtenía esta alabanza se tenía por ampliamiento alabado. [...] Porque de los campesinos salen los varones íntegros y los soldados aguerridos, (CATÓN, *Sobre la agricultura*, prefacio, 2-4).

para si mesmo, para a sua família e para a República. Assim, privilegiaram-se em Roma, quando da opção pelos conteúdos da sua educação, aqueles de carácter prático, vital e utilitário, o que fez dessa educação uma educação tipicamente romana. Privilegiou-se também nessa educação, o carácter familiar e tradicional, que requisitava, sobre tudo, a transmissão (*traditio*) de um conjunto de valores de geração para geração (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 424-426). Esse modelo educativo, mesmo muito tempo depois de desaparecido suscitou a tristeza de Plínio, o Jovem (61-112 d.C.), que em um quase lamento se posicionou:

Antigamente tinha sido estabelecido que aprendêssemos de nossos maiores, não só pelos olhos, mas, também por exemplos, o que devíamos fazer mais tarde e ao mesmo tempo ensinar aos nossos descendentes. Em seguida, quando os jovens chegavam ao serviço militar, para aprender obdecer e exercer comando, seguiam o que viram fazer os mais velhos. Assim, os aspirantes ao curso das honras, se inclinavam ao que se encontra no limiar da cúria, e foram espectadores, do Conselho Supremo, antes de entrar nele.

Cada um tinha por mestre seu próprio pai, e na ausência deste, tomava como pai, algum ancião notável e prudente. Assim aprendiam de uma forma mais segura, pelos exemplos e pela prática, qual era o poder dos relatores, o direito dos que se opunham a autoridade dos magistrados, a liberdade dos outros, de onde era oportuno ceder, convinha resistir, qual era o tempo de calar, quando convinha falar, como havia de se distinguir as opiniões contrárias, como foi que abundam o que os outros haviam dito, assim se aprendiam, finalmente como proceder no senado (PLINIO, el Joven, *Cartas*, 8, 14, 4-6).⁸

O processo educativo, a exemplo dos demais aspectos da sociedade romana, também teve suas origens na vida no campo. “[...] são realmente as virtudes camponesas que a educação antiga se preocupava em desenvolver”

⁸ »Antiguamente estaba estídas sino tambablecido que aprendiésemos de nuestros mayores, no sólo de aídas sino también por los ojos, lo que debíamos hacer más tarde y anseñar-lo al próprio tiempo a nuestros descendientes. De a la edad, entrabquí procedía el que a los jóvenes, en seguida que les llegaban en el servicio militar, para aprender a mandar obedeciendo, y a ajercer el mando, según veían hacer a los demás. De aquí que los aspirantes al curso de los honores, se quedaban de pie en los unbrales de la curia, y eran espectadores del consejo supremo antes de entrar en él.

Cada uno tenía por maestro a su próprio padre, y quien carecía de él tomaba como padre a algún anciano distinguido y prudente. Así aprendían de la forma más segura, por los ejemplos, y a práctica, cuál era el poder de los relatores, el derecho de los que se oponían, la autoridad de los magistrados, la libertad de los otros; dónde era oportuno ceder, convenía resistir; cuál era el tiempo de callar, cuándo convenía hablar, cómo se habían de distinguir las opiniones contrapuestas, cómo había que abundar en lo que otros hubieran dicho; así se aprendían, finalmente, los modos de proceder del senado.» (PLINIO, el Joven, *Cartas*, 8, 14, 4-6).

(MARROU, 1975, p. 369). Na sua orientação prática, a aprendizagem deveria ser da vida e para a vida, objetivando preparar o futuro adulto a assumir todas as responsabilidades que lhe eram devidas junto à sociedade. O contato com a terra e os valores agrícolas eram virtudes que deviam ser preservadas, vividas e transmitidas para as novas gerações, como herança dos ancestrais, como um ato quase que sagrado.

Ancorada nos mores estabelecidos pelos antepassados, a educação romana não tinha como objetivo mudanças resultantes em cultivo ou refinamento, mas sim a permanência dos costumes: o mos maiorum tinha a condição de estatuto. Tal característica decorria do fato de que, para os romanos, o passado tinha um caráter de sagrado: a própria religião tinha como função restabelecer o momento mais sagrado, o solo em que foram depositados os antepassados, a pátria (PEREIRA MELO, 2008, p. 190).

Desse modo os conceitos morais e religiosos aprendidos pelos jovens estarem ligados a sua vida rural cotidiana, “[...] são realmente as virtudes camponesas que a educação antiga se preocupava em desenvolver: amor ao trabalho árduo, frugalidade e austeridade” (MARROU, 1975, p. 368). O cultivo do campo, o contato com a terra e os princípios de laboriosidade, constância e parcimônia, eram partes integrantes das virtudes agrícolas que deveriam ser ensinados aos mais jovens.

Vale lembrar que em um primeiro momento, os conhecimentos intelectuais se mostram bastante limitados dados a realidade vivida pelo jovem romano, o que lhe impunha é ser educado no viver, ou seja, na vida prática do seu dia a dia, com uma aprendizagem a partir das suas experiências.

Frente ao personalismo grego, firmou-se entre os romanos um marcado espírito conservador e um notável apego à tradição, cristalizando-se, principalmente, um comportamento reverente para com os costumes e a sabedoria dos mais velhos (PEREIRA MELO, 2006, p. 3).

Os ares hauridos, principalmente após a conquista da Grécia (146), esse modelo de educação sofreu alterações, que, apesar da resistência de setores mais conservadores da sociedade romana, passou a influenciar a mesma cultura, por extensão, a sua educação. Apesar do saber prático e utilitário, continuasse

sendo privilegiado, outros saberes que extrapolavam as necessidades rurais, passaram a ser requeridos. Coloca-se a necessidade de adquirir um saber mais amplo e elaborado, para além do cultivo da terra, para atender as demandas da sociedade. Mesmo com essas novas questões sociais, “[...] Roma privilegiou o conhecimento prático e organizado em detrimento do teórico especulativo. Valorizou mais o *negotium*, do que o *otium*, a ética mais que a metafísica [...], levou ao máximo o poder de agir [...]” (PEREIRA MELO, 2006, p. 02), em resposta à sociedade, pela forma que se constituiu e se organizou. As resistências vencidas favoreceram os novos tempos inaugurados em Roma, com o diálogo estabelecido com a cultura grega, o que desencadeou uma irreversível transformação da cultura romana. A esse respeito, significativa é a sentença versejada por Horácio (65-8 a.C.), em suas *Epistolas*: “A Grécia subjugada subjugou o seu feroz vencedor e introduziu as artes no agreste do Lácio” (II, 1, 156). Em Cícero, pode ser encontrada uma sentença análoga, quando fez referência em Bruto da relação Grécia-Roma: “[...] Grécia, aun habiendo sido vencida, nos seguía venciendo”, (Grécia, embora tenha sido derrotada, ainda a bater-nos), (LXXIII, 254).

A interação entre valores especificamente romanos com valores essencialmente gregos teve como resultado o ideal de *humanitas*, (humanidade). “Ideal de formação que acolhe em seu seio matizes muito diferentes: saber viver conforme a razão, o domínio das paixões, a aspiração pela sabedoria como chave da vida, a elegância no pensar, no dizer e no atuar, comportamento moral e virtuoso” (MORENO, 1986, p. 107), entre outros.

Apesar da influência helênica na elaboração da *humanitas* latina, não se pode pensá-la como uma versão romana da *paideia* grega⁹. Com ela continuou

⁹ PAIDEIA GREGA: Jaeger (1986) o conceito de paidéia está ligado ao conceito de aretê. Trata de uma educação de aspecto integral, uma formação do homem como homem e cidadão, a formação do homem Ideal mediante uma formação intelectual, física e virtuosa, que, na vida, regem-se por normas certas de conduta, como a força educadora da nobreza que reside no fato de despertar o sentimento do dever em face do ideal. É o homem cultivando a ânsia de se distinguir e a aspiração à honra. O conceito, que nos seus primórdios designava somente o processo da educação como tal, apliou seu significado à medida que se compreendeu seu objetivo e conteúdo. Do processo da formação deslocou-se para o entendimento do ser formado. O conteúdo da cultura passa a fazer parte do processo educativo. Por fim, abarcaram, na totalidade, o mundo da cultura espiritual. O homem não é um ser individual, mas, social, nasce como um ser individual, mas pertencente a um círculo social que o determina. É o mundo se desenvolve a partir das relações desse ser individual e social. A construção histórica deste mundo atinge seu ponto máximo na medida em que acontece a compreensão conscientemente da necessidade da formação desse homem, ou seja, da

sendo valorizado as *bonae artes*, (Artes liberais), próprias do *vir bonus*, (homem bom). Essa interação trouxe consigo a necessidade de novos conteúdos, porque no lugar do *bonus agricola*, (bom agricultor) do *horridus miles* (soldado ríspido) educação primitiva, agora, Roma tinha como preocupação a formação do *orator bonus*, (bom orador), um novo ideal de perfeição que encontrou em Cícero o seu teorizador. Inclusive, um dos elaboradores da nova maneira de pensar a educação romana, o que resultou no aperfeiçoamento do conceito de *humanitas*.

Defensor de uma educação que não se limita aos valores práticos, consagrados pela tradição, ministrados nos lares, asseverou:

Tem muito maior riqueza nos livros que nos demais primores de sua casa. Tomara que seja os livros a sua maior recreação, ainda que propriamente deva ser o ofício teu instruí-lo para que faça semelhante ao pai Catão e a ti, que tão próximo estás. (CÍCERO, *Do Sumo bem e do Sumo mal* III, II).

O antecedente mais pretérito de *humanitas* pode ser encontrado, segundo a tradição literária latina, em Catão (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 426), que na narrativa de Plutarco (45-120 d.C.), contida em suas *Vidas paralelas*, que o político ensinou seu filho “as letras”, lhe deram a conhecer “as leis” e lhe exercitou na “ginástica” militar e no manejo das armas (PLUTARCO: *Vidas Paralelas*, “Marco Catón”, 20,5-6). Com ele tomou corpo a primeira síntese da tradição romana, constituída pela moral, pelo direito e pela milícia, a partir das letras gregas. Também se remete a Catão a sentença de que o orador tem de ser *vir bonus dicendi peritus*. Plutarco compôs uma descrição desse nosso personagem (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 426) colocando em alto apreço a sua capacidade, ao ponto de tê-lo como prodígio frente aos demais homens do seu tempo.

Apesar de grande poder que Catão havia adquirido com sua eloquência, tanto que normalmente é Demóstenes Romano último

própria educação. “Torna-se assim claro e natural o fato de os Gregos, a partir do século IV, quando este conceito encontrou a sua cristalização definitiva, terem dado o nome de Paidéia a todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição” (JAEGER, 1986, p. 245- 246). A forma pedagógica do conceito acontece a partir do século IV quando compreendeu a educação como processo de formação do homem e do cidadão. A formação do homem passa a ser compreendida como um processo que se prolonga por toda vida. Torna-se um ideal de formação clássica.

nome, foi seu modo de vida que lhe deu maior fama e celebridade. Por sua habilidade em dizer foi certamente para os jovens uma diligência comum e exemplar; por manter a antiga frugalidade, com simples jantares de conteúdo, charcuteria, roupas simples e uma casa como os de cidadãos comuns, e para ser admirado mais por não precisar possuir as coisas superfluas, que já era muito raro em um momento em que a autoridade não é mantido, puro por sua própria grandeza, mas, para ter superioridade sobre muitas empresas, e muitos homens, tinha marcado o início de várias maneiras e exemplos, meios de vestir muito diferentes. Pois todos viam Catão como um prodígio, ao ver que os demais, debilitados pelos prazeres, não eram para aguentar nenhum trabalho, e que estas coisas se conservava invicto, não so de jovens e quando aspirava as honras, senão ancião e grisalho, depois do consulado e do triunfo, como um atleta constantemente vencedor que se mantém sempre igual na luta até a morte (PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, “Marco Catón”, 4, 1-3).¹⁰

Nesse sentido, em um primeiro momento, o ideal de *vir bonus dicendi*, (homem de bem), teve uma interpretação no sentido restritivo, conforme expresso no texto: visto ser investido dessa condição aquele que transitava pela cultura grega, de caráter essencialmente formalista, mas sem perder de vista a *virtus*, (virtude) e a *gravitas* (gravidade), próprias do *vir bonus* (homem bom), romano. Na medida em que avançou o processo de helenização da cultura romana, como não poderia ser diferente, as mudanças foram se ampliando, ganhando maior envergadura. Assim, *Plínio, o Velho* (23-79 d.C.), se refere à Catão como o “nosso mestre nas boas artes”; por sua vez, Cícero fez as seguintes considerações sobre o mesmo:

Como Cipião visse todos ansiosos por ouvi-lo, tornou a tomar a palavra desta forma: - Começarei por um pensamento do velho Catão, a quem muito amei e admiro singularmente, e ao qual, quer pela opinião de meus parentes, quer por minha própria

¹⁰ «Aunque era grande el poder que Catón se había con su elocuencia granjeado, tanto, que generalmente se le apellidaba Demóstenes Romano, era todavía mayor la fama y celebridad que le daba su particular método de vida. Porque su destreza en el decir fue desde luego para los jóvenes un ejemplar común y de gran solicitud; pero el conservar la frugalidad antigua, contentarse con cenas sencillas, comidas fiambres, vestidos lisos y una casa como las del común de ciudadanos, y hacerse admirar más por no necesitar de superfluidades que por poseerlas, era ya muy raro en un tiempo en que la autoridad no se conservaba pura por su misma grandeza, sino que, com tener superioridad sobre muchos negocios, y muchos hombres, había dado entrada a diversas costumbres, y se veían ejemplos de pores y medios de vestir mui diferentes. Con razón, pues, miraban todos a Catón como un prodigio al ver que los demás, debilitados por los placeres, no eram para aguantar ningún trabajo, y que éste ambas cosas se conservaba invicto, no sólo de joven y cuando aspiraba a los honores, sino anciano ya y canoso depués del consulado y triunfo, como um atleta constantemente vencedor que se mantiene siempre igual en la lucha hasta la muerte» (PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, “Marco Catón”, 4, 1-3).

espontaneidade, me consagrei desde minha adolescência, sem que seus discursos tenham chegado a enfastiar-me, tanto era a experiência dos negócios públicos que encontrava nele, negócios que dirigiu por longo tempo maravilhosamente, tanto na paz como na guerra, tanta sua modéstia e comedimento de linguagem, digna ao mesmo tempo que agradável, tanto o desejo que tinha de se instruir e de tornar aos outros partícipes de sua ciência, tal, enfim, sua existência, toda conforme às máximas e discursos que saíam de seus lábios (CÍCERO, *Da República*, II, I, I).

Aqui se investem na figura de Catão os dotes de um autêntico legado de perfeição, ao tempo que se assevera: “Com efeito, ou nunca existiram sábios (e nisso creio mais), ou, se existiu algum, ele foi” (CÍCERO, *A amizade*, 2, 9). O ideal de *humanitas*, que Catão põe em tela, pela primeira vez, traz como exigência uma formação integral que requer os objetivos de: *bene sapere*, que se alcança por meio da filosofia, em particular a moral e a política; e o intelectual, o *bene dicere*, que se conquista por meio da retórica, o filológico; e o bem viver, (*bene vivere*), que se obtém por meio de uma vida eticamente *valiosa*, bem agir, (*bene agere*); e de uma dedicação profissional tecnicamente eficaz, bem fazer (*bene facere*), que é o ético-técnico.

Esse ideal formativo, para além de conciliar as contribuições gregas e romanas, concilia também à dinâmica, muitas vezes antagônicas da educação teórica e prática, foi o que Tácito (53-117 d.C.) põe em tela em uma possível crítica em seu *Diálogo sobre os oradores*, ao sentenciar que nos tempos antigos se cuidava com especial zelo da educação.

Este rigor na disciplina tinha como objetivo o rigor das qualidades individuais, puras e intactas, e sem desviar por nenhuma corrupção, se lançavam abertamente ao cultivo das artes nobres e inclinavam sua vocação militar, a ciência jurídica e a oratória, se dedicava só a um campo e penetrava nesta até suas últimas conseqüências; [...] Entre nossos antepassados, o jovem que se preparava para o fórum e para a oratória, bem instruído por uma aprendizagem doméstica e alimentado com os mais nobres estudos, eram levados por seus pais ou parentes mais próximos ao orador que ocupava um lugar de destaque na cidade. Acostumava a seguir sempre este, acompanhar-lo a todas as partes e a assistir seu parlamento, os juízes e assembléias, a tal ponto que tomava conhecimento das suas disputas e intervenções nas discussões violentas e, por dizer assim, aprendia a lutar em combate. Graças a isto, os jovens adquiriam com plenitude grande experiência, segurança e alta capacidade de juízo, para atuar a luz do dia e nos momentos álgidos dos processos, onde nada fala

de maneira tola ou inapropriada, impunemente sem que o juiz reprovar ou refutar e desprezar os seus próprios apoiantes. E dizer, permaneceram impregnados de momentos da verdadeira e pura eloquencia e, ainda que seguissem um só, conheciam a todos os advogados de sua época em muitas causas civis e penais, e tinham a possibilidade de confrontar as distintas preferências do público, com o que podiam averiguar facilmente que gostava e desgostava a cada orador. [...] a confiança era que acabando, aquele jovem de que estamos falando, sob tal grande preceptores, discípulo de oradores, ouvindo do foro, assíduo assistente dos processos, envolvido com as experiências, em que as leis lhe eram familiares por ouvir-las todos os dias, que não lhe eram desconhecidos os rostos dos juizes, habituado a presenciar as assembleias e que conhecia o sentimento do povo, se encontrava capacitado para atuar em qualquer causa sozinho e sem a ajuda, a assumir em ocasião, a defesa» (TÁCITO. *Diálogo sobre los oradores*, 28, 7; 34, 1-4-6).¹¹

Desse modo, o *vir bonus dicendi peritus*, (homem de bem, perito em falar), guarda similaridade com o bom orador: um homem íntegro, o que se espera de um cidadão romano, um *vir bonus*, que, por suas qualidades, que passam pela originalidade e singularidade na firmeza de seu caráter (*virtus*), acrescidos de sua ampla experiência na vida pública. Devido a isso, transita entre o *bene dicere* (bem dizer) e o *bene sapere* (bem saber), entre a cultura e a filosofia, entre as atividades política e a profissional. Essa relação que se estabelece entre essas várias instâncias, o possibilita a se colocar a serviço do *bene agere* e do *bene*

¹¹ Este rigor en la disciplina tenía como mira el que las cualidades individuales, puras e intactas y sin desviarse por ninguna corrupción, se lanzasen abiertamente al cultivo de las artes nobles y, ya se inclinase su vocación a la milicia, ya a la ciencia jurídica o a la oratoria, se dedicara sólo a un campo y penetrara en él hasta sus últimas consecuencias. [...] Entre nuestros antepasados, el joven que se preparaba para el foro y la oratoria, bien instruido ya por el aprendizaje doméstico y alimentado con nobles estudios, era llevado por su padre o pariente más allegado al orador que ocupaba el lugar preeminente en la ciudad. Acostunbraba a seguir siempre a éste, a acompañarlo a todas las partes y a asistir a sus parlamentos, en juicios y asambleas, hasta tal punto que tomaba parte en sus disputas e intervenía en las discusiones violentas y, por decirlo así, aprendía a luchar en combate. Gracias a esto, los jóvenes adquirían con prontitud gran experiencia, seguridad y alta capacidad de juicio, al actuar a la luz del día y en los momentos álgidos de los procesos, donde nadie habla de manera necia o inapropiada impunemente sin que el juez se lo repruebe, el contrario lo rebata y lo desprecien sus mismos valedores. Es decir, quedaban impregnados al instante de la verdadera y pura elocuencia y, aunque siguieran a uno solo, conocían a todos los abogados de su época en muchas causas civiles y penales, y tenían posibilidad de confrontar las distintas preferencias del público mismo, con lo que podían averiguar fácilmente qué gustaba o disgustaba a cada orador. [...] A fe que acabando, aquel joven de que estamos hablando, bajo preceptores de tal talla, discípulo de oradores, ayente del foro, asiduo asistente a los procesos, avezado con las experiencias ajenas, al que las leyes le eran familiares por oír las cada día, que no le eran desconocidos los rostros de los jueces, habituado a presenciar las asambleas y que conocía el sentir del pueblo, pronto quedaba capacitado para actuar en cualquier causa solo y sin ayuda, ya asumiera la acusación, ya la defensa. (TÁCITO. *Diálogo sobre los oradores*, 28, 7; 34, 1-4-6).

facere, o que põe à luz a sua formação plena e equilibrada; em suma, nos dizeres de Cícero, um sábio romano.

Marco Catão, a ti, que julgo teres nascido, não para ti, mas para a pátria, apreciar a situação, conservar junto a ti um auxiliar, um defensor, um companheiro na administração pública, um cônsul desapaixonado, um cônsul – facto que, sobretudo, as atuais circunstâncias exigem – formado pela sua condição social para amar a tranquilidade, pela sua ciência para fazer a guerra, pela sua coragem e pela sua pátria para se encarregar seja de que assunto for (CÍCERO: *Defensa de L. Murena*, 38, 83).

Em suas linhas fundamentais o conteúdo da educação romana ficou selecionado e estruturado em um currículo que está presente os componentes essenciais da *paideia* grega. Nesse aspecto, a formação romana foi o resultado da interação com a *paideia* grega e, por isso, a sua composição guarda uma natureza mesclada. “A civilização romana foi, muito possivelmente, o primeiro caso da história das civilizações, que o seu povo organizou e estruturou a sua educação respaldada em uma língua e em uma literatura estrangeira” (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 429). Também se pode considerar, que apesar dessa inspiração, o conteúdo dessa formação foi elaborado, estruturado, transmitido e assimilado de uma forma que se pode dizer, original, visto não ter sido apenas uma sobreposição de conteúdo, um mero arranjo, uma simples adaptação dos valores formativos gregos, adequados à formação romana.

Nesse sentido, se coloca a originalidade romana no diálogo que estabeleceu com a cultura grega, assim como no tratamento e na utilização de valores essências dos saberes helênicos.

O processo formativo romano, principalmente, na sua fase primitiva e em parte da República, tinha início na esfera do lar, sob a responsabilidade dos pais ou de pessoas destinadas a isso, quando da impossibilidade dos principais responsáveis pela educação das crianças e jovens. Só a partir do diálogo estabelecido com a cultura grega que surge a necessidade de uma educação mais formalizada, quer ministrada por preceptores gregos, quer individualmente, quer em escola que passaram a se instituírem em Roma.

2.2 O papel da família no processo educativo

A *educatio*, palavra latina que deu origem ao conceito de educação, que se referia, “[...] a criação física e moral que tornava a criança apta a adentrar ao mundo dos adultos” (PEREIRA MELO, 2008, p. 190), processo esse que se iniciava no seio da família que assumiu um papel central na educação. Portanto, é considerada desde os primórdios da sociedade, a primeira instituição educadora da vida da criança. Soma-se a isso, “aos olhos dos romanos, a família é o meio natural em que deve crescer e formar-se a criança” (MARROU, 1975, p. 360). Por conseguinte, era no âmbito familiar que a criança e jovens assimilavam os costumes ancestrais, os *mos maiorum*.

Assim sendo, a família foi a grande força educadora que Roma pôde contar para a formação da sociedade. Essa, por sua vez, estava submetida à autoridade do *pater familia*, (pai de família), da mesma forma que o cidadão estava subordinado aos magistrados da cidade. O pai, em seu *parter familia*, era considerado o chefe supremo, exercendo um poder ilimitado sobre os demais membros de sua família. Desse modo, “a criança está sujeita, desde que nasceu – e continuará a estar pela vida fora, mesmo depois de adulta – o poder paternal” (ROCHA PEREIRA, 2002, p.196). Sendo assim, a autoridade pública não entrava jamais em confronto com a autoridade paterna, pelo contrário, se curvava e respeitava os direitos inerentes à família. As *Leis das doze tábuas*¹², bem como leis que tidas pela tradição, como anteriores, outorgavam ao pai o direito à vida e à morte sobre seus filhos. Com esses direitos, consagrados pela tradição, “o pai se constituía na esfera do lar, um verdadeiro soberano, senhor, juiz, sacerdote e mestre, com plenos poderes sobre os membros da sua família, poderes esses, plenos e inquestionáveis” (GALINO, 1973, p. 240-241).

Revestido de toda autoridade, cabia ao pai a responsabilidade pela educação dos seus filhos. Quando pobre, preparava o filho para o trabalho; quando rico, caso suas atividades permitissem, preparava o filho para a vida pública. Ainda quando impossibilitado, delegava essa responsabilidade a alguém do seu mesmo nível social, ou para um preceptor ilustrado para essa missão.

¹² Doze Tábuas: Lei romana, escrita em 450 a.C. por um grupo de juristas nomeados pelos patrícios.

Nessa sua tarefa era auxiliado pela mãe, o que comportava uma divisão de responsabilidades formativas bem distintas.

A mãe, "*marter magister*", (mãe de família) ficava responsável pela educação da criança até que ela completasse sete anos, logo a mãe, nesse sentido, é a primeira educadora, "motivo dela se sentir [...] honrada em permanecer em casa para cumprir o seu dever" (MARROU, 1975, p. 361). No caso da mãe impossibilitada de cumprir seu dever, atribuía-se a um parente, ou a uma pessoa da sociedade, maior, e em condição de assumir esse papel.

A educação passada pela mãe aos seus filhos vai do nível biológico ao nível intelectual, moral e religioso, ao lhe introduzir na devoção dos deuses domésticos (*lares e penates*), além disso, orientava os seus exercícios e jogos, dentre outros. A influência que a mãe desfrutou em família era significativa, o que foi possível devido "o prestígio e a autoridade que conquistou ao longo do tempo, o que foi extensivo à esfera da sociedade romana, visto que a mulher em Roma ter uma consideração que não tiveram as mulheres de outras culturas" (GALINO, 1986, p. 101).

Segundo a tradição, para os meninos a responsabilidade pela educação era mais diretamente ligada ao pai, passavam a acompanhar o pai na vida pública, enquanto as meninas continuavam sob os olhos da mãe. Por conseguinte, "[...] nada é mais característico da pedagogia romana: o pai ser considerado como o verdadeiro educador" (MARROU, 1975, p. 362). Mesmo mais tarde, quando da presença de mestres gregos que emigram para Roma, o pai romano, continuou a exercer seu papel de educador, em um clima moral e severo.

Se as moças permanecem mais em casa, à sombra da mãe, atentas em fiar a lã e aos trabalhos domésticos [...], os filhos acompanham o pai, seguindo-o até o interior da cúria, onde com ele assistem até mesmo às sessões secretas do senado, iniciando-se ao seu lado em todos os aspectos da vida que os espera, instruindo-se pelos seus preceitos e mais ainda pelo seu exemplo (MARROU, 1975, p. 362).

Esse modelo de educação tinha a preocupação de formar um homem ético, bem como "inculcar-lhe um sistema rígido de valores morais, reflexos seguros, um estilo de vida" (MARROU, 1975, p. 365).

No conteúdo educativo, encontramos na afirmativa de Giordani (1981) que constavam de forma contundente as três virtudes que tão bem exprimem o gênio do povo romano: a *gravitas*, a *pietas* e a *simplicitas*.

A *gravitas* era o sentido de profunda responsabilidade com que o romano encarava os acontecimentos, às vezes até os mais triviais, impedindo-os de resoluções imaturas e entusiasmos momentâneos, “Reporta-se a aquisição de uma consciência plena de responsabilidade pessoal perante o outro, [...] sinônimo de seriedade e de honestidade pra equacionar as grandes questões da cidade” (CARNEIRO, 2014 s/p). A *pietas* era para a aceitação geral dos poderes existentes, uma espécie de submissão às normas e regras tanto humanas como divinas, ou seja, o princípio de obediência a qualquer autoridade.

A *simplicitas* se refere à visão que o homem romano tem das coisas. “Designina a capacidade de reconhecer o valor autêntico de cada pessoa e de cada coisa na vida” (CARNEIRO, 2014 s/p). Capacidade de ver as coisas como realmente são, com praticidade, sem o sentido contemplativo. A *simplicitas* em certo grau implicou no atraso do homem romano no âmbito científico, pois não se deixavam arrastar pela imaginação, porém, por outro lado, contribuiu para os grandes êxitos ao mantê-los firmes em seu propósito, apoiados na firmeza dos interesses imediatos e práticos. O homem romano pensava a terra, o cultivo e a produção de suas posses.

O amor à pátria era o que dava dignidade ao homem romano, acrescenta-se a esse, o dever de respeitar as leis e do direito. O homem romano era preparado para assumir como dever o servir a sua pátria, porém um dever muito grato, pelo fato de isso lhe atribuir a condição de um homem cívico. A submissão e o espírito de renúncia, ao que parece, calaram profundamente nesse povo, sempre tendo em conta, reforçar a estrutura estatal.

De acordo com Moreno (1986), a relação entre governantes e governados alcançou determinado grau de maturidade, cujo resultado foi o fortalecimento da própria sociedade, na perspectiva de muitos romanos ilustres, graças à educação ministrada as suas crianças e jovens, o que garantiu a formação de cidadãos comprometidos com o bem público. Por isso, Roma teve como preocupação a formação de suas crianças e jovens disciplinados e com forte espírito patriótico, prontos a qualquer momento, se preciso fosse, a servir a *Res pública*.

Em rigor, a formação de bons cidadãos era a intenção mais imediata da educação doméstica. Quanto à cidade, para além das preocupações que lhes eram inerentes, era por outro lado, um grande espaço de instrução e de formação. "A antiga cidade romana trazia consigo uma grande força pedagógica" (MORENO et al., 1986, p. 100-101). Esse potencial formativo garantiu à cidade completar a educação doméstica.

Desde a mais tenra idade os jovens participavam da vida pública de seus pais, observando e imitando seus atos civis. Eram levados a assistirem às discussões no fórum e às cerimônias cívico-religiosas, "aprendiam nos exercícios militares, fortaleciam seus corpos participando de caças, das práticas de natação e equitação, estudando as prescrições jurídicas, que regulamentavam os direitos e deveres do cidadão romano" (SCIACCA, 1966, p. 192).

Quando levados ao Senado, sentavam em bancos que lhes eram destinados, disciplinadamente, ouviam os debates dos processos em curso. "Essa prática, que segundo pensadores romanos, era eficaz para a formação do cidadão" (MORENO et al., 1986, p. 100-101), particularmente para os jovens dos setores dominantes da sociedade, que fariam parte da estrutura de poder.

A família e a cidade investiram na formação do sentimento cívico, tão particular do cidadão romano, por meio do qual a *Res pública* se torna o centro das atenções desse cidadão. Essa capacidade dinâmica interna do Estado romano, fundada na sua severa disciplina político-militar, ao valor ético das relações estabelecidas entre cidadão-Estado, "à livre subordinação das preocupações individuais às públicas, à obediência comum e aceita pelo coletivo em favor de uma única e dura disciplina em que se expressa à vontade do Estado" (SCIACCA, 1966, p. 103). Isso só foi possível pela ação familiar efetiva no processo formativo desse homem, que se pretendia ideal e que garantiria a integridade da *Res pública* e a perenidade dos valores essenciais da cultura romana.

Portanto, coube à família e à cidade possibilitar a formação do homem romano, o cidadão, o homem ideal que atenderia aos interesses da sociedade romana, magistério que desempenhara durante séculos.

O diálogo com a cultura grega, cujo resultado foi a elaboração de uma nova mentalidade; a complexidade assumida pela sociedade, com o seu processo

expansionista, exigiu do chefe de família, um novo comportamento social, profissional e público, entre outros, que tirou parte da sua disponibilidade junto a família, mas também criaram condições para as instalações de escolas em Roma, objetivando suprir, em parte, das obrigações paternas.

2.3 Sistema escolar

Com o passar dos tempos, e sofridas influências de outros povos, predominantemente os povos gregos, o processo formativo do homem romano sofre modificações, passa a imitar as famílias gregas, adotando um professor particular para seus filhos. Segundo Giordani (1981), a adoção de mestre particular se estendia até mesmo aos escravos, pelo interesse de seus donos em ter consigo pessoas cultas para trabalhar na administração de seus bens.

Aos romanos possuidores de numerosos escravos, especialmente em idade escolar, interessava prepará-los para que melhor pudessem desempenhar suas funções. Havia, pois, uma escola doméstica para escravos – o *paedagogium* – onde os jovens aprendiam as boas maneiras e recebiam os bens dotados de inteligência, até mesmo um variável grau de instrução que lhes permitisse futuramente, por exemplo, servir de secretário dos patrões (GIORDANI, 1981, p.172).

Também, nota-se a presença da figura do *paedagogus*, um escravo, grego culto, responsável da condução das crianças, filhas das famílias ricas, ao processo de ensino, acompanhando-as às escolas já existentes. No período da República, aparece a presença do ensino organizado em escolas, embora precárias, sem uma estrutura adequada, com mestres mal pagos e desvalorizados.

O sistema escolar se organizou em quatro níveis ou etapas, “[...] escola elementar ou do *ludi magister*, a escola “secundária” ou de gramática; a escola complementar ou de retórica e a escola superior ou Ateneu, com cursos de Direito, de Medicina, de Mecânica, de Arquitetura e de Gramática” (PEREIRA MELO, 2006, p. 10).

Em Roma as escolas aparecem tardiamente e sob a influência da educação grega em seus programas e métodos. Há de se considerar que a

organização ocorreu sendo privilegiada a instrução privada, sob a vigilância da *Res Pública*. Para Pereira Melo (2008), mais tarde quando o Estado assumiu a educação como encargo público, essa ação se configurou mais como uma estratégia propagandística do que uma política pública.

2.4 O ensino primário para as crianças dos 7 aos 12 anos

O ensino primário, provavelmente seja a mais antiga. “[...] sem dúvida o ensino elementar das letras deve ter aparecido em Roma muito antes do IV século” (MARROU, 1975, p. 387). Com instalações precárias, instaladas no foro, em meio a outras tendas “[...]. Era atendida pelo primus magister, ludiimagister ou litterator, um similar do gramatista grego” (PEREIRA MELO, 2008, p. 223). Os mestres podiam ser antigos escravos, velhos soldados ou ainda indivíduos que haviam perdido todas as suas propriedades. Com remuneração insuficiente, os mestres dividiam seu tempo com outras atividades que complementasse sua renda.

Segundo Pereira Melo (2008), a escola primária se tratava de uma pequena loja, entre tantas outras tendas de mercadorias, que eram frequentadas pelos filhos daqueles que não podiam pagar mestres particulares. O mobiliário consistia de alguns bancos para os alunos e de uma cadeira para o professor, e pela sua localização, possivelmente, recebiam todos os ruídos da rua.

O Ensino era centrado na literatura e na gramática, com poucos materiais didáticos. O programa escolar desenvolvia a leitura, a escrita e os cálculos simples. Para o ensino da leitura e da escrita, era praticado um ensino com métodos, aos dizeres de hoje, indutivos, em que o aluno aprendia primeiro a forma das letras e o nome e depois a ordem. Após terem aprendido essa etapa é que passavam à combinação silábica, à formação das palavras isoladas e por fim a escrita das frases.

Conforme Giordani (1981), o conteúdo formativo das frases, geralmente centrava-se nas máximas morais e em pequenos versos que deveriam ser decorados e recitados. A turma era formada em três grupos por aproximação, de acordo com o nível que se encontravam. Eram divididos em *abecedarii*, (letras isoladas) *syllabarii* (combinação das sílabas) e *nominarii* (nomes).

Para a aprendizagem dos cálculos havia um mestre específico, o *calculator*, especializado em aritmética.

A saber, a criança romana usava uma toga¹³, denominada *toga pueril*¹⁴ roupa que a caracterizava como infante.

Ao completar essa etapa inicial, o aluno estava apto a frequentar a etapa seguinte, que correspondia ao ensino secundário.

2.5 O ensino secundário: Destinado as crianças de 12 aos 16 anos

O ensino secundária aparece mais tarde, por volta da segunda metade do século III a. C. Já sob a influência grega o processo educativo priorizava o aperfeiçoamento da linguagem e a explicação de grandes poetas, particularmente Homero e Hesíodo. “No ensino literário, destaque era dado aos seus aspectos gramaticais e filológicos, a partir de obras gregas e latinas, por meio da *lectio* (leitura), da *enarratio* (exposição, explicação), da *emendatio* (correção) e do *judicium* (avaliação)” (PEREIRA MELO, 2008, p. 224-225). Era chamada de escola do *grammaticus*.

Portanto, os meninos passavam a frequentá-la assim que concluíssem a escola primária, mas nem sempre isso acontecia, “[...] pelo fato de o caráter aristotélico da sociedade romana fazer do saber privilégio dos setores dominantes por isso a escola secundária foi menos difundida do que a escola elementar” (PEREIRA MELO, 2008, p. 224). Estudava-se a língua latina e também o grego. Para compreender os poetas clássicos, estudavam “[...] certas noções fundamentais de História, Geografia, Astronomia, etc.” (GIORDANI 1981, p. 175).

Nessas escolas atuava o Enfim, não foi a *Res Pública*, mas a família, a responsável por infundir esse espírito cívico no cidadão romano, família essa,

¹³ Toga: A toga era um ítem do vestuário do povo romano. A toga consiste num tecido único, usado sobre a túnica. Essa peça do vestuário trazia consigo um simbolismo, um significado para a sociedade. Simbolizava a hierarquia do homem romano. Denunciava o status social daquele que a portava. A toga também indicava as diferentes classes sociais. Pela vestimenta se identificava ainda as fases da vida e os ofícios e lugares ocupados na sociedade. Para a indicação, utilizavam-se cores diferentes. Um candidato a um cargo público, por exemplo, utilizava uma toga branca, a mais branca que encontrasse. “O uso da toga fazia parte de um capital social de um romano da aristocracia a quem era devido os privilégios” (CARVALHO, 2007, p. 216).

¹⁴ Toga Pueril: Carvalho (2007) explica como sendo a veste que os meninos usavam quando crianças.

consciente de uma ordem superior, que tinha a formação do cidadão a serviço do Estado. e competia a ele ensinar as duas línguas.

Gradualmente, porém, segundo mostram as inscrições, o *grammaticus Graecus* torna-se distinto do *grammaticus Latinus* (o que não impedia, a avaliar pelas informações de Suetônio, que este último pudesse ser de origem grega). [...] as matérias professadas eram a explicação dos poetas, o conhecimento da história, a significação das palavras, o modo de pronunciar. (ROCHA PEREIRA, 2002, p. 202).

Essa escola possui um método que centrava-se na “explicação dos autores, dos poetas” (MARROU, 1975, p. 428).

O ensino do *Grammaticus Latinus* é, quanto aos métodos, o equivalente exato do de seu confrade grego. Ele apresenta os dois aspectos característicos da gramática helenística, *methodicè*, *hithoricè*, ou seja, o estudo teórico da boa língua e a explicação dos poetas clássicos, *recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem* (MARROU, 1975, p. 425).

Embora ancorado na cultura helenística, o centro do ensino mantinha a tradição romana da formação para o bem falar. Nesta escola o jovem deveria adquirir os conhecimentos da linguagem para enriquecer sua capacidade de falar bem em público. Entre os romanos, essa habilidade tinha um grande poder, era o que garantia ao jovem romano a notoriedade na vida pública e política, portanto o conhecimento adquirido seria para qualificar o jovem para o exercício e enriquecimento da prática de seu discurso, conforme a tradição romana em valorização do orador, para sua atuação principalmente nas questões forenses.

Tendo o jovem adquirido um desenvolvimento satisfatório, manteria a hegemonia da classe dominante pelas próximas gerações, pois no ensino secundário chegavam aqueles que vinham de famílias mais abastadas, pois Roma “permaneceu uma sociedade aristocrática e os estudos mais profundos fazem parte dos privilégios da elite, mantendo o poderio de uma pequena parcela da sociedade e sua estrutura social existente” (MARROU, 1975, p. 423). Portanto, os que não pertenciam à aristocracia limitavam-se em aprender a leitura e a escrita e os conceitos morais e religiosos, para atividades consideradas ofícios de menos importância no meio social.

Ao final desta etapa do ensino, por volta dos 16 aos 17 anos, o menino deixa a *toga pueril* e recebe a *toga virilis*¹⁵, momento no qual é considerada sua passagem para a vida adulta, podendo freqüentar o ensino superior.

2.6 O ensino superior

O Ensino superior, o último a aparecer na sociedade romana, nasce com o reconhecimento do romano sobre a validade da retórica para o aperfeiçoamento da oratória. “O ensino superior, sob sua forma dominante, a retórica, só apareceu em Roma, sob sua forma latina, no século I a. C. e não se aclimantou sem dificuldade” (MARROU, 1975, p. 390). Nessa escola atua o *Rhetor Latinus*, que “[...] tinha a incumbência de do ensino da retórica e da dialética, e de outros “profissionais” versados em Direito e Filosofia” (PEREIRA MELO, 2008, p. 225), a saber, esses profissionais geralmente eram mais valorizados do que os mestres das escolas primárias e secundárias. Não se tratava de uma escola de retórica aos moldes da retórica grega, mas com características romanas. Nela se ensinava,

[...], o domínio da arte oratória, tal como o assegura a técnica tradicional, o sistema complexo das regras, de procedimentos e de normas progressivamente estabelecidos pela escola grega a partir da geração dos Sofistas. Ensino inteiramente formal: comunicar as regras habituar a servir-se delas (MARROU, 1975, p. 437).

Nesse nível de ensino ingressavam muitos poucos jovens romanos pertencentes à aristocracia. As escolas eram organizadas à sombra dos pórticos do fórum ou em salas especiais. Segundo Giordani (1981), um modelo de ensino de origem grega que substituiu a tradição romana de aprendizagem da eloquência, pela prática em que o jovem frequentava o fórum na companhia do seu pai.

Encarregavam-se de ensinar as regras da oratória e sua utilização em público. “[...] o tipo de ensino ministrado pelo *rhetor* latino, orientado para o treino da voz ou *declamatio*, que era a via para a actividade no Forum, a qual viria assim

¹⁵ Toga Virilis: Gonçalves (1954) toga que os meninos recebiam ao completar 17 anos, simbolizava a passagem da infância para a Adolescência e com isso teria o direito de frequentar o fórum e outras atividades da sociedade romana. A adolescência em Roma não se assemelha com a que conhecemos hoje. A fase da Adolescência durava dos 16 aos 30 anos.

a ser exercida mais pela técnica do que pelo saber” (ROCHA PEREIRA, 2002, p. 204). Ademais,

Ao ensino da gramática e da retórica agregava-se o da história, cujos objetivos eram o estudo dos modelos de estilo, assim como a memorização de uma gama de exemplos destinados a favorecer a memória do orador.

Especificamente, o Direito e a Filosofia constituíam-se especialidades e requeria, sobretudo, a Filosofia uma vocação particular.

A orientação dada à oratória, no sentido de buscar um setor da vida prática, o exercício do direito, expressou a originalidade romana (PEREIRA MELO 2008, p. 226).

Os jovens romanos almejavam, tendo frequentado tais escolas, chegar aos mais altos postos do governo e, no caso, o fim da formação retórica era preparar a carreira do foro e para altos cargos na estrutura administrativa do Estado Romano. Em Redondo; Laspalas (1997) pode ser encontrada a afirmativa de que os jovens se dispunham a aprender todas as técnicas de pronunciamento para o convencimento daqueles que os ouviriam. Primeiro, estudava-se toda a teoria para posteriormente exercitar. O exercício consistia em compor e declamar discursos e tinha por objetivo desenvolver os argumentos favoráveis, contrários e a controvérsia. Portanto, os estudantes exercitavam a prática da oratória da seguinte maneira: dois estudantes debatiam na sustentação de suas teses contrárias. A demonstração era praticada publicamente, na presença de um público em que se encontravam os familiares dos jovens, em especial seus pais.

Tal prática foi criticada por Cícero que a considerava mecânica e sem conteúdo da cultura romana empobrecendo a formação dos jovens oradores. Segundo ele, não condizia com a realidade e com a necessidade da sociedade. “A técnica da oratória grega foi, às vezes, servilmente transposta para o latim, de tal modo que quase não se pode falar em retórica latina propriamente dita” (GIORDANI, 1981, p. 175).

No ano de 93 a. C. funda-se uma escola de ensino superior com ideias mais modernas, seu fundador foi L. Plócio Galo. Tal escola foi obrigada a fechar no ano seguinte, pois suas ideias se chocaram com as da aristocracia romana. “Era o próprio espírito que animava a nova escola que podia inquietar os

conservadores romanos” (MARROU, 1975, p. 390). Logo, a escola aberta não se manteve por questões políticas e a justificativa para o seu fechamento foi a de ser contrária aos costumes e à tradição dos ancestrais.

No ensino superior mais tarde aparecem às ideias de Cícero. Diante das mudanças sofridas pela sociedade romana, tendo ele uma sensível percepção da necessidade de uma formação mais moderna, passa a discutir com maior intensidade a questão do ensino superior para a formação ideal do homem romano atuante, e traz para o centro da discussão a necessidade da elevação do ensino da eloquência.

Cícero aproveita o momento conflituoso pelo qual estava passando a sociedade e se colocou contrário às práticas de ensino dos *rhetores*, acusando o ensino de uma concepção, ingenuamente utilitária.

Para Rocha Pereira (2002) tendo ele profundos conhecimentos da cultura grega por ter estudado com grandes mestres gregos, coloca em discussão a forma pela qual estava sendo conduzido o ensino das novas gerações. Suas discussões centraram-se na necessidade da união do saber teórico e do saber prático. Ou seja, elementos da educação grega unindo-se com os elementos da cultura romana para resultar em uma formação ideal. Sua proposta é para a formação de um orador muito mais completo, dotado de uma formação cultural mais ampla, que vai além da simples aquisição de técnicas para o bem falar.

Cícero, sem dúvida, sob a influência do filósofo acadêmico Filão de Larissa, empenhou-se a fundo no sentido de emancipar a juventude romana desta concepção, ingenuamente utilitária, dos estudos retóricos e de alargar o ideal do orador, com o que restauraria, em sua nobre simplicidade, o ideal primeiro de Isócrates. Ele queria alicerçar a formação do orador sobre a mais ampla cultura, insistindo particularmente (mais do que o teria feito Isócrates) na necessidade de uma sólida preparação filosófica, à qual anexava, como bom romano, o conhecimento do direito e da história, este repositório da experiência humana, tão preciosa em ensinamentos para o homem de Estado (MARROU, 1975, p.437).

Enfatizava a necessidade de organizar uma nova escola que formasse o orador moderno, para atuar na sociedade com maior qualidade, tendo adquirido conteúdos amplos e mais sólidos que respondessem aos desafios atuais. Um orador que atingisse a superioridade não só pela capacidade da oratória, mas

tendo adquirido conhecimentos de diversas áreas do saber, principalmente vindos da cultura grega e que traria para o romano uma formação mais significativa.

Nesse processo, o papel significativo teve Marco Túlio Cícero, que pôs o seu pensar a serviço da sociedade e da cultura romana, o que contribuiu de forma efetiva e definitiva para elaboração de uma nova mentalidade para o homem romano. Exercício a que se expressa na sua vasta obra que se constituiu e constitui em um grande legado para a romanidade e para a cultura ocidental.

3 CÍCERO: VIDA, OBRA E PENSAMENTO

3.1 Biografia

Marco Túlio Cícero não nasceu na cidade de Roma, segundo Leoni (1956), nosso filósofo é originário de uma pequena cidade de Arpino, província do Lácio, a 100 quilômetros a sudeste de Roma. Nasceu aos 03 de janeiro do ano de 106. Vindo de uma família chamada Cícero, em latim (*Cicer*), da ordem equestre. Seu pai se encaminhou para Roma para dar-lhe a formação conforme a tradição da aristocracia.

Seguindo os costumes, Cícero iniciou seus estudos na cidade de Roma aos 10 anos, onde estudou literatura grega, latina e também retórica. De acordo com Marrou (1975), a criança romana aprendia desde cedo em latim e em grego, portanto o bilinguismo estava presente no ensino romano e nos estudos de Cícero, o que mais tarde soube aproveitar para realizar importantes traduções do latim para o grego. Desde cedo Cícero se distinguia entre os demais pela vivacidade da inteligência e aplicação nos estudos.

Para Rocha Pereira (2002) muito cedo Cícero demonstrou qualidades literárias e filosóficas, que cultivou em uma vasta atividade intelectual. Quando criança compôs um poema intitulado *Pontius Glaucus*. Seu primeiro professor, depois de terminar os primeiros estudos foi Filão, o acadêmico, um homem considerado de grande eloquência e muito admirado entre os romanos.

Por volta dos anos 90 deixou a *Toga pueril* “recebeu o direito de usar a *Toga virilis*, reconhecendo sua maioridade” (FERACINI, 2006, p. 11).

Seguiu uma carreira acadêmica, “[...] fê-los com um gramático estoico, Élio Estilo, seguiu um aprendizado jurídico e político com Múcio Cévola Águre e com Múcio Cévola Pontífice” (ROCHA PEREIRA, 2002, p.126), adquiriu um profundo conhecimento das leis e das instituições de Roma. Teve contato com Tito Pompônio Ático¹⁶, (*Titus Pomponius Atticus* - 109 a 32), que se tornou seu maior amigo. Ainda em Roma estudou com o acadêmico Fílon de Larissa.

¹⁶ Tito Pompônio Ático (110-32): foi um grande amigo íntimo de Cícero. Conheceram-se na juventude quando estudaram juntos e mantiveram uma relação de amizade. Nascido em Roma, viveu em Atenas por um tempo. Cícero e Tito Pompônio trocaram diversas cartas, as quais fazem parte do legado deixado por Cícero. A que consta, Cícero escrevia constantemente ao amigo em

Não sendo suficiente para ele, teve contato também com a filosofia e a poesia e se mostrava incansável e extremamente talentoso, características que deu a ele a notoriedade dentre os cidadãos romanos. Não apresentava nenhuma pretensão para a vida militar, se mostrava um intelectual e o que lhe atraiu foi a atuação no foro e no senado. Conforme afirma Feracini (2006) que Cícero prestou serviço militar no ano de 90, participando da guerra contra os confederados italianos. Sua permanência no exército durou apenas um ano.

Regressando à vida civil em Roma, se dedicou a estudar filosofia. “Difícil seria pedir uma formação filosófica mais variada para este *homo novus*¹⁷, (novo homem) que se dedicou a esse estudo entre os dezoito e os vinte e oito anos e nunca mais o abandonou de todo” (ROCHA PEREIRA, 2002, p.128).

Tornou-se um conhecedor do pensamento das diversas correntes filosóficas presentes na sociedade romana. Não adotou para si o pensamento de uma única escola, se demonstrou eclético e inclinou-se ao estoicismo¹⁸. Deixou diversos tratados filosóficos, ensinamentos que permanecem até os dias atuais disponíveis para estudos, não só na área da filosofia como em outras áreas do conhecimento; a história, o direito, a literatura, entre outras e consideramos a pedagogia, pois suas produções são impregnadas de ensinamentos que uma vez considerados, balizariam o ensino formal daquele momento. A filosofia se tornou para ele um estudo necessário para a formação moral e a conduta de vida do cidadão romano. Sobre esse aspecto será abordado mais adiante quando for tratado do seu pensamento filosófico.

busca de conselhos em matérias diversas, pois Ático tendo vivido em Atenas por vários anos, havia adquirido uma cultura bastante ampla do mundo Helêno. “Em La carta a Ático, del 45, Cíceron contrapone diálogos suyos como *La República* e el *De oratore*, escritos como Heráclides y los que está escribiendo em El momento actual [...]” (PACHECO, 2002, p.8).

¹⁷ *Homo novus*: Aquele que chega às magistraturas sem uma tradição familiar. Era todo romano que não tinha antepassados consulares, ou pelo menos, senatoriais e que se torna o primeiro da família, aquele que inicia a carreira de magistrado (ROCHA PEREIRA, 2002, p.128).

¹⁸ Escola Estóica: “Escola filosófica fundada por Zenão de Chirpre e teorizada, sobretudo por Crísipo, tinha uma visão panteísta do mundo, que dizia governado pela Providência ou Divina Razão. O mundo foi criado pela Divindade, mediante a transformação de parte do vapor ígneo de que era composto o ar, e deste em água, de que parte precipitava em terra. Tornando distinto da divindade, o mundo assim constituído seguia o seu curso, até atingir uma conflagração – cataclisma percorrendo ciclicamente - (*ekpyrosis*), que o reconduzia a sua forma primeira. A divindade voltará depois a criar tudo de novo – renascimento - (*palingenesia*) e os mesmos acontecimentos se repetirão. [...] Desse sopro universal ou Divina Razão, a alma do homem tem uma centelha que lhe permite, pela razão de que é participante, conhecer e compreender as leis que governam o mundo e, seguindo-as, ser feliz” (ROCHA PEREIRA, 2002, p.106).

Profissionalmente seguiu a carreira de advogado. Desde cedo, conforme o costume romano, frequentava o *Forum*, onde ouvia os melhores oradores de sua época. A saber, foi considerado o primeiro romano a chegar à vida pública com notoriedade e assumir os principais postos do governo pela sua eloquência. Como advogado, defendeu seu primeiro caso em 80 a causa em favor de Sextio Róscio, de Ameria (*Pro Sexto Róscio de Ameriano*), segundo Cícero, acusado injustamente de ter praticado parrecídio. Sua vitória foi retumbante, sendo aclamado o melhor orador de Roma.

No ano de 79, afirma Feracini (2006) que Cícero se afasta de Roma e parte para a Grécia, Ásia menor e Rodes onde passa a:

[...] estudar com Antíoco de Ascalão, adversário de Fílon e chefe da Academia, cujo ensino se esforça para conciliar Platão e Aristóteles com os Estóicos. Frequenta ao mesmo tempo as escolas epicuristas, levado pelo seu amigo Ático, aí ouve de novo Fedro e escuta Zenão de Sídon Em Rodes, é discípulo do rethor Mólón e ouve Posidônio (ROCHA PEREIRA, 2002, p. 128).

Em Atenas, encontra-se com Ático, que o apresentou a vários atenienses de renome, momento em que passa a ter um contato mais direto com o ensino da filosofia dos grandes filósofos gregos. Não só amplia seus estudos de retórica como estuda a filosofia com maior profundidade, podendo visitar sítios sagrados dos filósofos e a academia de Platão.

Na Filosofia, demonstra ter um conhecimento profundo das diversas escolas gregas e uma busca de conciliação entre as ideias formativas dessas escolas que estavam presentes na sociedade romana em sua época. Em um espírito eclético nutre e caracteriza seu pensamento formativo. Para ele, as escolas existentes, embora não respondessem as necessidades da formação do romano conforme suas tradições, usos e costumes, apresentavam aspectos positivos que contribuíam para a formação do homem romano.

Retornando a Roma no ano de 77, “contraiu matrimônio com Terência” (FERACINI, 2006, p.12), uma jovem de uma família rica e politicamente influente na sociedade romana. Provavelmente a união deu-se por conveniência. Com ela teve dois filhos: Tulia Ciceroni e Marco Tulio Cícero. A união entre ele e Terência durou 30 anos, culminando no divórcio.

No ano de 46, Cícero se casa novamente, com uma jovem chamada Publilia, mas o casamento não perdurou. Pouco depois das núpcias, a filha de Cícero faleceu o que o abalou. O divórcio, supostamente foi motivado pelo fato de Publilia não ter demonstrado consideração pela morte de sua filha.

Após a morte de Sila¹⁹, tendo retornado à vida social de Roma, Cícero começou a sua carreira política, conforme Gonçalves (1954), sendo nomeado questor no ano de 75 assumindo a questoria da Lilibeu, na Sicília, onde seu governo foi considerado de sucesso.

No ano de 70, segundo Lourenço (1994) atuou no caso de Verres, (*In Verrem*), que estava sendo acusado pela população da Sicília, por corrupção. Verres havia sido o propretor na Sicília de 73 a 70, Cícero venceu o processo obrigou-o a sair de Roma.

No ano seguinte 69, cinco anos depois de regressar da Sicília, de acordo com Gonçalves (1954), foi eleito edil²⁰. No ano de 67, tendo cumprido os dois anos de intervalo entre uma magistratura e outra, foi escolhido para pretor e discursou pela primeira vez a partir da *Rostra* - a antiga plataforma dos oradores no Fórum de Roma - em defesa da *Lex Manilia*, (Lei Manília, do tribuno Manílius). O que pretendia era favorecer Caio Pompeu (107-19), entregando-lhe o governo de várias províncias no Oriente. A atuação de Cícero fora convincente e a Assembleia concedeu o direito requerido.

No fim da sua atuação como pretor, decidiu concorrer ao consulado, e recusou a nomeação para o governo de uma província. O cargo de governo significava o pagamento normal para o exercício do cargo de pretor.

Em 63, “é eleito cônsul” (LEONI, 1956, p.8). O consulado era o mais alto posto do governo. Durante o tempo em que ocupou o cargo, proferiu o discurso contra a Lei Agrária, (*De Lege Agraria*). Lei defendida por Servílio Rulo, em favor da distribuição de terras públicas à plebe, “[...] destinado a combater um provimento democrático de distribuição de terra, apresentado pelo tribuno Publio Servílio Rulo e sustentado por Cesar contra o parecer de Pompeio, que a considerava fraudulenta [...]” (LOURENÇO, 1994, p. 43).

¹⁹ Lucio Cornélio Sila (138-78): Político e general romano. Foi cônsul nos anos 88 e 80 e ditador nos anos 81 e 80. Liderou diversas guerras e era considerado um notável político. Disponível em: www.dec.ufcg.edu.br. Acesso aos 08-11-1015.

²⁰ Edil. Na magistratura romana, era o responsável por garantir o bom estado e a conservação e a manutenção dos prédios e serviços públicos.

No ano de 62 de acordo com Feracini (2006) defendeu Públio Lucínio Murena (*Pro murena*), cônsul eleito para o ano de 62, que estava sendo acusado de suborno nas eleições. O resultado da defesa de Cícero foi a absolvição de Murena, podendo este assumir o cargo.

Na sua atuação como cônsul, “Encontra-se no centro de uma luta dramática contra seu temível adversário, Catilina, cabeça do partido democrático; teve que tomar providências excepcionais e, assumindo a responsabilidade, as explicará nas quatro orações *“In Lucium Catilinam”* (LEONI, 1956, p. 8). Cícero desmascarou Catilina, que armou uma conjuração contra Roma. Cícero descobriu e o denunciou no senado,

Portanto, Catilina, que podes mais esperar, se nem a noite com as suas trevas pode encobrir teus iníquos congressos, nem a casa mais retirada conter com suas paredes a voz da tua conjuração? Se tudo se faz manifesto, se tudo sai a público? Crê-me o que te digo: por qualquer parte te haveremos às mãos. Todos teus desígnios são para nós mais claros que a luz, o que bem é reconheças comigo. Não te lembras do que eu disse no senado em 21 de outubro, me Mânlio, ministro e sócio das tuas maldades, havia de estar armado em certo dia, o qual dia havia de ser o 26 de outubro? Escapou-me Catilina, não só uma coisa tão horrível, mas nem ainda o dia? Eu mesmo disse que tu deputaras o dia 28 de outubro para a mortandade dos nobres: e então foi quando muitas das pessoas principais da cidade fugiram de Roma, não tanto por salvarem, como por atalharem teus intentos. Poderá porventura negar-me nque naquele próprio dia, por estares rodeado de minhas guardas e das minhas diligências, te não pudeste mover contra a República, quando, retirando-se os mais, disseste que te contentavas com a minha morte? E quando esperavas tomar a Preneste por assalto de noite no primeiro de novembro, não achaste aquela colônia municionada por minha ordem, e com meus presídios, guardas e sentinelas? Nada obras, nada maquinas, nada cogitas que eu não só ouça, mas veja e penetre claramente. (CÍCERO, *Catilinárias*, I, 4).

A ação de Catilina poderia ter resultado na sua morte, mas Cícero não pediu ao senado que o processasse, preferiu pedir que se retirasse da cidade o quanto antes. “Sendo tudo isto assim, Catilina, prossegue o que principiaste, vai-te enfim da cidade, abertas estão às portas, anda; a muito tempo te desejam por general aquêles teus acampamentos de Mânlio” (CÍCERO, *Catilinárias*, I, 5).

Quanto os aliados de Catilina, não tiveram a mesma sorte, foram presos e mortos. Pela defesa que fez às instituições da *Res pública*, Cícero foi declarado Pai da Pátria. Porém, a repressão desse movimento conjurador, rendeu a Cícero não poucos inimigos, que mais tarde, quando Julio Cesar, Pompeu e Marco Licínio Crasso formaram no ano de 60 a. C. o primeiro triunvirato²¹, Clódio no ano de 58, segundo Nougé (2005) conseguiu mandar Cícero para o exílio, onde permaneceu por um período aproximadamente de um ano e meio, a maior parte do tempo na cidade Tessalônica, na Grécia.

No momento em que esteve exilado, “[...] sua residência foi arrasada. Outros bens patrimoniais sofreram represália” (FERACINI, 2006, p. 12).

Após esse período, Cícero volta a Roma “[...] abandonou o partido do Senado e obteve o perdão de Cesar” (NOUGUÉ, 2005, p. 20). E no ano de 51, assumiu o cargo de procônsul²² na Sicília. Teijeiro (1975) informa que em 49, após Cicero concluir seu mandato, retorna a Roma em meio à luta civil entre César e Pompeu, na disputa do poder máximo de Roma. Cícero se tornou aliado de Pompeu, porém este não teve êxito na disputa e perdeu para Cesar. Cesar assumiu o poder máximo de Roma e Pompeu acaba refugiado no Egito e depois morto.

Em 47, Cícero se aproximou das ideias políticas de Cesar se tornando seu aliado político. Divorciou-se de Terência e se viu em uma situação política e financeira conturbada. Sua atuação no fórum praticamente cessou e os conflitos com os adversários se tornaram uma constante, deixando-o praticamente sem ação.

Em 45, passou por um momento de luto o que intensificou ainda mais o seu enfraquecimento na atuação no fórum. Com a morte de sua filha, passou a se dedicar mais aos seus estudos filosóficos e à produção literária.

No dia 7 de dezembro de 43, em sua vila de Fórmio²³, próximo a Roma, onde se encontrava refugiado, segundo Gonçalves (1954), Cícero foi assassinado sendo decepadas suas mãos e sua cabeça depois exposta em frente ao *Fórum*, onde o Arpinate, em muitas causas, defendeu sua Pátria e seu povo. Morreu um

²¹ Primeiro Triunvirato: Aliança política entre Julio Cesar, Côsul; Pompeu, ilustre militar e Marco Licínio Crasso, considerado o homem mais rico de Roma.

²² Procônsul: Governador romano de uma província.

²³ Vila de Fórmio: Vila particular de Cícero localizada próximo a Roma. Ter uma vila particular era comum ao Romano da Aristocracia.

homem romano – Cícero, “[...] que legou à posteridade verdadeiros monumentos literários” (GONÇALVES, 1954, p. 11).

Mesmo não sendo originário de família com tradição política, conseguiu seguir uma carreira, assumindo diversos cargos durante sua trajetória de vida pública e com uma atuação de destaque na política. Para chegar aos mais altos postos seguiu o caminho do *Cursus Honorum*²⁴, (caminho das Honras), que consistia em etapas ou sequência de ofícios que deveriam ser seguidas por aqueles que aspiravam uma carreira política.

Conforme Rocha Pereira (2002), Cícero nunca abandonou os estudos filosóficos e se ocupou em conhecer a filosofia grega em sua diversidade. Preocupou-se em estudar os grandes filósofos, embora seus primeiros estudos tenham sido concentrados nos conhecimentos jurídicos e políticos. Seu estudo da Filosofia grega, durante sua permanência na Grécia, influenciou na constituição de seu pensamento filosófico e na produção que deixou, com seu estilo eclético, principalmente os ensinamentos vindos da escola Estóica. Mais tarde, Cícero conviveu com o estóico Diódoto que viveu em sua casa por muitos anos e com este estudou a Dialética e exercitou-se na Oratória em latim e em grego. Também conheceu o *retor* Apolônio Mólou, de Rodes, famoso professor de Eloquência.

O contato direto com a filosofia grega, fê-lo adquirir um vasto conhecimento, resultando em seu plano de criação de uma filosofia romana que passa a ser sua ambição. Não se trata de transpor para o chão romano a filosofia grega, mas adaptá-la à vida desse povo. Cícero não cessava de buscar e conhecer o mais profundo possível o que as escolas filosóficas de sua época tinham a oferecer. “Frequenta, [...] as escolas epicuristas, levado pelo seu amigo Ático; aí ouve de novo Fedro e escuta Zenão de Sídon” (ROCHA PEREIRA, 2002, p. 128).

Os romanos conheceram a poesia e as artes tardiamente, o que provocou um atraso em seu desenvolvimento intelectual. A prioridade desse povo não era os estudos, mas a ação humana na lavoura, na guerra, nas questões diárias. Em Roma, “A pintura, a música e a geometria, nunca puderam atingir o brilho que tivera na Grécia” (ROCHA PEREIRA, 2002, p. 131).

²⁴ *Cursus Honorum*: É o caminho das Honras, ou seja, percurso sequencial das magistraturas romanas exercida pelos aspirantes a políticos.

Com Cícero os romanos puderam se deparar com uma discussão profunda, da necessidade de desenvolver um intelectualismo consistente, e se adentrar no mundo teórico onde os conhecimentos da teoria e da prática, passariam a conduzir as ações diárias.

3.2 Obra

As produções de Cícero apresentam independente do tema e da situação a que se referem conceitos morais, filosóficos, e acima de tudo, um caráter pedagógico, certamente resultado das influências da cultura helênica e da cultura romana. Na literatura “[...] refugia Cícero, que superava em equilíbrio e idéias, habilidade dialética e estilo” (NOGUÉ, 2005, X). Suas produções consolidam-se na versatilidade e na variedade dos temas, e se tornaram um corpo documental utilizado como fonte para a compreensão da dinâmica social, política e cultural de Roma até o momento em que Cícero viveu.

Pode-se encontrar em seus escritos, aspectos da história da sociedade romana com toda a sua complexidade e um conjunto de ensinamentos universais. Sua obra classifica-se em: Discursos, Tratados Filosóficos, Correspondências (cartas), Tratados Retóricos, e alguns poucos textos poéticos que chegaram até os dias atuais, somente fragmentos.

Dada a rápida leitura realizada das reflexões ciceronianas e considerando sua amplitude, serão discorridos, a seguir, alguns apontamentos referentes àquelas que pudemos ter acesso ou obter maiores informações.

Quanto às fontes adotadas para a produção do trabalho aqui apresentado, serão consideradas de acordo com a categoria que se encontram e farse-á uma esplanção mais elaborada por se tratar do objeto de estudo dessa dissertação.

3.1.1 Discursos

Foi na atuação nas causas da advocacia e política que Cícero produziu seus discursos. O “[...] discurso de Cícero, nos permitem seguir com bastante exata aproximação as complexas atividades da vida política seu autor”

(TEIJEIRO, 1975, p. 13).²⁵ Neles mostra toda sua genialidade e os coloca em ação nas defesas ou acusações.

Preferindo sempre as causas de defesa, apresenta além de sua genialidade, habilidade e qualidade que o destacava, sendo considerado um dos mais importantes advogados de seu tempo. Ao discursar, apresentava um estilo próprio e a vastidão de seus conhecimentos da cultura romana e de outras culturas, com suas tradições, usos e costumes. Segundo Hamsen (1959), o sarcasmo, a naturalidade, a imaginação e a postura patética e sensível, o espírito majestoso e até mesmo da bandidagem, conforme a natureza de suas causas fazia parte de seu estilo na hora da atuação.

Dentre os seus discursos, os de ordem judiciária são considerados acima dos políticos em nível de qualidade. Porém, tanto na ordem judiciária quanto política, se torna um rico material de estudo.

Dos discursos que produziu, destacam-se:

- *As Verrinas*, (discursos contra Caio Verres): (70) conforme Gonçalves (1954) composto em sete discursos divididos em dois momentos. No primeiro momento, em dois discursos, apresenta o depoimento das testemunhas e no segundo, em cinco, divulga os crimes de Verres. Toda a ação consiste na crítica ao governador da Sicília, Verres, acusado de corrupção e má administração pública.

- *Pro Murena*, (Discurso em defesa a Lucius Murena: (63) Defesa do Consul Murena, acusado de suborno nas eleições consulares (CICERO, Defesa de Murena, 1974).

- *Pro Archia*: (62) defende o poeta grego Aulo Licínio Arquias, (120),²⁶ Conforme Teijeiro (1975) o poeta estava sendo ameaçado de ser expulso sob a acusação de não ser um cidadão romano. Acusado de ter usurpado sua cidadania. Ele que havia adquirido legitimamente por meio da lei *Pautia Papiria*

²⁵ “O discursos de Ciceron nos permitem seguir con bastante exacta aproximación lãs complejas vicisitudes de la vida política de su autor” (TEIJEIRO, 1975, p.313).

²⁶ Aulo Licínio Arquias, grego nascido 120 a. C. muito admirado na Grécia pelo seu talento poético e seus dotes de improvisador. Chegou a Roma aos 17 anos e se instalou na família Luculus (ARBEA, 2002, p. 395).

(89),²⁷ (Lei de Plautius e Papirius), que concedia direito de cidadania a todos os estrangeiros, e sendo acusado com embasamento na lei *Papia (65)*²⁸.

Cícero, seu defensor, defende brilhantemente, apresentando os motivos no qual Arquias não deve ser acusado, pois segundo Cícero, sendo Arquias um homem das letras, serviu a sociedade romana como um cidadão comprometido e, portanto, merecedor da cidadania. Para Arbea (2002) está entre as peças mais importantes da literatura universal e é o primeiro texto destinado a chamar a atenção sobre a importância pessoal e social das letras, da atividade literária e dos estudos literários.

Nele inaugurou-se com lucidez e clareza, no mundo latino, a reflexão acerca da importância da atividade intelectual, o cultivo do verbo, o desfrute da palavra, o gosto pela construção das ideias, o desenvolvimento da língua, a experiência literária como parte da vida do homem.

- *As Catilinárias*, (discurso contra Catilina): (63) já anteriormente abordada, se refere a quatro discursos proferidos contra Catilina em que Cícero denuncia as intenções perigosas de Lúcio Sérgio Catilina e seus seguidores, de tramocar uma revolução política e social (CICERO, *As catilinárias*, 1954).

- *As Filípicas*: (44-43) conforme Gonçalves (1986) se refere a quatorze discursos contra as ações de Marco Antonio, “[...] que após a morte de César, primeiro fingiu ser republicano, mas, depois se desmascarando quis restabelecer a ditadura” (GONÇALVES, 1986, p.13).

- De *le agrária*, (sobre a lei agrícola), (63) segundo Teijeiro (1975), Cícero convence o povo a rejeitar a lei agrícola do tribulo Rulo. A lei tinha a intenção de dar terras do governo à plebe.

- De *provinciis consularibus*: (Do consulado das províncias) (56) de acordo com Gonçalves (1986), Cícero apresenta uma proposta de prorrogação dos poderes de Cesar na Gália.

- *Pro P. Quinctio*: (81) ”o discurso a favor de Quinto”²⁹ (TEIJEIRO, 1975, p. 13. de caráter civil e privado, consiste no pronunciamento em defesa de Quinto que estava sendo acusado de atitudes desonestas em um casamento.

²⁷ Lei Pautia Papiria publicada no ano de 89 concedia o direito de cidadania a todos os cidadãos romanos (ARBEA, 2002, p. 395)

²⁸ Lei Papia, instituía um tribunal especial para examinar os casos de usurpação da cidadania e estabelecia a expulsão dos estrangeiros residentes em Roma (ARBEA, 2002, p. 395).

- *Pro Cluentio*: (66) Teijeiro (1976) afirma que consiste na defesa de Aulo Cluêncio da acusação de assassinato.

Seus discursos se tornaram uma fonte histórica, literária e pedagógica à medida que fornece estudo e pesquisa de conhecimentos dos acontecimentos políticos e sociais de Roma no século I a.C.

3.1.2 As cartas

Das cartas ou epístolas produzidas por Cícero a maioria endereçada ao seu irmão Quinto, ao amigo Ático e a familiares. Teijeiro (1975) afirma que as cartas de Cícero refletiam sua reação diante dos acontecimentos, oferecendo conteúdos que revelam sua vida e a realidade conturbada da sociedade romana naquele momento. “A maioria de suas cartas foram publicadas após a sua morte” (TEIJEIRO, 1975, p. 10).³⁰

As cartas estão organizadas em um agrupamento de acordo com a temática tratada:

- Cartas a Ático (*Epistulae ad Atticum*) composto em dezesseis volumes que consistem em correspondências enviadas a seu amigo íntimo Tito Pompônio Ático, (106 – 32), datas anteriores a 61 e tiveram continuidade, com algumas interrupções, até o ano de 44.

- *Epistolae ad Familiares*, (cartas aos amigos), divididas em dezesseis livros. Um conjunto de cartas escritas a familiares e amigos entre os anos 62 a 43. Elas estão classificadas em ordem cronológicas e agrupadas pelo nome do correspondente.

- Cartas ao irmão Quinto, (*Epistolae Ad Quintum Fratrem*), escritas em 43 e que foram compiladas em três livros. Escrita ao irmão quando este ocupava o cargo de *pré-questor* na Ásia.

- As Discussões Tusculanas, (*Tusculanae Disputationes*), “Da natureza dos deuses (*De natura deorum*), Da amizade (*De amicitia*), Da velhice (*De senectute*), Sobre a adivinhação (*De divinatione*), Sobre o destino (*De fato*), Dos deveres (*De*

²⁹ El discurso em favor de Quinto. (TEIJEIRO, 1975, p. 13).

³⁰ La mayor parte de La corespondencia Ciceroniana fue publicada después de La muerte. (TEIJEIRO, 1975, p. 10).

officciis), Tópicos (*Topica ad C. Trebatium*) produzidas entre 45 a 44” (MILLARES CARLO, 1995, p. 77).

A carta *Dos Deveres*, por ser considerada também um tratado filosófico, será abordada na próxima categoria, com maiores explicações.

As cartas de Cícero carregam um notório valor pedagógico, pelos ensinamentos que faz ao escrevê-las demonstrando sua capacidade literária. Suas cartas se tornaram um monumento valioso para a composição da literatura latina.

3.1.3 Das produções filosóficas

Com o aprofundamento de seus estudos, e considerando a valiosa contribuição dos conhecimentos filosóficos principalmente para a conservação do patriotismo e para o âmbito da política, passando a tê-la como indispensável.

Segundo Rocha Pereira (2002), seu pensamento filosófico se apresenta com uma característica eclética. Tendo ele estudado com diversos filósofos em várias escolas filosóficas de sua época, apresenta suas marcas de forma indelével em sua produção. Buscou-as como fontes, com flexibilidade e adaptações, de acordo com a situação do momento vivido por ele e para atender ao espírito da cultura romana. “O papel de Cícero como difusor da filosofia grega e o seu valor como fonte de conhecimento dos mestres helênicos, desde os Pré-socráticos aos pensadores helenísticos, não sobre discussão” (ROCHA PEREIRA, 2002, p.134).

O espírito ciceroniano, não é de um filósofo que traz marcas puras, mas deixa claro que a estudou com dedicação, e soube trazê-la para o âmbito da ação do homem romano. Em “um espírito eclético, teve a glória de introduzir na literatura latina a prova filosófica” (GONÇALVES, 1986, p. 14).

Das suas produções filosóficas que chegaram até a atualidade, destacam-se:

- Da República (*De república*): Modelado, no título, pela obra homônima de Platão, adapta a discussão à realidade política latina, “[...] ao mesmo tempo, elaborando densamente a teoria helenista do Estado, que demonstra a constituição romana como a melhor, [...]” (LEONHARDT, 2003, p. 87).

Segundo Garcia (2001) a produção se encontra estruturado de seis livros, embora um material não completo discute as três formas de governo: monarquia, aristocracia e democracia e apresenta um quarto modelo que segundo Cícero seria a melhor forma, o qual deveria ser fundado na justiça. Nos livros Cícero “Exalta como a mais alta aplicação da virtude o governo da cidade” (ROCHA PEREIRA, 2002, p.155).

O que propõe é uma unidade do que há de melhor nas diversas formas de governo, resultando em um modelo ideal, que para ele é a República Romana. Apresenta como exemplo para o governo, as instituições romanas, em uma constituição mista.

- Das leis (*De legibus*) (51): Leonhardt (2003), trabalho não concluído, tratado sobre o Estado, se divide em três livros - Direito Natural, Direito Sagrado e Magistrado – versa sobre o direito, tem a preocupação as leis de um estado. É uma tentativa de conciliação entre as normas do Direito positivo e os princípios do Direito Natural.

- Paradoxo Estóico (*Paradoxa stoicorum*) (46): Millares Carlo (1995), Cícero apresentou proposições estóicas. Apresentou a designação de paradoxo por contrariar a opinião comum. Faz elogios a eloquência e afirma que a honestidade é o único bem.

- Questões Acadêmicas (*Academicae quaestiones*) (45): nesses dois livros, Cícero aborda as principais questões referentes ao conhecimento defendido pelos acadêmicos, a teoria do conhecimento. “Da primeira redação, foi conservado o segundo livro e, da segunda, parte do primeiro e alguns fragmentos” (MILLARES CARLO, 1995, p. 91-92).

- Do sumo bem e do sumo mal (*De Finibus bonorum et malorum*) (45): nesse texto, o autor discute o “supremo bem” em relação aos epicuristas, estoicos, acadêmicos e peripatéticos. “Estende sua preocupação à criação e adaptação de vocábulos latinos ao universo da Filosofia romana” (NOUGUÉ, 2005, p.XII-XIV).

Segundo Nougé (2005), Cícero deve ser visto no referido tratado, disputando duramente com os filósofos, ora apontando aquilo que refutava, ora aquilo que considerava positivo para o enriquecimento da cultura romana. Esta

produção talvez seja a que mais expresse o seu desejo de difundir a cultura grega na sociedade romana.

No tratado, ele apresenta o desejo de traduzir as obras de Aristóteles e de Platão para a língua latina, a fim de que os concidadãos romanos conhecessem as idéias dos filósofos. Afirma que tal empreendimento ainda não havia sido possível, mas que não estava descartada de suas intenções.

O que afirma em seu tratado, é que sendo ele um homem culto e tendo reconhecimento de seu dever para com sua pátria, e ainda, considerando a cultura romana rica em sabedoria prática, tinha por obrigação contribuir para o enriquecimento ainda maior, difundindo entre os romanos a filosofia grega. Adota como responsabilidade esse ato pedagógico e assim declara, “E eu, que nos trabalhos e perigos forenses não creio jamais ter abandonado o posto em que me colocou o povo romano, devo trabalhar quanto possa para que com meu estudo e diligência se tornem mais doutos os meus concidadãos” (CÍCERO, *Do sumo bem e do sumo mal*, I, IV).

Ao tratar da temática do sumo bem e do sumo mal, diz o fazer a fim de investigar o que é digno para a vida humana, ou seja, o fim da existência, “a razão última a que se hão de referir todos os propósitos de bem viver e de bem agir” (CÍCERO, *Do sumo bem e do sumo mal*, I, IV). Assim apresenta a filosofia dos grandes filósofos, ao propor a junção do cognitivo com a prática humana, do intelectual grego, com a ação romana, apresentando uma filosofia para a vida, onde a teoria e a prática se harmonizam.

E conclui sua produção afirmando que o homem feliz é aquele que não foge de suas responsabilidades para com a sua pátria, mas que, com sabedoria assume seu dever para com ela, sendo virtuoso e adotando uma vida honesta. “E, se tivesse sido sábio, tampouco teria podido considerar-se infeliz quando o crucificou Orestes, pretor de Dario. Dir-me-ás que os sábios padecem de muitos males. Quem o nega? Mas a esses males os obscurece a grandeza da virtude” (CÍCERO, *Do sumo bem e do sumo mal*, V, XXXI).

- Discussões tusculanas (*Disputationes Tusculanae*) (45): “nesse diálogo, organizado em cinco livros, Cícero discute a imortalidade da alma, a virtude como base da felicidade e o enfrentamento da dor, aflição e felicidade (GONZÁLEZ, 2005, p.10-12).

- Da natureza (*De natura deorum*) (45-44.): “nesse texto, composto por três livros, o autor discute a existência e a natureza dos deuses, assim como outras questões teológicas” (MILLARES CARLO, 1995, p. 92).

- Da velhice (*De Senectute*) (44): CICERO, Da velhice saudável, 2006, Cícero saúda o amigo Tito Pompônio Ático, recém chegado de Atenas. Dentre os variados temas, prefere abordar a velhice, a qual não deve ser um mal para o sábio, já que o curso natural da vida deve ser obedecido e aceito. No diálogo, refuta também a ideia de que a velhice afasta o homem dos negócios, adverte que o idoso sempre pode fazer uso do seu arsenal intelectual e prudencial. O tempo enfraquece o corpo e que, à medida que se aproxima a morte, diminuem os prazeres.

- Sobre Adivinhação (*De Divinatione*) (44): Millares Carlo (1975), a obra é dividida em dois livros. No primeiro expõe sobre a adivinhação e no segundo se contrapõe às teorias relativas a essas práticas. O livro se tornou uma fonte de informações sobre as superstições.

- Sobre o destino (*De fato*) (44): considerada a mais obscura reflexão ciceroniana, o autor postula que os fatos da vida são produtos daquilo que os antecede. “A vontade pode acabar com a fatalidade e as influências das circunstâncias externas, em contraposição à teoria estóica” (MILLARES CARLO, 1995, p. 95).

- Da amizade (*De amicitia*) (44): “nesse diálogo dedicado a Ático, Cícero aborda a amizade, destacando-a como o privilégio dos justos” (SANTIAGO, 2001, p. 6). Segundo Feracini (2006), Cícero explica o que é a amizade, evidenciando a benquerença mútua, enobrecendo e felicitando a vida. Depois de elucidar uma amizade sólica, o autor trata de conceitos que prejudicam a amizade e discorre sobre preceitos que regem e controlam o amor-amizade, destacando a dimensão moral e a honestidade. Segundo Cícero “não se vive sem amizade, já que ela conduz os amigos ao encontro da virtude, do bem e de modo particular, da verdade” (Feracini, 2006, p.18).

- Dos deveres (*De Officiis*) (44-42): “[...] dedicando esse texto a Marco Cícero, seu filho, onde a moral estóica é aprofundada, o autor reflete sobre o dever, a prudência, a justiça, o útil e o honesto e, ao mesmo tempo, confronta o útil e o honesto, evidenciando que a prática da honestidade deve prevalecer”

(ARANTES, 2002, p.14). Sintetiza as virtudes cívicas e morais, bem como os preceitos e deveres éticos dos romanos. “Este consiste em mostrar a primazia do *honestum* para a vida prática frente a todas as ponderações utilitárias” (LEONHARDT, 2003, p.98).

Portanto é considerado também um tratado filosófico, pois nele Cícero apresenta um conjunto de ensinamentos e orientações que considerava importante a vida de um jovem romano. Ensinamentos transmitidos de pai para filho, com base e fundamentos na República. Apresenta um esforço para resgatar princípios morais que se refere ao relacionamento do homem com o divino, com a família e com a República, tendo como sustentáculo a observância dos deveres na conservação da piedade, fidelidade, lealdade, constância e da gravitas, que consistem em manter sempre uma digna postura em ações e palavras.

Considera como primeiro princípio moral a ser praticada a honestidade. “O honesto constitui a terminologia ciceroniana, um arquétipo moral ideal que não encarna nunca em uma realidade concreta, é mais, uma abstração praticamente inalcançável” (TEIJEIRO, 1975, p.28)³¹

Para Coneglian (2012), na carta Dos Deveres, Cícero prescreve hábitos de vida através dos quais um jovem poderia alcançar a distinção, a superioridade, o respeito e confiança dos seus concidadãos. Um ensinamento tendo em vista uma formação voltada para a manutenção da República, seu ideal de governo e que estava ameaçado pelas novas idéias de implantação de império. “Era intuito do Arpinate, nortear seu filho, e por extensão, o cidadão romano, para suas responsabilidades de forma clara e objetiva, buscando um conhecimento completo do que se deve esperar” (CONEGLIAN, 2012, p. 95). Para Coneglian (2012),

Ao reconhecer a sociedade como um organismo complexo eivado de particularidades, Cícero destaca em *Dos Deveres* a divergência entre os tipos de obrigações que devem reger a vida humana, distribuindo-os em suas várias relações, tais como: trabalho, família, sociedade etc. atribuindo a cada qual um encargo específico, acarretando no estudo de uma soma de deveres necessários à vida comum. (CONEGLIAN, 2012, p. 95).

³¹ “Lo honesto constituye en la terminología ciceroniana un arquetipo moral ideal que no encarna nunca en una realidad concreta; es, más bien, una abstracción prácticamente inaccesible” (TEIJEIRO, 1975, p. 28).

Assim, ensina Cícero: O homem íntegro é aquele que tem consciência do seu dever tanto no coletivo como no particular. E, tendo tal clareza, a do bem comum, adota condutas de promoção à vida comunitária, reconhecendo-se como sujeito individual pertencente a uma sociedade universal.

- Hortênsio (*Hortensius*) (44): O texto completo foi perdido, os que restam são apenas alguns fragmentos, que podem ser encontrados, entre outras fontes, nos escritos agostinianos. “Outra reflexão, também desaparecida, é *Consolação (Consolatione)*” (GONÇALVES, s/d, p.15). Nesse texto, escrito como autoconsolo pela morte da filha Túlia, ele busca alento na lembrança da morte de grandes homens e nas palavras de condolência e solidariedade que lhe eram dirigidas.

3.1.4 Das produções sobre a Retórica

Os seus tratados Retóricos põem em evidência o domínio dos fundamentos teóricos de sua arte – a Oratória. Segundo Teijeiro (1975) o qual se fez mestre por incontestável excelência. O domínio do conhecimento da cultura grega e romana, que foram base da formulação de seu pensamento pedagógico, produzindo uma justificativa contundente, da necessidade do orador romano adquirir uma vasta cultura, a qual forneceria os conteúdos e a consistência aos discursos, proporcionando a articulação das partes. Sem o conhecimento a oratória não passaria de palavras vazias e sem nenhum efeito prático.

Dos seus tratados retóricos evidenciam-se:

- Da invenção (*De inventione* ou *Rhetorici libri II*): Produzido no ano de 86, que segundo Teijeiro (1975) se trata de um manual escolar escrito na sua juventude em que aborda a invenção da matéria e reúne os preceitos da escola de Rodes. De acordo com Núñez (1997), trata-se de um pequeno tratado sobre a invenção da Retórica. Dessa produção foram preservados dois livros.

- Sobre o orador (*Sobre El Oratore*) (55): Escrito em forma de diálogo, Cícero trata do gênero oratório amparado na teoria de Aristóteles e Isócrates, fazendo críticas contundentes às escolas de retórica em Roma, bem como ao material didático nelas utilizado.

A produção se trata de um diálogo escrito em um momento que se encontrava afastado das questões políticas, nela Cícero ocupa seu tempo

discutindo a teoria da Eloquência e a necessidade de melhor formar os oradores romanos.

Conforme Iso (2002), Cícero elege como personagens de sua produção, oradores romanos que tiveram atuação expressiva tanto nas causas forenses quanto no cenário político. Seus personagens principais são Licínio Crasso e Marco Antonio, ambos tendo sido cônsules em Roma.

Além dos personagens centrais, se faz presente no cenário da produção, personagens secundários, jovens em fase de formação, que fazendo reflexões vão induzindo seus personagens principais a dar explicações sobre as questões levantadas para que o diálogo se desenvolvesse.

Segundo Scatolin (2009), no primeiro livro, Cícero discute conceitos e critérios que haviam formado a figura do orador romano ao longo do tempo e comenta aspectos do gênero dialógico e passos do próprio diálogo em questão.

Para Iso (2002), Cícero inicia o diálogo discorrendo sobre a excelência da eloquência como forma racional de constituição da sociedade humana, elemento civilizador e pacificador e por outro lado, a dificuldade que uma eloquência artística digna de tal nome, como todas as artes. Ocupa-se ainda de apresentar qual formação seria a ideal para o orador romano desenvolver tal arte, bem como quais as qualidades que aquele que deseja ser um bom orador deve naturalmente possuir e desenvolver. No decorrer da abordagem, faz críticas contundentes ao modelo de formação oferecido pelas escolas dos Retores, em Roma, naquele momento.

Apresenta um modelo de formação unindo a prática romana com os ideais da cultura grega, tornando-se um modelo educativo e uma prática social capaz de se tornar, mediante a palavra e os assuntos reais, uma sólida formação cultural e literária para o romano.

No segundo livro, predomina a voz de Antonio, discorre com precisão os procedimentos para a estruturação de um texto retórico. Apresenta a retórica como arte de convencer as pessoas das coisas que para elas são desconhecidas. De convencer o público de que sobre um mesmo tema é possível obter opiniões diferentes. Tudo depende da forma de abordagem desenvolvida pelo orador.

Cícero continua uma discussão sobre a eloquência e aborda a possibilidade da prática da oratória, os meios de persuasão podem em grande

medida se tornar uma arte, um método, muito mais eficiente e eficaz do que aqueles tratados nos manuais das escolas dos Retores.

Segundo o autor, a plenitude da eloquência é possível, quando a oratória for tratada como uma arte. A capacidade do orador de convencer as assembleias e mover a opinião dos jurados seja no discurso judicial, demonstrativo ou deliberativo, se dará pelo modo discursivo elegante e variado.

No terceiro livro, Cícero aborda o estilo da exposição do discurso. Trata com maior profundidade a necessidade de o orador buscar nas diversas áreas da ciência, conteúdos que resultarão no enriquecimento do seu discurso, podendo o orador mover-se de um tema para outro com segurança e sabedoria.

Portanto, o diálogo *Sobre o Orador*, está dividido em três livros “na qual ele indo além da teoria retórica tradicional, exige uma formação ampla, sobretudo também filosófica [...], do orador” (LEONHARDT, 2003, p. 84).

- Bruto (*Brutu*) (46): Traz uma síntese da Oratória na Grécia e “aborda a história da eloquência romana desde as suas origens” (LEONI, 1956, p. 10). Em forma de diálogo descreve uma conversa em sua casa, em Roma, envolvendo seu amigo Ático e Bruto.

Escrito em um momento em que se encontrava afastado das atividades da vida pública, momento de ócio consequente das guerras Civis, período em que as atividades do fórum haviam praticamente cessado. No tratado, Cícero desenvolve o tema da morte e da dor e apresenta elogios a Quinto Hortêncio Hórtalo, considerado por ele um grande orador, mesmo tendo sido seu rival em diversas causas. Faz elogios a muitos outros, uma forma de valorização desse personagem romano - o orador.

Seguindo uma ordem cronológica, Cícero cita muitos oradores que atuaram em Roma e que mereciam ser lembrados com grande prestígio, por terem participado do desenvolvimento político e intelectual romano. Em uma espécie de homenagem fúnebre a Hortêncio, Cícero lamenta a perda dos bons oradores de Roma.

Não diferente de outras produções, se trata de uma produção dialogal. No primeiro livro levanta a questão e faz uma explanação geral da história da doutrina oratória no mundo romano. No segundo livro, aborda de forma polêmica a ação dos aticistas e no terceiro exalta a eloquência.

Ao fazer a homenagem a Hortêncio, Cícero estabelece uma comparação entre o estado de vida e morte e apresenta a importância do legado deixado pelos oradores ao fim de sua vida. Dessa forma faz a valorização do modelo, ou seja, a vida do orador deve ser modelo para os mais jovens. O orador, tendo mantido uma vida digna e honesta, mesmo após sua morte, continua sendo exemplo, uma forma de ato educativo para as próximas gerações.

No desenvolvimento do diálogo, relata a vida de Hortêncio e faz um paralelo com sua própria vida e lamenta o fato de suas vidas políticas terem sido interrompidas, a de Hortêncio pela morte, e a sua pela situação política em que se encontrava Roma, onde já não havia mais espaço para a sua atuação como orador.

Quando aborda a ação de Hortêncio, deixa claro que o gênero discursivo adotado pelo orador, o modelo aticista, se trata de um gênero de discurso que merecia uma atenção, porém inadequado àqueles que já se encontram na maturidade.

Cícero valoriza a virtude da oratória à medida que a coloca acima das virtudes bélicas. Para ele é pela palavra que se constrói a paz e não pelo uso das armas. A maior arma nos períodos de paz foram os discursos dos grandes oradores que moveram os sentimentos, promovendo a paz.

Portanto, na produção *Bruto*, Cícero dá grandes lições do valor da oratória para a sociedade e define o posto que deveria ser assumido pelo orador, na busca da paz romana.

O tratado pode ser sem dúvida, considerado um material pedagógico e filosófico, à medida que traz ensinamentos de conduta de vida para o homem romano, em especial a preocupação com a formação do orador, considerada por Cícero figura social central.

- O orador (*Orator*) (46): Segundo Gonçalves (1986), como no primeiro livro *De Oratore*, faz uma discussão sobre as técnicas da oratória, da importância do orador para a sociedade romana e o modelo de sua formação. Apresenta os três tipos de eloquência: simples (*Subtile*), o médio (*médium*) e o elevado (*amplum*), e reconhece que o elevado, se torna perfeito se houver dedicação e disciplina nos estudos. O simples e o médio, pode pelo estudo superar suas limitações e se tornarem bons oradores.

No seu tratado, defende seu próprio estilo oratório e tenta convencer que deveria haver uma prosa mais elaborada e com maior força para produzir um efeito nos ouvintes

O que pretende é encontrar um orador tão perfeito que nada mais possa nele ser acrescentado. Porém, afirma ser muito difícil chegar a tal perfeição, pois demanda muito estudo, o que nem sempre é possível, pois uns não querem ocupar todo o seu tempo em estudos e outros, não possuem o talento, dom natural para o desenvolvimento da eloquência. Mesmo assim, Cícero diz não haver razão nenhuma para perder a esperança ou desanimar, aquele que deseja ser um bom orador precisa dedicar-se ao estudo da eloquência.

Cícero se propõe a trabalhar em prol da formação de um falante que nunca existiu, portanto um ideal orador, com a mais alta perfeição. O filósofo compara a busca da perfeição do orador com a mesma intensidade de um artista que após terminar sua obra possa admirá-la.

Afirma Cícero que é na memória que o orador produz seu discurso. É nela que busca a graça e a consistência para ornar sua fala. Portanto, tal empreendimento só se torna possível, à medida que, o orador domine a vastidão de conhecimento e a retórica para poder produzir um discurso rico em conteúdo e beleza. Ele afirma que o orador deve fugir daquilo que é comum a todos, mesmo nos fatos já conhecidos é preciso utilizar palavras novas. Assim, julga serem necessários os conhecimentos vindos da filosofia, dos ensinamentos dos grandes filósofos gregos como Platão, Sócrates, Aristóteles, Teofrasto, entre outros, o que ajudará na melhor atuação do orador.

Cícero ressalta que os gregos não consideravam a oratória dos oradores romanos algo de grande valor. Mas Cícero, tendo estudado os grandes filósofos afirmou que o que faltava ao orador romano era uma doutrina capaz de dar brilho e encantamento ao discurso. Para isso a filosofia teria grande utilidade, forneceria o necessário para ajudar o orador na sua fala podendo tratar das grandes causas com extensão e abundância de palavras.

- Divisões da Oratória (*Partitiones Oratoriae*) (46): Segundo Gonçalves (1986), reflexões que resultaram em um resumo da Retórica, destinado a seu filho Marco, tendo em vista orientá-lo e facilitar-lhe o estudo dessa arte.

- O melhor tipo de Orador (*De Optimo Genere Oratorum*) (384-322): aborda os tipos da Eloquência grega. Sua intenção era compor uma “espécie de prefácio destinado a uma tradução dos discursos de Esquino (390 a 314) e da Coroa de oradores gregos” (GONÇALVES, 1986, p. 16).

- Topica ad C. Trebatium (*Tópicos*) (44): “destinado ao jurisconsulto Trebácio, nesse pequeno tratado de memória, escrito durante uma viagem, Cícero procedeu a uma síntese superficial e imprecisa a respeito dos lugares-comuns discutidos pelo filósofo Aristóteles” (MILLARES CARLO, 1995, p. 87-90).

Além das produções já elencadas, Gonçalves (1986) afirma que Cícero produziu no campo poético, a saber:

- *De nostro Consulatu*, (sobre o nosso consulado) (62-61): poema épico em três contos, em que faz exaltação de seu consulado.

- *De méis Temporibus*, (sobre meu tempo): Também em três contos.

- Traduziu *Phoenomena*, (Fenômeno): poema de Arautus, traduzido por Cícero Jovem.

Nas produções ciceronianas, particularmente, as obras que tratam da oratória, manifesta sua preocupação com o processo formativo e os fatores que ele considerava responsáveis. Por fim, apresenta as características fundantes do homem que entendia como ideal: o orador.

Contudo, sua principal preocupação tornou-se o processo formativo do orador. Segundo Pereira Melo (2009), embora não tendo deixado produções especificamente pedagógicas, o que deixou traz, além de um vasto conhecimento, orientações pedagógicas que mais tarde balizaram a organização das escolas romanas, e que contribuiu para a construção de um novo pensar do homem romano.

3.2 Pensamento

Considerado um dos mais significativos representantes do pensamento romano, foi um grande contribuidor na assimilação da filosofia helênica e, também, nas traduções do vocabulário do grego para o latim, resultando em um vasto e rico vocabulário para a latinidade. As traduções realizadas por Cícero foram solo para o cultivo da cultura romana e a adequação do grego para o

romano, resultando em um novo pensar. Cícero foi “[...] o grande transmissor da filosofia grega, no seu conjunto, [...]” (ROCHA PEREIRA, 2002, p.123). Pode-se encontrar tal contribuição em sua própria afirmação quando escreve a seu filho Marco Cícero, no seu tratado filosófico, *Dos deveres*; aconselha-o a aperfeiçoar tanto em uma língua quanto a outra, por considerar úteis as coisas romanas, uma vez que a grande preocupação da sociedade romana se traduzia no seu aspecto prático, político e social. Cícero entendia,

[...] ser proveitoso conjugar letras latinas e gregas, quer na filosofia, quer na eloquência, pensei que seria benéfico diligenciar para outra língua você adquirir maior facilidade, tanto numa como na outra. Considera a aquisição das duas línguas, importantes para as coisas públicas romanas (CÍCERO, *Dos Deveres*, I, I).

A maior parte das produções deixadas por Cícero foi escrita quando se encontrava impossibilitado de atuar no fórum e no senado, realizadas entre os anos 64 a 44, com mais intensidade nos últimos anos de sua vida. Fez de sua ociosidade, um momento intelectual e educativo, uma forma de continuar discutindo as questões que considerava importante para a sociedade romana. Ao escrever, pode continuar exercendo seu papel de cidadão ativo comprometido com sua sociedade. Intensificou suas produções, deixando como legado para as novas gerações, o que se pode ter contato, em parte, até os dias atuais ele declarou “Agora que o Senado foi extinto e que não há mais tribunais, que ocupação digna de mim poderei encontrar fora do Fórum e da Cúria?” (CÍCERO, *Dos Deveres*, III, I). Cícero encontrou nos estudos e principalmente na escrita, uma forma de continuar discutindo as questões consideradas importantes para a sociedade romana.

O pensamento ciceroniano se afirma em sua romanidade. A sociedade romana se estruturou em saberes práticos concentrando seus conhecimentos na organização política, econômica e social entre outras. O povo Romano tinha uma característica própria no cultivo dos saberes herdados de seus antepassados. Valorizavam as normas e regras deixadas, os *mores maiorum* – normas dos antepassados. As leis romanas, as Doze Tábuas, mantinham a organização e a característica da sociedade romana, que se concretizava na organização de suas instituições como base de sustentação da sociedade.

Para o filósofo, o dever para com a sociedade e aquilo que proporciona ao ser humano uma vida melhor deveriam ser observados, seja no particular ou no coletivo. “Negócios públicos ou privados, civis ou domésticos, ações particulares ou transações, nada em nossa vida esquivava-se ao dever: observá-lo é virtuoso negligenciá-lo, desonra” (CÍCERO, Dos Deveres, I, II). O dever estava posto na sociedade romana por meio de suas rígidas leis, as quais mantinham toda a organização da sociedade. Seu objetivo era reorganizar e revitalizar as estruturas em que a sociedade romana havia sido organizada, com sua Lei e as diversas instituições, porém em um processo harmonioso, “A rigor, o que Cícero pretendia era a harmonia, a fusão entre elementos mais gregos e romanos” (PEREIRA MELO, 2009, p. 279). Para Cícero tal organização manteria a ordem social em Roma.

Na atuação pública, uniu a reflexão filosófica à ação política afirmando que, “[...] Nada se diz, entre os filósofos, que seja reputado como são e honesto, que não o tenham confirmado e exposto aqueles pelos quais se prescreve o direito da República” (CÍCERO, Da República, I, II). A filosofia era para ele algo necessário para viver a realidade, para dar sustentação à ação e não se limitava ao ato contemplativo da vida humana e as descobertas científicas, somente tinham valor se colocadas a serviço da vida prática.

Durante um período, entendeu a Filosofia “[...] apenas como ciência que deveria alavancar a Eloquência, mas, conforme seu amadurecimento filosófico foi lhe atribuindo novas dimensões, de modo a atender às suas demandas patrióticas, políticas e pessoais” (PEREIRA MELO, 2010, p. 18). Passa a compreendê-la como importante para a formação do homem romano.

Os princípios éticos, em Cícero, são resultados de uma moral que tem como fio condutor um saber prático, de conduta humana, como conhecimento daquilo que só existe como resultado das ações do homem e tais ações devem ser sempre honestos. A vida honesta é a única vida feliz e, sendo assim, “[...] se a vida feliz se mede pela honestidade, o que é honesto deve ser considerado o único bem verdadeiro” (CÍCERO, Do Sumo Bem e Do Sumo Mal, III, VIII). Portanto, em que consiste a Honestidade?

Cícero explica seu entendimento de homem honesto partindo do princípio da lei Natural e busca ancorar seu pensamento tendo como fundamentos os

princípios de Aristóteles e de Isócrates. O filósofo valoriza o conhecimento por meio da razão humana. “A natureza colocou em todo o ser vivo a aptidão inata de conservação para defender seu corpo e sua vida, para evitar o que danifica, para procurar todo o necessário com que viver: o alimento, o abrigo e outras coisas dessa espécie” (CÍCERO, Dos Deveres, I, IV).

Concedeu ao homem, algo que o difere dos demais seres da natureza. Concedeu a razão, o poder de elaborar suas ações a partir de seu pensamento e da abstração daquilo que o auxilia na vida prática, o faz perceber as coisas, as causas e as consequências para a própria vida, seja para si mesmo ou para o bem comum, compreendendo a origem, o movimento natural dos acontecimentos.

É pela razão que os homens se aproximam e passam a viver em comunidade. Logo, a natureza do homem está intimamente ligada à ordem universal. Quando o homem compreende a sua própria natureza, entende a sua própria universalidade. E, compreendendo-se, compreende aquilo que sua razão lhe proporciona. A racionalidade, portanto, dará condições ao homem de desenvolver-se e desenvolver sua sociedade, pois,

Grande vantagem deu a natureza e a razão ao homem sobre todos os seres animados, concedendo-lhe o significado da ordem, da bem-aventurança e a medida nas suas ações e palavras. Só ele sente a beleza, a graciosidade, a proporção dos objetos sujeitos à sua vista: e o homem, conduzindo essa imagem dos objetos materiais ao que só interessa ao espírito, transforma em beleza, assiduidade e ordem seus desejos e suas ações resguardam-se da desonestidade e da covardia, preservando-se da paixão tanto para seus sentimentos como para seu comportamento. De tudo isso decore a honestidade procurada, honestidade que nada perde de sua beleza, mesmo quando não seja notada e que é louvável por si própria, ainda quando por ninguém louvada (CÍCERO, Dos Deveres, I, IV).

O homem, em posse das condições concedidas a ele pela natureza que o torna um ser superior aos demais seres animados, é o único ser capaz de transformar a própria natureza e tudo o que ela contém, para colocar a seu favor. É pela abstração de seu pensamento, elemento que só a ele pertence, que sente a necessidade de convivência com seus semelhantes e cria então as condições para que seja suprida sua necessidade.

Porém para tal, deverá conservar e aprimorar sentimentos de fazer parte a uma categoria “humana”, reconhecendo suas capacidades e desenvolvendo sentimentos que o conduza à perfeição dessa natureza. Deve preservar em si a moral, a qual o filósofo denomina como sendo a honestidade e o dever, que para ele é o que dá a beleza da vida, a grandeza da alma.

O pensamento estóico está expresso na compreensão e na reflexão de Cícero sobre o sentido racional da vida humana. O homem para o estóico, em busca da felicidade, deve seguir sua natureza universal, sua razão. Somente compreendendo-se, conseguirá alcançar uma vida feliz. A ética e a doutrina moral estóica repercutiram em toda a sociedade romana e influenciou de forma contundente a formação do pensamento de Cícero.

Essa regra está perfeitamente conforme a doutrina dos Estóicos, que seguimos neste trabalho; com efeito, alguns acadêmicos e seus Peripatéticos, que antes eram os mesmos, prefeririam a honestidade a tudo que parece útil. Toda essa matéria foi tratada com mais nobreza e dignidade pelos que afirmaram que tudo o que é honesto é útil, e mesmo para os que afirmam que há coisas honestas que não são úteis, e coisas úteis que não são honestas. Nossa academia, no entanto, nos dá liberdade para seguir a teoria que avaliarmos melhor (CÍCERO, Dos Deveres, III, IV).

Cícero discute a conduta humana para o bem comum, afirmando que a honestidade não deve ser confundida com a utilidade das coisas, pois ela e, principalmente, os atos humanos é que decorrem da honestidade

A razão humana é que otimiza todas as ações, dá a compreensão de que é o homem quem determina os rumos que deverá tomar uma determinada sociedade. Portanto, não há neutralidade nas transformações ocorridas de tempos em tempos, é sempre o homem agindo em favor de si ou daquilo que determina ser o melhor. É aí que entende em Cícero a ideia da necessidade de possuir uma moral em favor da coletividade, da busca da harmonia social, organizada, com as leis estabelecidas em favor do próprio homem. É no homem que,

[...] aos sentidos acrescentou a razão, mas nem por isso abandona os sentidos. [...] Do mesmo modo, quando se dão à natureza do homem, conservam-na, mas conservam-se também a si mesmos,

e, quando se lhes acrescenta a razão, e chega esta a tal domínio que todos os elementos da natureza se sujeitam a ela, nem por isso abandona ela o cuidado e o governo das coisas e da vida (CÍCERO, Do Sumo Bem e Do Sumo Mal, IV, XIV).

Segundo Cícero, pelo uso da razão o homem é capaz de fazer suas escolhas, discutir o que é melhor para a sociedade e considerar as decisões a serem tomadas em relação a sua vida e à vida de sua comunidade decidindo os rumos de uma determinada sociedade.

O homem ao contrário, com o auxílio da razão, que é o seu galardão, percebe as consequências, a origem, o asso das coisas, compara-os uns com outros, liga e reata o futuro ao passado das coisas, compara-os uns com outros, liga e reata o futuro ao passado; envolve, de um golpe de vista, todo o fluxo da sua vida, e faz guarnição do necessário para iniciar uma profissão (CÍCERO, Dos Deveres, I, IV).

É pela razão que os homens se aproximam uns dos outros formando uma sociedade. Ao agir dessa forma, cria laços entre si e passa a proteger sua comunidade tomando decisões que a conserve. A preservação dos sentimentos de amor para com sua comunidade e aqueles que a ela pertence, conduz o homem a buscar compreender a natureza para sua felicidade e dos seus semelhantes.

A busca pela verdade conduz o homem a encontrar sua independência, e esse passa a “[...] não desejar obedecer a ninguém, senão àquele que o educa e o dirige no interesse comum, de acordo com a justiça e as leis; daí nasce a nobreza da alma e o desprezo às coisas humanas” (CÍCERO, Dos Deveres, I, IV). A nobreza da alma consiste no ato de busca da verdade para o bem do próprio homem. O homem ao compreender sua posição no mundo, desenvolve em si o desejo de busca por aquilo que alimenta seu espírito e lhe dá conforto à alma, nessa ação é o homem quem,

[...] transforma em beleza, assiduidade e ordem seus desejos e suas ações, resguarda-se da desonestidade e da covardia, preserva-se da paixão tanto para seus sentimentos como para seu comportamento. De tudo isso decorre a honestidade procurada, honestidade que nada perde de sua beleza, mesmo quando não

seja notada e que é louvável por si própria, ainda quando por ninguém louvada (CÍCERO, Dos Deveres, I, IV).

A partir dessas suas reflexões, que resultaram em um repensar a romanidade, Cícero se projetou entre os maiores nomes da cultura romana, no caso específico da educação. Mesmo que sua preocupação não tenha sido a educação infantil, sua teorização de um homem ideal, o orador consumado, foi fundamental para o seu tempo, conforme expressa a sua *humanitas*.

Efetivamente, *humanitas* deriva de *humanus*, que por sua vez relaciona-se a *homo* (o homem) e *humus* (a terra): existe a probabilidade da noção de um “ser terreno”, ligado a modos de comportamento que lhe são próprios, incluindo o comportamento e a natureza dos homens. Em Cícero, indica também outras variantes, *humanitas societatis*, *humanissimus*. [...] Nestes extratos, vemos que Cícero emprega *humanitas* como termo de acumulação de civilidade, doutrina, saber; *humanitas* é aquilo que torna o homem profundamente homem, e se perpetua mesmo com a expiração do ser. *Humanitas* torna o homem digno, fazendo-o *humanus* e *politus*, ajustando este conceito às suas *gravitas*, *auctoritas* e *dignitas*, atitudes de caráter romano (CAMPOS, 2008, p.6).

Em termos didático-ilustrativos, pode-se representar graficamente, em um triângulo, a *humanitas*, principalmente quando se têm em conta os seus três principais elaboradores: Marco Porcio Catão (o Censor), Marco Terêncio Varrão e Marco Túlio Cícero. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado na concepção ciceroniana de *humanitas*, pois, para ele, a *humanitas* se compõe de três dimensões fundamentais que se completam e se harmonizam: moral, política e literária.

Nos dizeres de Cícero, toda *humanitas* é moral, visto que, sem chegar aos domínios da virtude, o homem não se realizaria plenamente. Essa condição de homem virtuoso, segundo ensinamentos de Platão, somente se realizaria depois que o homem tivesse submetido suas paixões aos domínios da razão. Não se tinha o status de virtuoso simplesmente pelo fato de o homem ter obtido sabedoria, mas sim pela sua prática constante e que se tivesse em mente uma única direção: o bem. “Sim, porque a vida que apeteçamos é a que abunda em todas as virtudes tanto da alma como do corpo, e o sumo bem deve por-se, como

quer que seja no fim último das coisas apetecíveis” (CÍCERO, Do sumo bem e do sumo mal, V, XIII).

Sendo assim, um homem somente era moral quando vivia em conformidade com sua razão e sua consciência, para além, quando era justo, livre da paixão, constante, prudente, entre outros aspectos.

Prossegue o pensador observando que toda *humanitas* é política, isto é, o homem somente era verdadeiramente homem na medida em que admitia a necessidade de sua existência entre seus iguais, a quem devia sua origem, nos quais tinha que encontrar colaboração e apoio por isso ele exorta:

Em muitas coisas diferem os homens dos animais, mas, sobretudo em ter recebido da natureza a razão e entendimento agudo, vigoroso, sagaz, e que rapidamente e ao mesmo tempo trata de muitas coisas, considerando as causas e as conseqüências, e juntando o dividido, e unindo o futuro e o presente, até abraçar todo o quadro da vida (CÍCERO, Do sumo bem e do sumo Mal, II, XIV).

Também para Cícero, toda *humanitas* é literária, pois era comum e aceito, em Roma, que o *bem dizer* se constituía em um componente essencial para um programa de formação humana completa. Foi nessa linha que apareceu evidenciado o espírito reformulador de Cícero, que, em seu *Do orador*, se mostrou postulante de uma nova e mais profunda formação para os oradores, de modo que as regras não ofuscassem a originalidade e o talento, mas incentivassem e fortificassem a formação desse cidadão ideal. O futuro orador devia observar com a máxima atenção a realidade que o cercava e o mundo em que estava inserido, homens e coisas, de quem e de onde tinha de buscar inspiração para os principais temas de seus discursos. Isto posto, se exigia do orador, ou daquele que o pretendia ser, uma cultura ampla em todas as ciências e artes. Por fim, “Cícero concordou que o orador tinha de ser um filósofo que soubesse explorar duas grandes forças: Oratória e Filosofia – as condições para se obter êxito no Senado, no Foro e na sociedade romana” (MORENO et al. 1986, p.109-110).

Assim sendo, Cícero entendeu que a educação a ser ministrada em Roma deveria ter por finalidade preparar o jovem, a partir desses referenciais, os quais lhes garantiriam um melhor servir ao Estado. No seu pensar, apontou como

preocupação primeira uma educação que preparasse as novas gerações à luz dos princípios cívicos, morais, sem se esquecer da sua dimensão cultural.

Entre suas produções que trazem um caráter pedagógico, por estarem voltadas para esse modelo de reflexão, ganha destaque a que escreveu destinada à educação do seu filho, que tem como título *Dos deveres*, onde formulou regras para essa formação que entendia como ideal. No referente, à educação intelectual, na sua perspectiva, ela deveria ter por objetivo a formação do orador perfeito, orientação que, possivelmente, buscou nas suas próprias experiências de vida, visto ser considerado um dos maiores nomes da oratória de todos os tempos.

Mas, para a formação desse homem ideal pensado por Cícero, o orador, ele se dedicou à produção de três reflexões, as quais compõem, pode-se dizer, uma “trilogia”: *O orador*, onde defende o “ideal da eloquência”; *Do orador*, onde aborda a importância, a “prática da eloquência”; *Bruto*, onde discorre sobre “a história da eloquência”. Nesse seu exercício como “pedagogo”, em que pese a forte influência grega que marcou o seu pensar, não se pode negar seu estilo pessoal e a forma impecável com que escreveu suas reflexões, e que resultaram na projeção de um homem ideal, o Orador, o cidadão romano pleno que teria as condições de segurar o destino político da República.

4 O HOMEM IDEAL CICERONIANO

4.1 O conceito de Homem

Ancorado nas ideias de Isócrates (436 – 336),³² Cícero formula seu conceito de homem. Para ele, o ser humano possui uma característica específica ao seu gênero e que lhe foi concedida por natureza, a capacidade de falar, o *dicere*, (dizer). Tal privilégio o difere dos demais animais, “[...] a palavra se constitui criadora da cultura, de que ela faz do homem, Homem” (PEREIRA MELO, 2009, p. 288). Porém não basta possuí-la, é necessário desenvolvê-la.

O desenvolvimento do *dicere* é a garantia que o homem será capaz de verbalizar, expressar seus sentimentos, desejos, apresentar suas ideias. “Para Cícero, palavra e humanidade estão co-envolvidas” (VASCONCELOS, 2000, p.179), o homem é homem porque raciocina e fala.

Pois, distinguimo-nos dos animais unicamente por sermos capazes de falar uns com os outros e expressar nossas sensações mediante a palavra. Sendo assim, quem não há de admirá-la com razão, e julgar que deva dedicar-se a ela de modo a superar os homens na única coisa em que estes se distinguem dos animais? (CÍCERO, Sobre o Orador I, 32-33).³³

É pela fala que o homem se posiciona perante a sociedade e torna público o que pensa. Pela palavra o homem se encontra em superioridade, é nela que se encontra “[...] a capacidade de poder expressar o seu pensamento e se entender com os seus iguais” (PEREIRA MELO, 2009, p. 288). Entretanto para ser capaz de atingir sua máxima competência de falar, é necessário desenvolver e cultivar a natureza do *dicere*.

³² Isócrates, mestre da oratória grega, “defendia que a palavra se constitui em criadora da cultura, de que ela faz do homem, Homem, diferenciado dos animais, condição de todo progresso humano e material, dá-lhe condições para exercitar e administrar a justiça, expressar a glória e promover a civilização” (PEREIRA MELO, 2009, p. 288). Filósofo grego que “Critica a contudentemente a retórica formal ministrada pelos autores de manuais teóricos” (PEREIRA MELO, 2009, p. 284).

³³ Pues tan sólo en el hecho de hablar entre nosotros y ser capaces de expresar nuestras sensaciones mediante la palabra aventajamos particularmente a los animales. »Por lo cual quién no ha de admirar con razón esto y juzgar que en ello hay que esforzarse en particular y aventajar así a los hombres mímos en La única cosa en que los hombres aventajan a los animales” (CÍCERO, Sobre El Orador I, 32-33).

[...] com o auxílio da razão, que é seu galardão, percebe as conseqüências, a origem, o passado das coisas, compara-os uns com outros, liga e reata o futuro ao passado; envolve, de um golpe de vista, todo o fluxo de sua vida, e faz guarnição do necessário para iniciar uma profissão.

É também recorrendo à razão que a natureza aproxima o homem do homem, fazendo-os dialogar e viver em comum. Inspira-lhe especial ternura pelos filhos, fazendo-os desejar reuniões e conservar sociedade entre si: por esses motivos ela os entusiasma a procurar tudo o necessário para a conservação e comodidade da vida, não somente para si mesmos, como para sua mulher, seus filhos e todos aqueles que eles amam e devem proteger (CÍCERO, Dos Deveres, I, IV).

O homem é um ser social. Naturalmente se aproximam uns dos outros formando grupos. A comunidade primeira entende a universal, aquela própria do gênero humano, e assim, “[...] formam um só povo, e falam a mesma língua; unem de maneira mais estreita os homens” (CÍCERO, Dos Deveres, I, XVII). Reúnem-se para o bem comum, “[...] exige que se deixe em comum todas as coisas que a natureza produz para uso geral, além de que se observe o que consta das leis e do direito” (CÍCERO, Dos Deveres, I, XVI), formam as cidades.

A própria natureza imprime em cada membro dessa comunidade o compromisso de prestar seus serviços, se comprometer com aqueles que estão mais próximos a si, tendo por objetivo o bem comum. “Esse é o elemento que une os homens, caso contrário a sociedade se dissolve” (CONEGLIAN, 2012, p.78). Assim, os homens criam suas instituições e formulam as leis, regras de conduta que garantam a ordem das coisas, a união e a harmonia entre os homens.

E mais, a vida em comum se converte em exigência primeira da natureza humana. Essa relação originária em uma multiplicidade de obrigações se converte em exigências, tanto ao cuidado com o desenvolvimento da sociedade e do próprio homem que gera um espaço adequado, no qual “[...] o sujeito individual, imerso na sociedade, se desenvolve plenamente. Na medida em que toda esta cadeia seja realizada, assegurada através de uma estrutura social e legal adequada, a humanidade pode ser realizada” (SÁNCHEZ, 2009, p.137)³⁴.

³⁴ “[...] el sujeto individual, imerso en la sociedad, se desarrolle en plenitud. En la medida en que toa esta cadena sea realizable, asegurada a través de una estructura social y legal adecuada, la *humanitas* puede ser realizada” (SÁNCHEZ, 2009, p.137).

A estrutura geral de pensamento, qualidade genuinamente humana, ligada à capacidade de comunicação, garante o progresso dos indivíduos e, conseqüentemente, de uma sociedade na medida em que se identificam por um modo de pensar, e criam coletivamente, seu modo de viver. Sánchez (2009) exige uma pluralidade de seres que assumam a contingência e afabilidade da conduta dos homens, para a preservação e coesão da sociedade, ao mesmo tempo, a necessidade de construir um ideal, permitindo o acesso às novas estruturas da humanidade.

A organização em sociedade é para o homem ao mesmo tempo, condição e necessidade. Condição por haver os elementos que fornece a ele capacidade de comunicação e necessidade por precisarem uns dos outros para a própria sobrevivência. Não se trata da disputa de poder para ganhos pessoais, mas extrapola para o âmbito social, para a coletividade, a consagração do homem aos serviços do Estado.

A comunicação entre os homens ganha um lugar de destaque em Cícero. É pela capacidade de se comunicar que o homem saiu de sua condição selvagem para uma vida mais humana e, ao se reconhecer em sua humanidade, organizou-se em sociedade criando as estruturas físicas e legais que regem suas próprias vidas. “[...] a palavra era considerada como instrumento político importante e não podia estar ao alcance de mãos indevidas” (PEREIRA MELO, 2009, p. 280).

Cícero, ao descrever o homem eleva sua essência humana e atribui a este a responsabilidade de desenvolver-se mediante a capacidade de se comunicar, reconhece que não é somente pela fala que o homem conseguirá se desenvolver e se manter em sociedade, deverá possuir outras capacidades de igual importância, como por exemplo, o talento, o *ingenium*, (qualidade natural).

Para ele existem duas competências que se completam e são necessárias para que o homem atinja o mais alto grau em sua capacidade de comunicação tornando o gênio máximo, o *dicere* e o *talento*. São essas duas competências que se converterão em *magnum ingenium*, (grande talento).

Ele afirma “[...] em minha opinião, a natureza e o talento, em primeiro lugar são os que conferem maior poder à oratória” (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 113).³⁵

³⁵ “[...] es mi opinión que la natueleza y el talento, en primer lugar son los que aportan más posibilidades a la oratória” (CÍCERO, Sobre El Orador I, 113).

Porém, considera que não são todos os homens que possuem o talento e mesmo aqueles que o possui deve desenvolvê-lo para assumir a figura do orador, o *perfectir orattor*, (um orador perfeito), justo e honesto, que seja capaz, com esses princípios, construir-se e conduzir com sabedoria sua sociedade. “Esta é a base em que se realiza a prática, força que, quando respaldada na habilidade natural, assume papel fundamental no processo formativo” (PEREIRA MELO, 2008, p. 192).

4.2 O orador

Para Cícero, o homem ideal a ser formado em Roma, deveria ser o orador, um homem culto, que em domínio da palavra e do conhecimento colocaria seus serviços em favor da República romana. Ou seja, aquele que assumiria o governo do Estado. É este o homem, que seria capaz de salvar a República do estado decadente em que se encontrava.

[...] deixava claro sua compreensão acerca da relação entre conhecimento e ação política, criticando aqueles que, ao invés de buscar explicações para questões do mundo político, como a situação desarmônica entre o povo e o senado que então vivenciava, se inquietava em saber assuntos relativos ao universo (LIMA; CORDÃO, 2007, p.271).

Em face disso, o homem deveria buscar o aperfeiçoamento ético e moral de si mesmo, o que, conseqüentemente, refletiria na sua vida pública. “A virtude pública ou política deveria receber mais consideração do que a virtude pessoal ou ética, porque esta se firmava na prática individual e o seu melhor uso ocorreria quando beneficiada a República” (PEREIRA MELO, 2008, p.10).

Sua preocupação central foi formar um homem com uma moralidade em favor do bem comum e que administraria a República, sendo um político modelo que colocaria suas virtudes e seus conhecimentos em favor da coletividade. Cícero considerou que “[...] os mais capacitados e mais bem formados alcançarão o poder, e o povo os elegerá se os considerar justos e prudentes, desde que não busquem somente a glória” (CONEGLIAN, 2012, p.78).

Cícero coloca o orador em uma posição superior aos demais modelos formativos tidos como ideais em Roma, na medida ampliou seu campo de atuação de tal forma que o coloca no centro de toda a ação política e social. Conforme Ribeiro (1994), Cícero reitera o valor à oratória diante das demais atividades humanas, dignificando o orador a assumir o mais alto posto do governo.

Daí os outros profissionais, as outras áreas de atuação, também são importantes para a sociedade, mas não no mesmo nível do orador, pois a área de atuação deste interfere especificamente nas tomadas de decisões nas assembleias o que reflete diretamente na vida do povo, norteando a sociedade.

A imagem que se deve ter do orador, na perspectiva de Cícero, está distante da que se tinha em Roma, no século I a.C., entendimento que o investe da obrigação de distingui-lo dos demais modelos tidos como ideais, ou daqueles mais ou menos parecidos, e que poderiam promover uma confusão e/ou comparação. Motivo de ele asseverar: “O que buscamos aqui não é um advogado qualquer, um declamador ou um rábula” (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 202),³⁶ o que é enfatizado por ele: “[...] não buscamos um declamador qualquer, da escola, nem um advogado, mas sim, o orador sábio e perfeito (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 47).³⁷ E Cícero continuou, em suas considerações, afirmando que também não faria muito menos comparação do seu orador com uma personagem semelhante aos sofistas, que, nos seus dizeres.

[...] Todos eles pretendem alcançar os mesmos adornos que introduzem o orador as causas. Porém se diferenciam do que, posto em seu propósito, não é exercitar os sentimentos, mas sim aplacar, nem é persuadir tanto, como deleitar e desde que eles deixam claro, e frequentemente que os outros buscam com suas frases, mais a simetria que a aceitação, se separa com frequência do tema, intercalam histórias inventadas, utilizam mais abertamente as metáforas e colocam as palavras como os pintores as distintas cores: utilizam o paralelismo, as antíteses e frequentemente a rima (CÍCERO, El orador, I, 65).³⁸

³⁶ [...] lo que buscamos aquí no es un Causuico un declamador o un Rábula” (CÍCERO, Sobre el Orador, I, 202).

³⁷ [...] no buscamos a un declamador caulquiera de escuela, ni a un picapleitos del foro, sino al orador sábio y perfecto (CÍCERO, Sobre El orador,I, 47).

³⁸ [...] todos ellos pretenden alcanzar los mismos adornos que introduce el orador en las causas. Pero se diferencian de é en que, puesto que su propósito no es excitar los sentimientos, sino más bien aplacarlos, ni es persuadir tanto como deleitar, y puesto que hacen esto más clara y

Para Cícero, não era o suficiente apenas evitar essas deficientes formações educativas. Para ele, o que se fazia necessária era a superação dos modelos pedagógicos utilizados em Roma: o jurisconsulto, o homem de estado ou o filósofo, que, embora para ele apresentassem aspectos positivos, ao tempo em que eram aceitáveis, por outro lado, em seu entendimento, suas formações eram insuficientes pelo caráter parcial formativo que apresentavam. “O que Cícero reivindicava para o processo formativo do orador era o concurso de vários saberes, dada a responsabilidade política, cultural e intelectual” (PEREIRA MELO, 2009, p. 282), que seu orador assumiria na sociedade.

Um homem “que deve estar ciente das suas obrigações para com seus concidadãos” (CONEGLIAN, 2012, p. 80). Daí sua exortação sobre a necessidade de a educação propor algo mais alto e mais nobre: um modelo educativo que soubesse aproveitar tudo o que havia de bom e de positivo nessas demais personagens, mas com ênfase no bem falar. Eram esses, para Cícero, os referenciais para a formação do orador. “Apresentou a chave da independência do orador” (PEREIRA MELO, 2009, p. 288).

Isso foi manifestado por ele pela boca de uma de suas personagens, Crasso, no tratado *Sobre o orador*, que, vez ou outra, se posiciona rebatendo, outra personagem do mesmo tratado, Antônio, que reivindica as especificidades e a validade relativa do filósofo, do político e do jurista, separando-as e distinguindo-as nitidamente das do orador. Situação semelhante acontece em *Bruto*, em que se põem em tela diversas personagens históricas que desfrutaram da fama de grandes oradores, mas que Cícero assinala o que lhes faltou para chegarem à perfeição, ao tempo em que indica a figura que mais se assemelha ao orador: o filósofo, o jurisconsulto e o político.

Em Cícero, se evidencia de forma candente que o orador é o ideal educativo mais perfeito que se pode conceber. Mas essa concepção requer uma problematização: onde se encontram o mérito e a superioridade do orador decantado por Cícero? Não se pode pensar que um senador romano como nosso personagem poderia deixar de reconhecer a importância, a dignidade e o valor da

frecuentemente que nosotros, buscan e con sua frases más la simetria que la aceptación, se aparta con frecuencia del tema, intercalan historias inventadas, utilizan más abiertamente las metáforas y colocan las palabras como los pintores los distintos colores: utilizan los paralelismos, las antítesis y frecuentemente la rima (CÍCERO, El orador, I, 65).

figura do bom político, o primeiro dos ideais da formação romana, conforme se posicionou pela boca de Antônio no tratado *Sobre o orador*:

[...] e, entretanto, me agrada que este agraciado de uma boa voz, de capacidade de executar o discurso com certo encanto. Porém me dá a impressão de que nosso querido Crasso, queria definir as características do orador, não dentro dos limites daquela arte, mas das fronteiras quase ilimitadas de seu talento. Pois de acordo com seu parecer, entregará até mesmo os lemes do governo dos estados ao orador, em que pareceu muito admirável que tu, Cévola, o concedesses a ele, uma vez que inúmeras vezes o Senado deu o seu assentimento para intervenções nas questões mais importantes, apesar de expor-las de maneira breve e pouca arte. E quando Marco Escauro, que não está longe daqui, varão muito competente no governo do Estado, de grande prestígio, se ouviu a ti Crasso, reivindicar a autoridade de seu prestígio e sabedoria por afirmares que ela é própria do orador, viria agora mesmo, creio eu, para cá e aterrorizaria esta nossa loquacidade com sua própria expressão e aspecto; ele, embora não seja nada desprezível quando discursa, apóia-se mais em sua prudência, nas questões importantes do que na arte do discurso. E se alguém é competente nas duas coisas, nem aquele que promove uma decisão pública é um bom senador, é orador, nem este, que é expressivo é eloquente, se ao mesmo tempo se destaca na administração de uma cidade, e tem adquirido este saber pela facilidade da palavra, muito distantes entre si estas habilidades, seguem caminhos muito diferentes. Marco Catão, Publio Africano, Quinto Metelo e Gayo Lelio – todos eles eloqüentes – adornavam seu discurso e a dignidade da República (CÍCERO, *Sobre o orador*, I, 214-215).³⁹

Afirma-se, com isso, a possibilidade de ser um autêntico homem de estado sem dominar o bem falar, pelo simples fato de ser um cidadão romano, portanto

³⁹ [...] y además me gusta que este pertrechado de buena voz, de capacidad para ejecutar el discurso y de un cierto encanto. Pero me da la impresión de que nuestro querido Craso ha querido definir las características del orador, no con los majones de esse arte, sino con los limites poco menos que inabarcables de su talento. Pues además, de acuerdo con su parecer, le ha entregado al orador el timon de la dirección de las ciudades, y me extraña sobremanera, Escévola, que en este terreno tu le hagas esta concesión, teniendo en cuenta que tan a menudo el senado há asentido a tu intervenciones sobre temas de la mayor importância, a pesar de exponerlas con brevidad y poço arte. Y en cuanto a Marco Escauro, de quien me han dicho que está cerca de aqui em su finca, varón muy experto en el gobierno del Estado, si oyera que esse prestígio suyo, fruto de la sensatez de sus consejos, tu, Craso, lo reivindicas al afirmar que Le pertenece por derecho próprio al orador, me parece que ya se habria presentado aqui y habría hecho emudecer esta palabrería nuestra con su sola expresión y aspecto. Pues aun cuando no sea en absoluto despreciable al exponer, en los asuntos d envergadura se apoya más en su prudência que en su pericia oratória.

»Y si alguien es competente en ambas cosas, ni aquel que promueve una decisión pública o es un buen senador es orador por esa misma causa ni este que es disertor y elocuente, si al mismo tiempo destaca en la administración de su ciudad, es que há adquirido este saber por la facilidad de palabra: mucho distan entre si estas habilidades, siguen caminos muy distintos. Marco Catón, Publio Africano, Quinto Metelo y Gayo Lelio – todos ellos elocuentes – adornaban su discurso y la dignidad de la república. (CÍCERO, *Sobre el Orador*, I, 214-215).

revestido das virtudes cardiais que particularizam da sua condição. “O ideal de formação proposto por Cícero, para além de suas especificidades, particularidades e singularidades, até mesmo por isso, assume um caráter mais amplo e complexo” (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 448-449). Não basta, para Cícero, não fale nada saber o que dizer se não puder dizer com beleza e soltura.

E nem sequer isto é suficiente, se o que disser não for reforçado com a voz, o rosto e os gestos. E para que mencionar a necessidade de uma formação teórica? Sem ela, ainda que vocês puderem falar bem sem os dotes naturais, acompanharem, sem dúvida, como se trata algo casual, é impossível estar sempre preparado para falar sobre qualquer tema. Nos discursos de Escauro, homem sábio e moralmente reto, se devem citar uma suprema gravidade e uma espécie de autoridade natural, tal que, quando defendia a um acusado, dava a impressão de estar pronunciando um testemunho e não uma causa. Este estilo oratório parecia pouco apropriado para a defesa de acusados, porém sumamente eficaz para expressar o próprio parecer no Senado, onde ocupava o primeiro posto. Isso evidenciava não só sua sabedoria, senão também, o mais essencial, a confiança que inspirava. Esta qualidade sua era inata, pois seria impossível alcançar mediante o estudo, se bem, como sabes também não havia disposição para isso (CÍCERO. Bruto. XXIX, 111-112).⁴⁰

O que manifesta as diferenças do orador ciceroniano, colocando-o acima do homem, conforme mencionada é sua capacidade de versar com habilidade e competência sobre as temáticas que lhe são propostas, de expor suas ideias de forma adequada a cada momento – isso, em boa medida, devido ao conhecimento que alcançou por meio de seu trânsito pelas técnicas da Retórica.

Assim, antes “por engenho e reflexão; depois, conhecido oradores e letras gregas, com incrível zelo e dedicação [...] com variedade e prática cotidiana nas causas, chega ao ponto máximo” (RIBEIRO, 1994, p. 15). O projeto formativo de

⁴⁰ y ni siquiera esto es suficiente, si lo que se dice no queda realizado con la voz, el rostro y los gestos. Y para qué mencionar la necesidad de una formación teórica? Sin Ella, aunque a veces se puede hablar bien si las dotes naturales acompañan, sin embargo, como se trata de algo casual, es imposible estar siempre preparado para hablar sobre cualquier tema. En los discursos de Escauro, hombre sábio y moralmente recto, se daban cita una gravedad suprema y una especie de autoridad natural, tales que, cuando defendía a un acusado, daba la impresión de estar pronunciando un testimonio y no una causa. Este estilo oratório parecía poço apropiado para la defensa de acusados, pero sumamente eficaz para expresar el próprio parecer en el senado, donde él ocupaba el primer puesto. Eso evidenciaba no sólo su sabeduría, sino también, lo más esencial, la confianza que inspiraba. Esta cualidad suya era innata, pues sería imposible alcanzarla mediante el estudio, si bien, como sabes, también hay preceptos para ello. (CÍCERO. Bruto. XXIX, 111-112).

Cícero, nesse sentido, tem por fim aperfeiçoar as virtudes do homem de Estado com a beleza, o atrativo e a agudeza que possibilitam a retórica, dotando em uma só pessoa esses bens fundamentais para a condição do homem ideal: e essa pessoa é a pessoa do orador.

Desse modo, se evita uma perigosa separação entre a atividade política e a cultura, entre o *vir bonus*, (homem bom), que conhece e respeita a tradição romana e o intelectual formado nas técnicas filológicas e nas doutrinas filosóficas gregas. Entretanto, embora “[...] não era conveniente e nem possível dominá-la totalmente, este fato não impedia o orador de se tornar auto-suficiente, desde que fosse capacitado a enfrentar com segurança as tarefas tidas como verdadeiramente importantes” (PEREIRA MELO, 2009, p. 288).

Outra personagem que, na perspectiva ciceroniana, se rivaliza com o orador, em Roma, é o jurisconsulto “[...] é o que conhece as leis e costume, o direito privado da cidade, que pode responder a todo e qualquer consulta, defende os interesses alheios” (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 212);⁴¹ ou seja, o advogado, o jurista que se especializou na defesa de causas particulares. Novamente, Cícero reconheceu o valor pedagógico desse ator social romano, fundamentado e respaldado pela ciência jurídica. No que se refere ao direito, a personagem de Antônio considera, no tratado *Sobre o Orador*,

E não é que eu me oponha a esta arte. Compreendo que ela seja tão importante o quanto pretendes que ela seja - e de fato, nada se discute que ela é grande, de amplos horizontes, que afeta muito, que sempre esteve muito considerada, também hoje em dia muitos ilustres cidadãos estão à frente deste estudo – mas cuidado Crasso, para que não a espolies e desnudes de cada um dos elementos que lhe foram concedidos por tradição.

De fato, se afirmasse que aquele que é jurisconsulto é um orador, e do mesmo modo, que aquele que é orador também um jurisconsulto, estaria definindo duas ilustres artes como iguais entre si e associadas por um mesmo prestígio. Porém continua e declara que pode haver jurisconsultos sem essa eloquência de que estamos falando e que houve inúmeros, mas afirmas que não é possível haver um orador se ele não tiver tomado para si aquele conhecimento. Realmente o jurisconsulto não é para ti outra coisa que um formalista precavido e agudo, um arauto das ações, um repetidor de fórmulas, um caçador de sílabas, porém, o orador se

⁴¹ “[...] el que conozca las leyes y costumbres y el derecho privado de la ciudad, y pueda responder a todo el que le consulte, y defender los intereses ajenos” (CÍCERO, Sobre El Orador, I, 212).

serve do auxílio do direito em suas causas, como se se tratasse - de um criado ou escravo – nessa ciência jurídica (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 235-236).⁴²

Assim sendo, Antônio afirma a possibilidade de se ser um bom advogado sem a qualificação da ciência do bem falar; além disso, alerta quanto à tendência de se subordinar o Direito à Retórica, quando é esta que deve estar subordinada àquele, como é o caminho, o mérito, o instrumento, no que diz respeito à finalidade para a qual ele deve ser utilizado.

Com isso, se infere o que Cícero pretende de novo, ou seja, realizar uma ligação harmoniosa entre o Direito e a Retórica. É exatamente essa associação que ele identifica no seu contemporâneo Sulpício Rufo e que alicia seus elogios, que “[...] ao procurar as duas artes, a maior glória e maior em crédito, vida civil e forense, realização em uma delas supera, aprendendo. Outra apenas o suficiente para os direitos civis e preservar sua dignidade de cônsul [...]” (CÍCERO, Bruto, XLI, 155).⁴³ Uma vez mais o orador encarna essa aspiração e essa potência, reunindo as virtudes do especialista em direito e do homem culto.

Finalmente, a outra personagem ideal, que em Cícero poderia competir com o orador, é o filósofo, “[...] aquele que conhece a natureza das coisas, de todas as coisas divinas e humanas, e sabe a prática da arte do bem viver” (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 212).⁴⁴

Sem dúvida, Cícero considera que o filósofo se trata do rival mais perigoso do seu orador, motivo pelo qual ataca, de forma dura, contundente, mas

⁴² Y no es que yo me oponga a esta arte. Sea pues tan grande como tú quieres que sea – en efecto, nadie discute que es grande, de amplios horizontes, que afecta a muchos, que siempre estuvo muy considerado y que también hoy en día muy ilustre conciudadanos figuran a la cabeza de dicha actividad -, pero mira, Craso, de no despojar y denudar la ciencia del derecho civil de su tradicional atavío, al pretender adornarla con uno nuevo y que le es ajeno.

»Pues si dijeras que quien es jurisconsulto es orador e, igualmente, que quien es orador es al mismo tiempo jurisconsulto, estarías definiendo dos ilustres artes como iguales entre si y asociadas a un mismo prestigio. Pero a continuación declaras que puede haber jurisconsultos sin esa elocuencia de la que estamos tratando, y que há habido muchísimos; en cambio, niegas que pueda haber un orador a no ser que se haya hecho con esse saber. Realmente, el jurisconsulto no es para ti outra cosa que un leguleyo cayto y agudo, pregonero de procedimientos legales, salmodiador de fórmulas jurídicas y cazador al vuelo de sílabas; pero porque el orador en las causas echa mano del derecho, hás añadido a la elocuencia – a modo de sirvienta y zaguera – esa ciencia jurídica. (CÍCERO, Sobre El Orador, I, 235-236).

⁴³ [...] aun procurando las dos artes la mayor gloria y el mayor crédito en la vida civil y forense, logro en una de ellas aventajar a todos, aprendiendo de la otra solo lo suficiente para poder defender el derecho civil y conservar su dignidad de cónsul (CÍCERO. Bruto. XLI, 155).

⁴⁴ : [...] el que conece la naturaliza y las causas de todas las cosas divinas y humanas, y sabe y practica el arte, del bien vivir” (CÍCERO, *Diálogos del orador*, I, 212).

cuidadosamente, os pontos que, na sua visão, eram os mais frágeis. Filósofos, seus seguidores e estudiosos de filosofia não lhes poupam críticas, recriminações e censuras, em uma primeira instância, pelo caráter arcano e absorvente de seus postulados. “Quanto à educação filosófica, foi incisivo em afirmar, que era um processo complexo e prolongado que distanciava as pessoas da realidade, quando, para ele, a educação era um assunto muito mais simples” (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 451), porque essa, na sua proposta, deveria centrar-se em:

Isto se aprende facilmente se te tomamos apenas o que nos falta e tens quem te ensina bem e se nós mesmos sabemos estudar por nossa conta. Mas, se durante toda a nossa vida não pretentes fazer outra coisa, o tratamento e a questão, por si mesmos, diariamente, produzirão algo que possas investigar com um deleite preguiçoso. Assim, ocorre que a experiência dessa matéria seja ilimitada, seu conhecimento resulta fácil, se a prática confirma a formação teórica, se lhe for atribuído um esforço mediano, se a memória e o estudo permanecem. Pois sempre é agradável aprender, como por exemplo, se eu quisesse ser um grande jogador de ossinhos ou fosse retido pela dedicação à péla, mesmo que talvez não pudesse conseguí-lo; mas os demais, que o fazem ilustremente, Tício com a péla, Brula, com os ossinhos, deleitam-se muito mais do que a causa exige. Porém não há razão nenhuma para que alguém tema a magnitude das artes baseado naquilo que os velhos aprendem. De fato, ou chegaram até elas já velhos, ou detêm-se em seu estudo até a velhice, ou são lentos demais. Em minha opinião, a situação é a seguinte: se alguém não for capaz de aprender algo de maneira rápida, nunca será capaz de aprendê-lo totalmente (CÍCERO, Sobre o Orador, III, 87-89).⁴⁵

Esse caráter abstruso e especulativo, característico da filosofia, aponta para um dos seus defeitos, no pensamento de Cícero, o que provoca sua crítica: sua natureza excessivamente teórica traz consigo, o desinteresse pela política,

⁴⁵ Esto se aprende fácilmente si te coges solo lo que te hace falta y tienes quien te lo enseñe bien y además tu sabes estudiar por tu cuenta; pero si durante toda tu vida no pretendes hacer otra cosa, el hecho mismo de cultivarlo y planteártelo todos los días hace nacer de si mismo lo que tu mismo puedes ir investigando con perezoso deleite. Así ocurre que, aun que la experiencia en estas materias sea ilimitada, su conocimiento resulta fácil si la práctica cimienta la teoría, si se le dedica un razonable esfuerzo y se mantienen el recuerdo y la afición. Pues siempre es agradable aprender: como si yo pretendiese jugar muy bien a las tabas o me dominase la pasión por la pelota, aunque quizás no pudiera conseguirlo; en cambio otros, como Tício con la pelota y Brula con las tabas, porque lo hacen particularmente ben, disfrutan con más vehemencia de lo que la ocasin lo exige. Por lo que no hay razones para que nadie sienta temor ante la amplitud de las artes, por el hecho de que la gente en su jejez la estudia; pues o se acercaron a ellas ya viejos, o llegaron a la vejez estudiándolas, o son muy tientos de entendederas. Y, a mi juicio, la cosa el tal que, lo que no se puede aprender con rapidez, no se puede aprender nunca del todo». (CÍCERO, Sobre El Orador, III, 87-89).

“Para Cícero, os deveres relativos à sociedade estavam acima de qualquer coisa. Em razão disso, se não fosse acompanhada da ação, a contemplação seria imperfeita, e a ação mais conveniente deveria ter por finalidade o bem do homem” (PEREIRA MELO, 2008, p. 198). Os princípios defendidos pelas correntes filosóficas asseveraram Cícero, e, em particular, a doutrina de Epicuro, em relação à qual se posicionou em *Sobre o Orador*:

[...] embora possa parecer verdadeira, contudo está muito distante daquele homem que estamos procurando e que pretendemos que tome a iniciativa de dar conselho público e ser homem, líder no governo do Estado, primeiro homem pelo pensamento e pela eloquência, no Senado, no meio do povo, nas causas públicas. No entanto, não vamos fazer menos, contudo, a essa escola; não vamos expulsá-la dali de onde quer que esteja; pelo contrário, que descanse no seu jardim, como és seu desejo, de onde, mesmo deitando-se com tranquilidade e elegantemente, chama-nos para longe dos tribunais, da cúria, talvez sabiamente, sobretudo na situação política atual (CÍCERO, *Sobre o Orador*, III, 63).⁴⁶

Enfim, para Cícero, o orador é superior ao filósofo porque sabe falar, argumentar e se expressar de forma adequada, segundo as necessidades e as exigências do momento, pois:

[...] expomos o modelo do orador perfeito e da suprema eloquência. O próprio nome indica que o orador perfeito sobressai só nisto, na elocução, mostra que as demais coisas permanecem em obscuridade; efetivamente, este orador não o chamamos de «inventor», nem «compositor», nem «actor», ainda que domine todas essas funções, sem a «rétor», em grego, e «eloquencia» em latim, a partir da «elocução». É que, dessas outras funções o orador e todos os demais reivindicam uma parte, porém o poder supremo da palavra, de dizer, da elocução, só é concedido ao orador.

Ainda que, de fato, alguns filósofos tenham falado com elegância – se é verdade que Teofrasto deve seu nome ao caráter divino de sua palavra, que Aristóteles foi seu rival, que o próprio Sócrates, nas Musas, supostamente falou da boca de Xenofonte, e muito acima de todos os que escreveram, e Platão que falou com doçura e gravidade – sem dúvida seu discurso não tem o nervo e

⁴⁶ [...] aunque a alguien le puede parecer verdadera, con todo está muy alejada de esse varón que estamos buscando y que pretendemos que tome la iniciativa en dar consejo público y que sea guía en la gobierno de la ciudad, y por su opinión y su elocuencia; primero, en el senado, en la asamblea y en las causas públicas. No vamos a hacer de menos, con todo, a esa escuela; no vamos a expulsarla de allí a donde quiere acercarse; por el contrario, que descanse en su lindo jardín, como es su deseo, donde recostado además muelle y elegantemente nos quiere alejar de la tribuna, de los tribunales, del senado, quizá sabiamente, especialmente estando así la cosa pública. (CÍCERO, *Sobre El Orador*, III, 63).

a nitidez da oratória do fórum. Eles se dirigem a pessoas cultas, com a intenção mais de apaziguar seus sentimentos do que de excitá-los, e falam de maneira suave sobre os problemas, para instruir, para seduzir, de maneira que, quando conseguirem em seu discurso uma agradável elegância, alguns lhes pareçam ter conseguido mais do que era necessário. Assim, pois, não é difícil separar a eloquência da qual estamos tratando agora, do gênero filosófico. O estilo filosófico, em efeito, suave e sombrio, sem frases nem palavras dirigidas ao povo, sem a fixação no ritmo, totalmente livre, onde não há a ira, nem a inveja, nenhuma violência, nenhum potetismo, nenhum enrevesamento, é, de certo modo, uma donzela casta, reservada e sem tocha. E, portanto isso se chama mais de prática de falar do que de discurso. E, embora cada ação de falar seja a própria fala, no entanto, é a ação de falar do orador, que apropriadamente é chamada de voz (CÍCERO, O Orador, 61-64)⁴⁷

No pensar ciceroniano, o filósofo não estava familiarizado com argumentos e ideias adequadas para intervir e agir na esfera política e, ainda que estivesse não teria habilidade para apresentá-las e fazê-las valer, porque não tinha trânsito na arte do discurso. “Era acostumado, em seu exercício intelectual e prático, a explicar as coisas a quem estava apto a entendê-las, porém não sabia explicá-las àqueles que não estavam em condições de compreendê-las ou de aceitá-las” (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 453). A conclusão ciceroniana, em Sobre o Orador, diz a respeito o seguinte:

⁴⁷ Pero expongamos ya el modelo del orador perfecto y de la suprema elocuencia. El propio nombre indica que el orador perfecto sobesale solo en esto, en la elocución, mientras que las demás cosas permanecen en la sombra; efectivamente, ese orador no es llamado ni «inventor», ni «compositor», ni «actor», aunque domine todas esas funciones, sino «rétor» en griego y «elocuente» en latín, a partir de «elocución». Y es que, de esas otras funciones que hay en el orador, todo el mundo reivindica una parte, pero el poder supremo de la palabra, es decir, de la elocución, solo es concedido al orador.

Aunque, en efecto, algunos filósofos han hablado con elegância – si es que es verdad que Teofrasto debe su nombre al carácter divino de su palabra, que Aristóteles lês rivalizo con el próprio Isócrates, que las Musas, se según se dice, hablaron casi por bca de Jenofonte, y que muy por encima de todos los que escribieron y hablaron sobresale Platón por su dulzura y su gravedad -, sin embarbo su discurso no tiene ni el nervio ni la agudeza de la oratória y del foro. Ellos se dirigen a personas cultas, con la intención más de apaciguar sus sentimientos que es y en absoluto e de excitarlos, y hablan de temas apacibles y en absoluto excitantes, para instruir, no para seducir, de manera que, cuando consiguen en su discurso una cierta agradable elegância, a algunos lês parece que han ido más Allá de lo que era necesario. Así pues, no es difícil separar la elocuencia, de la cual tratamos ahora, del gênero filosófico. El estilo filosófico es, en efecto, suave y sombrio, sin frases ni palabras dirigidas al puebblo, sin la atadura del ritmo, sino totalmente libre, en el no hay ira, ni envidia, ni violencia, ni potetismo, ni enrevesamiento; es, en cierto modo, una doncella casta, reservada y sin tocha. Por ello, lo suyo se llama más bem plática que discurso. Y es que, aunque toda acción de hablar es discurso, es sin embargo la acción de hablar del orador la que recibe propiamente el nombre del discurso (CÍCERO, El orador, 61).

Embora lhes concedam que discursam no recôndido da sala de aula, para entretenimento, atribuirei e permitirei ao orador esta tarefa: o poder de falar com todo o encanto e a grandeza da eloquência, em torno dos mesmos temas sobre o qual eles disputam com uma linguagem simples e sem vida (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 57),⁴⁸

E acrescenta: “[...] esse era um discurso espinhoso e seco, e muito afastado de nossa concepção.” (*Sobre el Orador*, I, 83)⁴⁹. Em tempo, Cícero ainda observou:

Pois nunca direi que em tudo isto não seja parte que são especificamente daqueles que tem posto todo seu empenho em conhecer e desenvolver todos estes temas, mas o orador completo e perfeito é aquele que sabe falar sobre todos os assuntos de maneira variada e abundante (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 59)⁵⁰

A partir desses referenciais, é que Cícero apresentava aquele que seria, para ele, o orador ideal, o cidadão romano perfeito e acabado, com todas as condições teórico-práticas, objetivas, qualificado, portanto, para responder aos interesses da sociedade romana do seu tempo e, por extensão, da República pela qual tanto prezou e a qual defendeu, a qual mostrava-se para ele “[...] como o melhor sistema de governo, devendo estar fundamentada na verdadeira razão, nos valores romanos tradicionais e em padrões morais que deveriam ser seguidos com determinação e autocontrole (CONEGLIAN, 2012, p.69). E, para salvá-la da ruína, o orador deveria “[...] se revestir de traços distintivos do político, do jurista e do filósofo” (PEREIRA MELO, 2009, p. 280). Pois para ele, “O interesse público reclama gente ativa, participante das paixões sociais e políticas do seu tempo” (CONEGLIAN, 2012, p. 69).

No pensar ciceroniano, este homem só seria capaz de alcançar essa elevação de espírito, diante de um processo formativo sólido e consistente,

⁴⁸ [...] que discutan entre los cuatros muros de sus salas para entretenerse. Pero hay un privilegio que atribuyo y reservo al orador: el poder hablar con todo el encanto y la grandeza de la elocuencia en torno a los mismos temas sobre los que disputan ellos con un lenguaje seco y sin vida” (CÍCERO, Sobre *El Orador*, I, 57).

⁴⁹ [...] éste era su espinhoso y árido, razonamento tan apartado de nuestro gust” (CÍCERO, Sobre *El orador*, I, 83).

⁵⁰ Pues nunca diré que en todo esto no hay partes que son especificamente de aquellos que han puesto todo su empeño em conocer y desarrollar todos estos temas, sino que es orador sin falla y acabado quen sea capaz de hablar de cualquier asunto con soltura y amenidad. (CÍCERO, Sobre *El Orador*, I, 59).

diferente do que ofereciam no momento as escolas dos Retores, considerada por Cícero uma formação aligeirada, por meio de manuais que traziam fórmulas prontas para a repetição de coisas sem sentido à vida do povo romano.

Para Cícero, “Os homens que glorificam a tradição e a cultura deveriam se constituir em norte para aqueles que rompiam com os modelos formativos consagrados e buscavam o caminho do que ele entendia como a verdadeira educação” (PEREIRA MELO, 2008, p.11). Uma educação que não se encerra em poucos anos escolares, que deve ser exercitada ao longo da vida.

A busca do aperfeiçoamento na formação do orador deve ser constante, pois uma vez que se torna modelo social, não mais retornará a uma vida de um cidadão comum. Segundo Cícero, será notado e lembrado em vida, e até mesmo seguido na sua ausência.

Porém vale lembrar que Cícero apresenta ter clareza das condições e limitações humanas e considera que os homens nascem em condições naturais diferentes e, portanto, a formação desse homem ideal não seria uma tarefa simples e fácil.

Embora muitos possuam o desejo de ser orador, nem todos alcançam o mesmo êxito, e, ainda que passem por um processo formativo eficiente, poucos são aqueles que realmente se tornarão bons oradores, pois deverão possuir o talento e o *ingenium*. “Para Cícero, não havia dúvidas, o engenho e a natureza eram as condições primeiras para a plenitude da eloquência” (PEREIRA MELO, 2009, p. 284), e para se tornar um orador ideal, deverá possuir tais privilégios.

E, mesmo assim, embora a natureza tenha fornecido aos homens a capacidade de falar, não se encarrega de empregar nela tudo o necessário para a perfeição, tal responsabilidade compete ao próprio homem.

Nada se torna mais notável no homem, do que sua capacidade de falar, porém maior se torna aquele que emprega em sua fala os ornamentos para o falar bem,

[...] ninguém distingue melhor um verdadeiro orador de outros que são ignorantes, sem experiência na oratória, o ignorante emite descuidadosamente o quanto pode e determina o que fala pelo fôlego, não pela arte, enquanto o orador de tal forma liga o pensamento pelas palavras e encerra numa cadência que é ao

mesmo tempo submetida à regra e livre (CÍCERO, Sobre o Orador, III, 175).⁵¹

É por meio de uma boa oratória que identifica o bom orador. Por meio das palavras pensadas, selecionadas que se move o espírito dos ouvintes, os sentimentos que conduz as multidões para onde se deseja e tal êxito só se alcançará, com uma fala bem ornada. “A natureza tem dotado o homem de um instinto para apreciar a beleza, pois todos podem senti-la e alegrar-se com ela; os entendidos podem analisar os recursos técnicos desse artifício” (MORA, 1997, p. 8),⁵² aprender a utilizá-lo, adequando a alma do ouvinte e movendo seus sentimentos.

Pois é tão admirável quanto de uma multidão infinita de homens, erguer-se um capaz de fazer sozinho ou com muito poucos, o que a natureza concedeu a todo, ou o que é tão prazeroso e tão magnífico quanto mudarem-se as paixões do povo, os escrúpulos dos juízes, a gravidade do senado por meio do discurso de um único homem (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 31).⁵³

É necessário então o aperfeiçoamento da natureza humana, o desenvolvimento da eloquência, o espírito de liderança e ainda a sabedoria para que possa “[...] trazendo a honra para vós mesmos, utilidade para os amigos e proveito para o Estado” (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 34)⁵⁴, o que só será possível por meio de um processo formativo amplo e consistente.

4.3 O processo formativo do orador

⁵¹ “[...] ninguna distingue mejor a un verdadero orador de outro que es ignaro e inexperto en la oratória que este, en su discuidaada torpeza, se extiende cuanto puede y lo que dice l ova marcando con la toma de aliento, no artísticamente” (CÍCERO, Sobre El orador, III, 175).

⁵² “La naturaleza ha dotado a los hombres de un instinto para apreciar la belleza, por lo que todos pueden sentirla y deleitarse con ella; los entendidos, además, pueden analizar los recursos técnicos del artífice” (MORA, 1997, p.8).

⁵³ »Pues que cosa hay tan admirable como que de entre un sin número de individuos soresalga uno que ya solo o en unión de unos pocos pueda llevar a término lo que a todos se lês ha dado por el heco de nacer?, o tan placentero a la inteligência y al aído como un discurso pulido y engalanado con sábios pensamientos y solemnes palabras?, o tan poderoso y magnífico como que el estado de ánimo del pueblo, los escrúpulos de los jueces a todo el peso de un senado pueda cambiar de dirección con el discurso de uno solo? (CÍCERO, Sobre El Orador, I, 31).

⁵⁴ “Para que a vosotros os pueda servir de honra, a vuestros amigos de utilidad y a la vida pública de provecho” (CÍCERO, Sobre El Orador I, 34).

A moral romana está alicerçada no cumprimento dos deveres, na observância dos costumes, caracterizando a *humanitas* romana. Nos textos de Cícero, identifica-se a preocupação com a formação cultural do romano. Para ele a cultura geral era a base da formação. “Essa cultura geral poderia servir ao mesmo tempo como educação, como um ornamento ou como um arsenal, de onde seria possível tirar meios de ação sobre os homens” (BLOCH; COUSIN, 1964, p.167), portanto, a *humanitas* pensada por Cícero recebe uma nova dimensão, nela, “[...] impôs formas racionais e lógicas, adequadas ao sentimento e a ideia, inspirou a preocupação da justiça, do limite, da medida; fez clareza à manifestação do pensamento” (BLOCH; CAUSIN, 1964, p. 148).

Não desconsidera o ideal formativo, fundamentado no direito e no cumprimento do dever que deve estar presente em toda ação, mas remodela e apresenta a capacidade eloquente do homem, revestida da doutrina helenística formando para uma intelectualidade ainda não vivida pelo romano. Reivindica uma formação “[...] para o cultivo de uma série de disciplinas que acreditava serem próprias para a formação do homem livre para a busca da justiça social” (PEREIRA MELO, 2008, p. 207). Entretanto, “o orador de certo modo se reafirma: se nele também há um campo específico ao orador e ao filósofo [...] algumas das práticas ou questões destes devem ser conhecidas por aqueles” (RIBEIRO, 1994, p. 18). O pretendido por Cícero era a superação do modelo de educação praticado em Roma para o orador.

O que Cícero apresenta é um projeto ambicioso em que reúne vários saberes, da História, do Direito, da Literatura, da Oratória, da Retórica, entre outros, “Dentre esses saberes, destaque foi atribuído à Filosofia, em razão das inquietações que ela lhe provocava” (PEREIRA MELO, 2009, p. 282). No seu pensamento a filosofia tinha a tarefa de “[...] elevar a conduta humana, a prática da virtude, a qual não se destina apenas aos governantes, pode ser executada por todos os cidadãos, embora seja para eles que se destinam seus escritos” (CONEGLIAN, 2012, p. 79).

Pretendia um processo formativo no qual o orador pudesse compreender a si mesmo, a organização da sociedade, suas instituições bem como a moral e o conhecimento da alma, podendo dissertar sobre a justiça e convencer as posições com mais segurança, soltura e graça e ainda onde, no discurso,

utilizasse “[...] a oratória como meio de exposição geral, em que a clareza, amenidade e incluindo o ornato, seja quase tão importante como o conteúdo mesmo” (ISO, 2002, p. 42),⁵⁵ Na qual se tornasse capaz de transmitir, sem tensão e dureza, os temas, com inteligência, afabilidade e afeto, tanto no discurso quanto na conversação entre amigos.

Cícero propõe, para isso, um método de ensino e aprendizagem que buscou na filosofia grega, a dialética como método que substituiria as práticas das escolas de retórica da época, compreendia “[...] A dialética como saber geral que organiza e hierarquiza parcelas da realidade” (ISO, 2002, p.42).⁵⁶ Para Cícero “da associação entre filosofia, dialética e retórica surge a cultura perfeita” (PEREIRA MELO, 2009, p. 291).

É por meio da dialética que o orador aprenderia a ponderar seu pensamento, a expressar seu sentimento e a abstrair aquilo que de fato se tornava importante ser verbalizado, desenvolveria a capacidade de tornar público aquilo que fosse significativo para a vida, apresentando todas as suas facetas que conduziria, nos momentos necessários, as tomadas de decisões. Sua principal preocupação era com a “[...] matéria de que compunha a eloquência, ou seja, a linguagem, o próprio ato de falar” (PEREIRA MELO, 2009, p. 289).

As escolas deveriam exercer uma prática do diálogo, da leitura, da escrita e da verbalização, ou seja, o jovem que desejava ser um orador deveria aprender a ouvir, ler, escrever para poder expor todo seu pensamento com clareza e segurança.

A escrita “[...] em particular como conteúdo formativo do orador, merece ser destacado o caráter curioso com que Cícero lhe atribuía importância” (PEREIRA MELO, 2009, p. 289). Vale lembrar que a escrita não era uma prática entre os oradores romanos, e, “[...] sem dúvida é uma prática que Cícero cultivou antes e depois de pronunciar suas primeiras oratórias” (ISO, 2002, p. 31)⁵⁷.

⁵⁵ “[...] la oratoria como un medio de exposición general, en el que la claridad, amenidad e incluso ornato sea casi tan importante como el contenido mismo” (ISO, 2002, in CÍCERO, Sobre El Orador, p.26).

⁵⁶ “[...] la dialética, como saber general que organiza y jerarquiza parcelas de la realidad” (ISO, 2002, in CÍCERO, Sobre El Orador, p.42).

⁵⁷ “[...] sin duda, era una práctica que Cicerón cultivó antes y después de pronunciar sus piezas oratorias” (ISSO, 2002, in CÍCERO, Sobre el Orador, p.31).

A maioria dos oradores exercitava apenas a voz e a rapidez pela qual iria dizer, não tinha o hábito de escrever seu discurso. Cícero ao contrário, reforça a necessidade de escrever o discurso para que possa aperfeiçoar o pensamento. “A escrita é a melhor e mais importante realizadora e mestre do discurso, e não há insulto nisso: se a preparação e a reflexão superam o discurso de improviso e fortuíto, é evidente que a escrita assídua e cuidadosamente, superará a ela” (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 150),⁵⁸ Cícero afirmava que “[...] a melhor maneira de aprender a falar bem é escrever, porque o improvisado é inferior ao discurso preparado, que ocorre melhor ao bico da pena” (ROCHA PEREIRA, 2002, p.146).

O orador ao escrever um discurso, segundo ele, adquiria a possibilidade de meditar e discursar de maneira mais preparada e precisa, pois no momento em que está escrevendo, seleciona no seu pensamento aquilo que é mais importante falar, já que através dela que se realiza a reflexão e a preparação para um bom discurso. “Para ele o sucesso na arte de falar devia-se, em grande medida, ao fato de se escrever o discurso a ser pronunciado, o que indica que a locução de improviso era inferior àquela devidamente preparada” (PEREIRA MELO, 2009, p.6).

Portanto, Cícero afirma que a prática de escrever continuamente aperfeiçoa o orador. “Ao escrever previamente o discurso, busca-se uma oratória brilhante, sem rodeios, que levanta o entusiasmo do auditório” (ISO, 2002, p.31)⁵⁹. Quando o orador tem o hábito de escrever, até quando discursa de improviso seu discurso terá uma qualidade maior, pois tal prática deu a ele total condição de buscar em sua memória as palavras mais apropriadas para cada questão debatida. Ele identifica o orador com um escritor que previamente pensa o que falará. Tal prática será resultado de seu processo formativo.

O que Cícero apresenta é uma formação universal, na qual considera que o jovem romano deveria receber uma mesma formação, universal e cosmopolita, pois, mesmo não almejando os postos políticos, estariam preparados para assumi-los se em algum momento fosse necessário, pois, para Cícero “[...] não tinha sentido ensinar a retórica separada de outros saberes, fazia-se necessário

⁵⁸ “[...] una pluma es la mejor y más excelente hacedora y maestra de oradores, [...]. Pues si una recapitulación y reflexión supera sin dificultad un discurso improvisado una continúa y cuidadosa práctica superará incluso a estas” (CÍCERO, Sobre El Orador, I, 150).

⁵⁹ “[...] el escribir es previo a la oratoria si ha de buscar una oratoria brillante, rotunda que levante entusiasmos en el auditório” (ISO, 2002, in CÍCERO, Sobre El Orador, p.31).

conjugá-la com a formação intelectual e moral, já que os ingredientes que davam efetividade à educação, às diversas virtudes, eram inseparáveis” (PEREIRA MELO, 2009, p. 283).

No seu pensar educativo, embora conserve o espírito prático que havia no povo romano, defende que o orador deveria receber uma formação moral a ser empregada nas práticas sociais e políticas, expressada na ação para manter a organização da República Romana. Ele promove a união entre o teórico e o prático “[...] nos termos Isocráticos, não se dissocia a retórica da filosofia, o que Cícero reverbera no de Oratore” (RIBEIRO, 1994, p. 16), e afirma a compreensão dos deveres de cada um que se dará por meio do processo formativo.

“O que Cícero reivindicava para o processo formativo do orador era o concurso de vários saberes, dada a responsabilidade política, cultural e intelectual que este assumiria em seu meio social” (PEREIRA MELO, 2009, p. 282). Reside aí uma formação que deve extrapolar para um código moral, de alcance social e que pretende buscar um modelo de homem capaz de se tornar o esteio para a sustentação da República. Um homem que compreende, pelo conhecimento da ciência, os princípios para o convívio social e que saiba defender toda e qualquer questão ou causa, uma vez que não há conteúdo moral no discurso se este não for adquirido pelo orador.

O ornato das palavras é próprio do orador, mas o conteúdo do discurso, somente será adquirido em um amplo processo formativo e em especial dos conhecimentos vindos da filosofia, pois, “[...] a sabedoria parece encerrar e ao mesmo tempo produzir o bem, uma vez que, por um lado, é uma ação em harmonia com a nossa natureza, [...]” (CÍCERO, Do Sumo Bem e Do Sumo Mal, III, XVI).

A preocupação central era formar um homem que adotasse a prática da virtude e da política, seja como político, filósofo ou jurista, ou em qualquer outra área, conservando as tradições romanas.

Cícero busca em si mesmo o exemplo desse homem atuante, e assim expressa:

Ainda mesmo que fosse lícito colher o maior fruto do ócio pelo doce e variado dos estudos a que me consagro desde a infância, e ainda mesmo que, sobrevindo algum desastre geral, minha

condição não devesse ser pior, mas a mesma dos outros, não vacilaria em arrostar as maiores tormentas e as próprias inundações fluviais pela conservação dos cidadãos, julgando sacrificar meu bem estar em aras da tranquilidade comum. A pátria não nos gerou nem educou sem esperança de recompensa de nossa parte, e só para nossa incúria e lugar tranquilo para o nosso ócio, mas para aproveitar, em sua própria utilidade, as mais numerosas e melhores faculdades das nossas almas, do nosso engenho, deixando somente o que a ela possa sobrar para nosso uso privado (CÍCERO, Da República, I, IV).

Para ele, Roma precisava encontrar uma nova maneira de conduzir a sociedade para conseguir conservar sua República o que demandava elaborar uma nova forma educativa.

4.4 Crítica às escolas dos Retores e sua proposta formativa do orador

No aprofundamento da discussão do processo formativo, Cícero fez críticas contundentes às escolas, as chamadas escolas dos Retores. Na sua perspectiva, essas escolas não estavam desenvolvendo nos jovens que as frequentavam, a capacidade máxima de oratória, arte que sempre foi considerada pelo romano, condição máxima para atuação do orador.

Observou que essas escolas tinham doutrinas e métodos os quais considera, “[...] necessários para um nível inicial e em um assunto simples, de modo algum o tem por suficiente para a excelência da oratória” (ISO, 2002, p.23).⁶⁰ O que faltava era a compreensão da natureza humana e suas diferenças, pois o método empregado pouco desenvolvia as aptidões de cada um.

Chama a atenção para a prática de desenvolvimento de técnicas, pois a técnica sem a teoria se torna algo sem significado para o orador, não produz efeito prático na atuação. Assim também a teoria sem a prática, não resolve os problemas em cada questão. Não basta aprender técnicas de como falar bem, é necessário conhecer aquilo que pertence aos diversos campos do conhecimento e com certo grau de profundidade. Segundo Cícero “[...], se uma doutrina deve ser combatida, outro referencial doutrinário precisa servir de apoio” (MONTEAGUDO, 2002, p. 63). É com esse pensamento que ele abriu a

⁶⁰ [...] necesarios para un nivel inicial y aun simplificado del asunto, en modo alguno los tiene por suficientes para esa excelencia oratorica. (ISO, 2002, in CÍCERO, Sobre El Orador, p.23).

discussão sobre a qualidade do ensino praticado nas escolas de Retores existentes em Roma.

Para esse estudioso, essas escolas embora seguissem as tradições gregas, não ensinavam os conhecimentos dos grandes filósofos o que ele entendia como importantes para o aperfeiçoamento da oratória. “Não se trata, portanto de separar os amigos e os inimigos da retórica, mas pelo contrário, trata-se de verificar como o pensamento retórico transparece à sua maneira em cada filósofo” (MONTEAGUDO, 2002, p. 63). A prática deveria se fundamentar na Filosofia e na Retórica conjugada com outros saberes, os quais sustentariam toda a atuação do orador.

Conforme Pereira Melo (2009), não foi preocupação de Cícero repassar regras e princípios, mas incentivar a formação de um espírito capaz de adotar o estilo do futuro orador. O ensino para ele deveria oferecer conhecimentos de conteúdo moral, para que o orador pudesse, a partir da expressão e atuação, revestir a sociedade romana, das tradições culturais sob a qual tinha surgido e se estabelecido como uma grande sociedade, superior a outras.

Ao condicionar a técnica retórica à cultura geral, de forma que o orador fundamentasse suas argumentações em assuntos essenciais para o homem. Em Cícero, esse procedimento também podia ser entendido como uma forma de transmissão da cultura geral cujo elemento de sustentação era a linguagem (PEREIRA MELO, 2009, p. 278).

A formação que vinha sendo ofertada nas escolas dos Retores, limitada ao ensino de técnicas para a prática do discurso, estavam enfraquecendo a compreensão dos valores culturais romanos, contribuindo para a perda dos valores morais e culturais. Conforme Monteagudo (2002), a retórica, portanto só se preocupa com a aparência, é técnica, cabe à filosofia a análise do ser, a procura do justo, do bem e do belo em si mesmo. Daí a oposição entre a filosofia e a retórica, pois esta quer apenas convencer. Assim como também a Filosofia sem a retórica é “[...] incompleta, porque ignora a vida política” (MONTEAGUDO, 2002, p. 58), a vida ativa, pois a sabedoria sem a ação é inútil e o que é inútil pode se tornar ofensivo à sociedade.

Cícero critica as escolas por não cultivarem, principalmente, o ensino da Filosofia e se coloca em oposição ao ensino meramente instrumental ou funcional da retórica. A prática dessas escolas, semelhantes ao ensino dos sofistas na Grécia, fazia apologia das técnicas retóricas, o que reduzia a eloquência a uma simples técnica de convencimento, não dava oportunidade ao desenvolvimento da eloquência.

O ensino do *rethor Latinus* tem por objetivo [...] o domínio da arte oratória, tal como o assegura a técnica tradicional, o sistema complexo das regras, de procedimentos e de normas progressivamente estabelecidas pela escola grega a partir da geração dos Sofistas. Ensino inteiramente formal: comunicar as regras e habituar a servir-se delas (MARROU, 1975, p. 437).

Essas escolas praticavam um ensino da oratória meramente instrumental e utilitária, portanto, formalista, o que para Cícero, enfraquecia a formação do orador, tornando sua ação pouco eficaz para atender as necessidades da sociedade no momento.

O método de ensino utilizado era uma prática de realização de uma longa série dos exercícios preparatórios, uma vez concluído, era solicitado do aluno a redação de discursos fictícios, sobre um tema dado pelo mestre, segundo as prescrições e conselhos deste. Guardados na memória, esses discursos eram pronunciados em público, pois, era o momento do neo-orador, exercitar sua ação como parte integrante na formação da arte oratória.

Essa prática formava um orador técnico, mas pouco eficiente para o que pretendia Cícero.

Pois nunca direi que em tudo isto não seja parte que são especificamente daqueles que tem posto todo seu empenho em conhecer e desenvolver todos estes temas, mas o orador completo e perfeito é aquele capaz de falar sobre todos os assuntos de maneira variada e abundante (CÍCERO, *Sobre o Orador*, I, 59).⁶¹

⁶¹ “[...] sino que es orador sin falla y acabado quien sea capaz de hablar de cualquier asunto con soltura y amenidad” (CÍCERO, *Sobre El Orador*, I, 59).

E, portanto, apresentou uma proposta que coloca a retórica em condição de virtude. O orador, além de revestir-se de traços distintivos do político, do jurista e do filósofo, deveria ser íntegro.

Para ser um orador por excelência, o indivíduo deveria possuir algumas qualidades e desenvolvê-las,

[...] certa rapidez nos reflexos da mente e rapidez na inteligência de modo a serem perspicazes na reflexão e no desenvolvimento, férteis no ornar, poderosos e duradouros na memória. E, se alguém pensa que isto se pode adquirir mediante técnica, (o que é falso: de fato, com umas técnicas isto pode iniciar-se e pode ganhar estímulo e impulso por meio da arte; elas não podem, porém, ser introduzidas ou negadas, pois todos eles são dons da natureza), quer dizer, sem dúvida nascem com os homens, a desenvoltura da fala, o som da voz, os pulmões, o vigor físico, certa conformação e aspecto da face em geral e do corpo? (CÍCERO, Sobre o Orador, I, 113-114).⁶²

Compete então ao ensino, fornecer as condições para que o orador atinja o *magnum ingenium*, e se torne um bom orador, pois pela formação é possível; “e não quero dizer com isto que a arte não pode polir alguns – pois não ignoro que os que são bons podem ficar melhores com a aprendizagem e os que não são, podem de algum modo ser aguçado e corrigido [...]” (CÍCERO, Sobre El Orador I, 115).⁶³

A *humanitas* de Cícero expressa à formação liberal e apresenta uma adequação das características do helenismo, um antropocentrismo, o intelectualismo personificado. Para Pereira Melo (2009) é cosmopolita e universal, valorizando o indivíduo no seu particular e na sua liberdade de pensamento, um homem culto e moral. Conforme Arbea (2002) a *humanitas*, para Cícero, é a

⁶² [...] una cierta raidez de refejos en el espíritu y en el ingenio, most rándose así agudos para la imaginación, ricos para la exposición y el ornato y firmes y duraderos para a memoria. Y si alguien piensa que esto se puede adquirir mediante técnica (lo cual es falso: contentémonos si con unas técnicas esto puede iniciarse o ponerse en movimiento; lo que no puede logras una técnica es ni introducirlo ni regalarlo, pus todo ello son dones de la natureleza), qué decir de lo que sin duda nace on el hombre mismo, la soltura de la lengua, el tinbre de voz, los pulmones, el vigor físico y en cierto sello personal que afecta a nuestra expresión y a nuestro porte? (CÍCERO, Sobre El Orador, I, 113-114).

⁶³ “Y no quiero decir con esto que el arte no pueda desbatar a algunos – pues no ignoro que lo que es bueno puede llegar a ser mejor con el aprendizaje y que lo que no es excelente puede de algún odo aguzarse y corregirse [...]” (CÍCERO, Sobre El Orador I, 115).

cultura humana, a formação integral do homem, em sua dimensão tanto intelectual quanto moral, adquirida mediante de uma educação adequada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que cada momento histórico traz consigo suas particularidades e com ele pessoas que pensam a ação humana e buscam compreender as implicações sociais emergidas. Cícero foi esse homem em seu tempo, ao trazer para a discussão a formação do orador.

Apresentou uma proposta de educação ao orador para atender as necessidades da República romana, modelo de governo defendido por ele. E, ao trazer o processo educativo para a discussão, faz uma revisão dos conceitos morais que sustentaram Roma até aquele momento.

Para Cícero, os padrões de comportamento do povo romano, encontravam-se circunscritos na *communitas*, fundamentados nos ensinamentos dos antepassados - *mos maiorum* -, comportamento moral que servia de base de sustentação social, mas que se encontravam enfraquecidos, já não estavam mais sendo observados e cultivados.

Seu pensamento é considerado um marco importante na sociedade romana, entre muitos aspectos, pela genialidade pela qual muitas vezes defendeu as causas em favor da República, pela sua atuação como advogado de notoriedade e por ter contribuído na difusão da cultura grega em solo romano.

Suas traduções de textos do grego para o latim foram importantes para a difusão da cultura grega em Roma. Como escritor, deixou uma vasta produção entre cartas, discursos, tratados filosóficos, retóricos, poéticos e de orientação pedagógica, os quais se constituíram em um rico material de estudo.

Seu pensamento pedagógico traz orientação sobre a necessidade da revisão das práticas educativas ao orador, e ao fazê-lo, apresenta o incentivo da adoção da leitura e da escrita como forma de aperfeiçoamento do desenvolvimento intelectual.

Ao se mostrar um homem preocupado com a teoria sem abdicar da ação, colocando em discussão a necessidade de uma vida intelectual para o homem romano, contribuiu de forma efetiva, para elaboração de uma nova mentalidade.

Ele se encarregou de discutir as escolas de retórica de Roma mostrando-se preocupado com o empobrecimento educativo. Acusa as escolas de formar um homem pouco intelectual e sem princípios morais. Para ele um romano

deveria continuar observando os ensinamentos dos mais velhos, os *mos maiorum*, pois, nestes encontravam-se a base de sustentação da República. Critica o modelo seguido para o ensino da técnica retórica acusando de ter contribuído para o enfraquecimento da formação do orador. As escolas de oradores, para ele não conservavam os ensinamentos necessários para a vida em comunidade. Nesse sentido, o ensino não respondia às necessidades da República, sendo urgente adotar medidas que tornasse o processo mais eficiente, o que implicava uma revisão do currículo.

O modelo de homem para ele é aquele que faz uso da razão e não se deixa ser levado pelos sentidos. Os sentidos são importantes, mas é a razão quem deve guiar o homem.

O espírito humano deve ser desenvolvido e o processo formativo é que se encarregará dessa tarefa. Formar um homem completo e perfeito, capaz de ser modelo para a sociedade, tanto pelo pensar quanto pelo agir. É no conhecimento do conjunto das diversas áreas das ciências, que o orador se formaria para uma atuação que daria a ele condições de exercer seu papel de pilar sustentador da República, como voz formativa no seio da sociedade.

Cícero apresentou medidas nas quais colocaria o orador romano em posição superior ao modelo atual e o projetou tendo como base de sustentação a *humanitas*. A *humanitas* era o modelo de currículo defendido por ele. Porém, nele a *humanitas* ganha uma nova dimensão, deveria congrega os conceitos adquiridos da cultura grega. Ele “coloca na ordem do dia uma nova terminologia, *humanitas*, como uma forma de designar a cultura que alberga um conceito bem determinado de educação” (PEREIRA MELO, 2008, 190). Considera a educação como meio pelo qual permite ao homem alcançar a mais alta dimensão humana superando seus próprios limites e se tornando o líder do governo.

O conceito que Cícero deu a *humanitas* encontra-se intimamente ligado ao seu conceito de humanidade, a qual se sustentaria na aquisição da cultura. Para Cícero, quanto mais se conhece, mais humano se torna. Ele apresentou a formação do homem para a prática do bem comum, em resposta aos interesses públicos. O que pretendia era a formação do homem de *bonae litterae*, (boa literatura) capaz de cativar seus ouvintes por um discurso bem elaborado.

Como modelo educativo, apresentou uma formação moral humanística, com conteúdos e práticas que conduziram à atuação do político nos assuntos essenciais ao homem, fortalecendo as bases da República, evitando a separação entre a atividade política e a cultura.

Apresentou um conjunto de conhecimentos e metodologia que formaria um orador capaz de falar sobre variados temas, com um estilo próprio, conhecimento das causas e poder de convencimento, ou seja, com capacidade de expor suas idéias adequando a cada momento e situação, seja no foro ou onde fosse requisitado.

Defendeu um modelo de formação que reuniriam em uma só pessoa os conhecimentos das diversas áreas, da Filosofia, da História, do Direito, da Literatura, do Ator, da Oratória, da Retórica, da Poesia, entre outros, e com as prática da leitura e escrita, conjugados com as características do homem romano.

Compreendeu-se que, em um estilo eclético e com inclinação ao estoicismo, destacou na sua proposta formativa, ensino da Filosofia à medida que esta fornece normas de conduta e conteúdos para o discurso do orador. O conteúdo vindo dessa área do saber, conjugada com outras áreas da ciência, dariam maior qualidade ao discurso.

Cícero ao discutir a formação do orador, discute o homem eloquente, dotado da razão e da fala – dom natural - privilégio humano. Conceito válido para todos os tempos. O que Cícero defende, não resta dúvida, é que o fato do homem ser provido dessas qualidades naturais, não o torna perfeito, ideal, é necessário cultivá-las e desenvolvê-las mediante ao processo formativo.

Quando Cícero traz para a discussão a formação do homem eloquente, fica evidente a intenção de reforçar o poder da palavra, na qual o homem da aristocracia romana considerava como sua propriedade e instrumento social para obter a carreira política. A comunicação entre os homens ganha um lugar de destaque em Cícero, que reitera o valor à oratória diante das demais atividades humanas, dignificando o orador, colocando-o ao mais alto posto do governo.

Ao reunir virtudes de diversas áreas na formação de um só homem, Cícero alarga os horizontes de atuação do orador e o coloca em um posicionamento de homem ideal. Em vista dos argumentos expressados por ele, o homem eloquente no qual esperava formar para assumir o governo, deveria se posicionar acima do

jurista, do filósofo, do general, comprometido com os rumos políticos, econômicos e sociais de sua pátria, dotado de ampla cultura e rígidos princípios éticos.

Apresentou um modelo educativo com a preocupação de preparar as novas gerações com princípios cívicos, morais, conjugados à dimensão cultural.

Assim, pode-se dizer que Cícero refletiu o seu tempo, ao compreender as tendências culturais e buscar conciliá-las, no comprometimento com sua pátria como homem das letras e da política, propondo um projeto educativo em resposta aos desafios daquele momento.

Para ele, a educação do orador a ser oferecida em Roma deveria ter por finalidade preparar o jovem na garantia de um melhor serviço ao Estado. Porém o nível de orador projetado por ele era praticamente impossível de ser atingido, ele o coloca em um ideal inalcançável. É muito provável que, para projetar seu orador, busca a si mesmo como modelo, pois se mostrou um cidadão comprometido com as causas de sua pátria e se preocupou em cultivar um alto nível intelectual. Possivelmente seu orador não persistiu ao tempo, ficou em seu desejo, não se concretizou.

Contudo, diversos aspectos de sua teoria se mostram bastante atuais, principalmente no que diz respeito ao pensamento de uma determinada realidade social, pois cada povo, cada sociedade, possui seu *ethos*, sua cultura, seus usos e costumes, que embora sofram interferências de outras culturas, não devem perder seu valor, pois é o que garantirá a permanência de sua identidade. O cultivo dos elementos próprios de uma cultura, suas tradições e costumes devem fazer parte do processo educativo como base de sustentação e organização.

As produções que deixou, traz ensinamentos que promovem reflexões para diversas questões, ainda presentes no contexto social, principalmente aquelas de cunho pedagógico, como visão de homem, mundo, sociedade, educação, currículo, práticas educativas, conceitos de leitura, escrita, entre outros.

Estudar Cícero em um processo histórico e historiográfico permite compreender que a produção de conhecimento se dá pelo processo dinâmico e social. Cada momento reserva suas marcas, suas especificidades, porém diversas questões extrapolam seu tempo, invadem outros momentos, se tornando significativas para a compreensão de problemas existentes.

O modo de refletir sobre a realidade varia de tempos em tempos, velhos e novos comportamentos entram em luta e isso se dá, portanto, na mesma medida em que são contraditórios os interesses e as necessidades humanas que caracterizam as relações sociais. Assim considerado, o conhecimento se torna histórico e renovando-se constantemente, provocando o surgimento de novas compreensões.

As preocupações de Cícero com a formação humana apresentam traços de semelhanças em todos os tempos, lugares e culturas, mas, a rigor assumem diferentes perfis e funções de acordo com as particularidades de cada época.

Dessa forma, vale lembrar, mesmo que Cícero tenha sido fruto de seu tempo, com seus ideais históricos, é possível perceber suas proposições ao deixar grafado seu pensamento em uma valiosa produção que chegou até os dias atuais e que nos serviu de material a ser pesquisado.

Os ideais ciceronianos, significam que o processo educativo se torna preocupação daqueles que almejam ver sua nação obtendo supremacia em relação a outras, e traz apontamentos de que a preocupação com o aperfeiçoamento do homem apresenta traços semelhantes em diferentes espaços e culturas, reservando as particularidades de cada povo, em cada momento histórico.

A problematização em torno do pensamento ciceroniano considera-se longe de estar esgotado, merecendo novos estudos e aprofundamentos, pois o que tem a oferecer para a compreensão das questões educacionais, muito está por ser desvendado, pois suas discussões apresentam conceitos válidos para a reflexão de questões que estão relacionadas à humanidade, independente de tempo e de espaço.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Altino. Apresentação. In: CÍCERO, Marco Túlio. **Dos deveres (De officiis)**. São Paulo: Saraiva, 2002.

ARBEA, Antonio. **El Concepto de Humanitas em el Pro Archia de Cicerón**. Onomazein. núm. 7, pp. 393-400. Chile. 2002.

BLOCH, Raymond; COUSIN, Jean. **Roma e seu destino**. Edições Cosmo: Lisboa – Rio de Janeiro, 1964.

CARNEIRO, Roberto. Prefácio. In: FIGUEIREDO, Amélia Simões. **Missionários, Conservadores e Visionários: modos de ser professor**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.

CAMPOS, Rafael da Costa. **A formação educacional do orador e a Retórica como seu instrumento de ação no principado**. Revista de História e Estudos Culturais, Jan./ Fev./ Mar, 2008 Vol. 5 Ano V nº 1. Disponível em: www.revistafenix.pro.br/ - Acesso 07/02/2016.

CATÓN, Marco P.. - **De La agricultura, prefácio, 2-4**. Trad. Amelia Castresana Herrero Madrid: Tecnos, 2009.

CÍCERO, Marco Túlio. **Do sumo bem e do sumo mal**. Trad. Carlos Ancêde Nogue. Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Bruto. Classicos de Grecia y Roma**. Trad. Manuel Mañas Núñez Madrid: Alianza, 2000.

_____. **Defesa de Merena**. São Paulo: Vervo, 1974.

_____. **Catilinárias**. Trad. Padre Antonio Joaquim. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes Ltda., Editora, 1954.

_____. **Da República**. Trad. Padre Antônio Joaquim. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.

_____. **Dos Deveres**. Trad. Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. **Sobre El Orador**. Trad. José Javier Iso. Madrid. (Espanha): Editorial Gredos, 2002.

_____. **A amizade**. Trad. Ferracini Luiz. São Paulo: Escala, 2006.

CONEGLIAN, Stella Maris Gesualdo Grenier. **Dos Deveres de Marco Túlio Cícero e o Processo Formativo do Cidadão Romano**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR.

FARIA, Ruth Junqueira de Faria. **O Helenismo em Roma**. Calíope. Presença Classica. UFRJ, p. 37-43, Jul/Dez. 1984.

FERACINI, Luiz. Apresentação e tradução In: CÍCERO, Marco Túlio. **A amizade**. São Paulo: Escala, 2006.

GALINO, Maria Ángeles. **Historia de la educación**. 2. Ed. Madrid: Gredos, 1973.

_____. **História de la educación – Edades Antigua y media**. Madrid: Gredos, 1973.

GARCIA, Nelson Jahr. Apresentação. In: CÍCERO. **Da República**. Abril Cultural: São Paulo, 2001.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. Antiguidade Clássica II. Vozes, 6. ed., Petrópolis, 1981

GONÇALVES, Maximiano Augusto. **De officiis de Cícero**. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1954.

GONZÁLES, Alberto Medina. Introdução. In: CICERÓN: **Disputaciones tusculanas**. Madrid: Biblioteca Clássica Gredos, 2005.

HARMSEM. Bernardo H. Introdução. In: CÍCERO, Marco Túlio. **Antologia**. Coleção Clássicos vozes. Série Latina II. Rio de Janeiro. Vozes, 1959.

HORÁCIO. **Odes**. Lisboa: Livros Cotovia, 2008.

HORÁCIO. **Odas y épodos**. Sátiras. Epístulas. Arte Poética. México: Porrúa, 1977.

ISO, José Joviér. Introdução. In: CICERON. **Sobre El Orador**. Madrid. Editorial Gredos, 2002.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986

LEONHARDT, Jurgen. CÍCERO: Filosofia entre cepticismo e confissão. In. GRAESER, Andreas. ERLER, Michael. (Orgs.). **Filósofos da Antiguidade: Do helenismo até a antigüedades tardia**. São Leopoldo RS. Unisinos, 2003.

LIMA, Marinalva Vilar; CONDÃO, Michely Pereira de Souza. Discursos Ciceronianos: a oratória como estratégia política na Roma Antiga. **Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, Belo Horizonte, MG, Junho/Dezembro de 2007. V. 20 n.2 Disponível em: <http://revista.classica.org.br>. Acesso aos: 24/07/2015.

LOURENÇO, João Daniel. **Cícero**. Mira-Sintra: Inquérito, 1994.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. E.P.U. São Paulo, 1975.

MEDEIROS, Carlos Eduardo Rebello. O mito do Império Romano: Ponderações sobre as interfaces entre História e cultura Midiática. Fênix: **Revista de História e Estudos Culturais**, UERJ, Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2008. V. 5 Ano V n. 1. Disponível em:< www.revistafenix.pro.br>. Acesso em: 21 out 2015.

MILLARES, Agustin Carlo. **História de La Literatura Latina**. Mexico: Fundo de Cultura Econômica, 1995.

MONTEAGUDO, Ricardo. **Filosofia e Paradigma em Cícero**. Transformação. São Paulo. 2002.

MORA, Carlos de Miguel. En torno al orator: Modernidade de Cicerón. RIBEIRO, Ferreira (coord.). **A Retórica Greco-Latina e a sua Perenidade**. Coimbra, Fundação Eng. António de Almeida, 2000, 645-654.

MORENO, Jua Manuel; POBLADOR, Alfredo; DEL RIO, Dionísio. **Historia de la Educación – Edades Antigua y media**. Madrid: Paraninfo, 1986.

_____. RIO, Dionisio. **Historia de la educación**. 4. Ed. Madrid, Paraninfo, 1971.

NOUGUÉ, Carlos Ancêde. Apresentação. In: CÍCERO, Marco Tulio. **Do sumo bem e do sumo mal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NÚÑEZ, Salvador. Introdução. In. CICERON. **La Invención Retórica**. Madrid. Classica Gredos, 1997.

PACHECO, Sánchez. **Introdução**. In **Cícero, Sobre El Orador**. Madrid (Espanha): Editorial Gredos, 2002.

PEREIRA MELO, José Joaquim. COELHO, João Paulo. **A Contribuição Histórica da Humanitas Latina em Cícero e Sêneca**. 2012. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2012/trabalhos/co_01/016.pdf>. Acesso em; 09 jul 2015.

_____. **Estoicismo e Império Romano**. In. OLIVEIRA. Terezinha. RIBEIRO. Elizabete Custódio da Silva. (org). **Pesquisa em Antiguidade e Idade Média: olhares interdisciplinares**. Vol. II. Maringá: Eduem, 2009.

_____. **Aspectos formativo da Eloquência ciceroniana: uma crítica das técnicas retóricas**. In. OLIVEIRA. Terezinha. RIBEIRO. Elizabete Custódio da Silva. (org). **Pesquisa em Antiguidade e Idade Média: olhares interdisciplinares**. Vol. III. Maringá: Eduem, 2009.

_____. **Cícero: um novo modelo de pensar a cultura e a educação**. In: MACHADO, Maria Cristina Gomes; OLIVEIRA, Terezinha (org). **Educação na História**. 1. Ed. São Luiz: UEMA, 2008, v. 1, p. 189-208.

_____. **A educação e o Estado Romano**. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1331/1140>>. Acesso em; 10 set. 2015.

_____. **Reflexões Sobre os Conteúdos Curriculares da Humanitas de Cícero**. 2009. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/60>>, acesso em; 05 abr 2015.

PLINIO EL JOVEM. **Cartas**. Madrid: Gredos, 2005.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Barcelo: Vergara, 1962.

_____. Nas origens do Humanismo ocidental: os tratados filosóficos ciceronianos. Revista da **Faculdade de Letras, Linguas e Literaturas**. V. II. Porto. 1985.

REALE, G. **História da filosofia antiga: Os sistemas da Era Helenística**. V. III. Ed. São Paulo: Loyola, 1994.

REDONDO, Emilio; LASPALAS, Javier. **História de la educación**. Madrid: Dykinson, 1997.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e Competência. Questões de Nossa época**. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA PEREIRA , Maria Helena Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**. V. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbncian, 2002.

RODRIGUEZ CASADO, A. – **Introducción a la historia universal. El legado de la Antigüedad**. Piura: Publicaciones de la Universidade de Piura, 1988.

SANTIAGO, Homero. Introdução. In: CÍCERO, Marco Tulio. **Da amizade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCIACCA, Michele Federico. **O Problema da Educação: Na história do pensamento filosófico e pedagógico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

SÁNCHEZ, Ángel Martínez. **La Idea de humanitas en M.T.Cicerón**. Daimon. Revista Internacional de Filosofia, n.62; p.123-138, 2014.

SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad. Familiares I, 9, 23**. USP: São Paulo, 2009. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/.../, Acesso aos: 18/12/1015.

TÁCITO, Cornélio C. **La Germania y Diálogos de los Oradores**. n. 85: Madrid-Barcelona, MCMXIX. Disponível em: www.banrepcultural.org – acesso aos 18 jan. 2016.

TEIJEIRO, José Santa Cruz. Apresentação In. CÍCERO. Tratado de los deberes. Madrid, Editora Nacional, 1975.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história.** Belo Horizonte. Revista Várias Histórias v. 24, nº 40; p. 551-568, jul/dez 2008.

VASCONCELOS, Beatriz Ávila. **Educação oratória no de Oratore de Cícero.** Letras Classicas, n. 4, p.179-191, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/>
- Acesso aos 12/08/2015.